

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**CRISTIANE PEREIRA MOREIRA**

**AS TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO EDITORIAL DE LIVRO PARA CRIANÇAS  
PELA TEIA DOS “ALTAMENTE RECOMENDÁVEIS” NAS CATEGORIAS  
CRIANÇA E TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO CRIANÇA DA FNLIJ.**

**SANTARÉM  
2024**

**CRISTIANE PEREIRA MOREIRA**

**AS TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO EDITORIAL DE LIVRO PARA CRIANÇAS  
PELA TEIA DOS “ALTAMENTE RECOMENDÁVEIS” NAS CATEGORIAS  
CRIANÇA E TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO CRIANÇA DA FNLIJ.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal Oeste do Pará (Ufopa), como requisito para obtenção do título de mestre na área de concentração Estudos de Línguas e Literatura na Amazônia, linha 2: Poéticas da linguagem e culturas na Amazônia.

Orientador: Professor Dr. Zair Henrique Santos

**SANTARÉM  
2024**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

- M838t    Moreira, Cristiane Pereira  
          As tendências da produção editorial de livro para crianças pela teia dos “altamente recomendáveis” nas categorias criança e tradução/adaptação criança da FNLIJ / Cristiane Pereira Moreira. – Santarém, 2024.  
          179 p.  
          Inclui bibliografias.
- Orientação: Zair Henrique Santos.  
          Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras.
1. Literatura infantil. 2. Produção editorial – Livro infantil. 3. Leitura. 4. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. I. Santos, Zair Henrique, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 028.5



Universidade Federal do Oeste do Pará  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ATA Nº 1

Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, na Sala H105 do Instituto de Ciências da Educação, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos professores Prof. Dr. Zair Henrique Santos (orientador e presidente), Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto (membro externo) e Profa. Dra. Silvia Cristina Barros de Souza Hall (membro interno) a fim de argüirem a mestranda CRISTIANE PEREIRA MOREIRA, com a dissertação intitulada "AS TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO EDITORIAL DE LIVRO PARA CRIANÇAS PELA TEIA DOS ALTAMENTE RECOMENDÁVEIS NAS CATEGORIAS CRIANÇA E TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO CRIANÇA DA FNLIJ". Aberta a sessão pelo presidente, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

Aprovada, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.

Reprovada.

Dr. LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO, UFOPA

Examinador Externo ao Programa

  
Dra. SILVIA CRISTINA BARROS DE SOUZA HALL, UFOPA

Examinadora Interna

  
Dr. ZAIR HENRIQUE SANTOS, UFOPA

Presidente

  
CRISTIANE PEREIRA MOREIRA

Mestrando

Aos meus familiares,  
especialmente meus pais, meu  
esposo e meus filhos - Lucas e  
Laura.

## AGRADECIMENTO

Agradeço à Deus, aos meus pais José Genaldo Moreira e Maria de Fátima Pereira Moreira, aos familiares e amigos que até aqui me fizeram acreditar que é possível alçar voos mais altos. Agradeço, de modo carinhoso, ao meu esposo Erivelton Viana Sampaio, por estar nessa caminhada desde o início, sem soltar minha mão um só instante, por não pensar duas vezes e dizer estarei contigo, onde estiver, foi assim que nos mudamos, literalmente, de Manaus para Santarém para que eu pudesse cursar o “meu” mestrado com tranquilidade.

Agradeço aos meus filhos, Lucas e Laura, que embora ainda muito pequenos, e sem ter esse discernimento contribuem para que este sonho seja alcançado. São com eles os momentos de maior calma, do riso solto, das brincadeiras, das descontrações. Sem romantizações desnecessárias, pois educá-los é um grande desafio, mas de longe é neles que encontro maior leveza e motivação para continuar trilhando na pesquisa.

Agradeço algumas pessoas que aqui vou nominar por respeito, gratidão e reconhecimento, são elas: Maridulce Lustosa, Naira Augusta Pedroso, Érica Amorim; por toda paciência, generosidade e expertise, cada uma com suas respectivas habilidades e nuances colaboraram com a construção do meu projeto para participar da seleção. Sinalizaram-me os problemas, revisaram, sugeriram, escutaram-me, foram humanas.

Agradeço aos colegas da primeira turma de mestrado em Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará, a parceria, a admiração e o respeito que até aqui nos nortearam e aos poucos fomos construindo nossa história.

Agradeço aos professores que ministraram as disciplinas nos dois primeiros semestres do mestrado, cada um contribuiu a sua maneira com meu crescimento nesse processo de constante aprender, seja em observações do tipo “como é gostoso ler teu texto”, ou por atitudes de disponibilizar um horário em sua agenda e dar um feedback, ou no diálogo em busca de apoiar-me enquanto estava com minha filha de apenas cinco meses internada com covid, ou estimulando para escrita de capítulos de livros, de artigos para publicação.

Agradeço à Fabíola Farias e a Wanessa Camasmie que generosamente compartilharam conhecimento, sugeriram leituras. Camasmie disponibilizou seu tempo para dialogar, trazer de modo muito especial suas contribuições para que construíssemos uma pesquisa exitosa. Além de sua disposição em avaliar-me por ocasião da minha banca de qualificação.

Agradeço à Professora Silvia Cristina Barros por contribuir em minha avaliação da Banca de Qualificação e na Banca de Defesa.

Agradeço, um professor, de modo especial, o Professor Luiz Percival Britto, por generosamente acolher-me no Lelit, e junto ao meu orientador, aproximar-se do meu objeto de pesquisa. Por me apresentar um universo extraordinário pelo qual me encantei, os livros para criança, à FNLIJ, à leitura e à biblioteca.

Agradeço, a uma pessoa que conheci no mundo dos livros, que entende muito, mas muito mais do que eu sobre livros. Alguém que desde o primeiro contato, na Biblioteca do Lelit, nossa parceria se estabeleceu de modo espontâneo, natural. Foi parceira no empréstimo de seus livros, nas revisões dos meus textos e tantas outras coisas. Gratidão Roseane Serrão (Rosi).

Agradeço às editoras: Paulina, Editora do Brasil, Pulo do Gato, Moderna, Aletria, Carochinha, Jujuba, Ôzé Editora, Pallas Mini, Peirópolis e Piu por atenderem meu pedido de doação e encaminharem os exemplares.

Agradeço ao Lelit, grupo de estudo e pesquisa, que hoje posso dizer, eu faço parte, aprendo cotidianamente, encontro-me em formação como pesquisadora e sinto-me à vontade para contribuir com os parceiros de estudo.

Agradeço ao meu Orientador, Professor Dr. Zair Henrique Santos, e aqui registro, um grande profissional, em quem encontrei parceria, exigência, companheirismo, diálogo, humanidade. Me deixou exercer autonomia, mas sempre exigiu responsabilidade, juntos estamos realizando muito mais que uma pesquisa, estamos desenvolvendo atividades científicas, como o resgate do Lelitiano, os encontros semanais do grupo de estudo com os demais orientandos, rodas de conversa. Minha gratidão será eterna, a sua simplicidade e o seu jeito brincalhão jamais superaram o tanto de conhecimento que compartilha com seus orientandos, abro um parêntese para registrar o quanto ele fica ansioso quando estamos participando de alguma seleção, ele se faz presente e segura à mão. Obrigada, professor!

Toda a experiência humana, todos os sentimentos que nos qualificam estão contidos na literatura. (MARINA COLASANTI, 2018).

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar as tendências da produção editorial dos livros para criança, no que diz respeito à literatura, à ilustração, ao projeto gráfico, aos elementos estéticos e aos aspectos históricos, culturais e políticos, por meio dos livros infantis com o selo “Altamente Recomendável”, nas Categorias Criança e Tradução/Adaptação Criança, do Prêmio Anual da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), nos anos 2020, 2021 e 2022. Enquanto estratégia investigativa, realizamos estudo bibliográfico, associado à análise documental. O embasamento teórico se deu referente aos conceitos de Livro, Leitura, Literatura, Literatura infantil, Estética, Leitura, Criança e Infância e os procedimentos de análise ocorreram em documentos, como: regulamentos, listas de resultados, reportagens antigas, entrevistas, livros, estatuto e relatórios de pesquisas. A coleta de dados dos livros analisados se deu por meio do Instrumento de Registros para Análise dos Livros para crianças (de própria autoria). A partir dos resultados obtidos, identificou-se investimento tecnológico que proporciona a diversidade estrutural nos projetos gráficos, a presença tanto da linguagem escrita, quanto da linguagem visual, a complexidade na leitura destes livros, o uso da palavra literatura como mera finalidade comercial, a influência da FNLIJ nas listas de livros das políticas públicas de compra e distribuição do Ministério da Educação (MEC) e na indústria editorial brasileira de livros infantis, a composição geográfica dos leitores - votantes da FNLIJ com pouca representatividade de especialistas da Amazônia, a pouca presença da Literatura Infantil enquanto campo de estudo nos cursos de licenciatura em Letras. Desta forma, a pesquisa sugere a luta pela garantia de direito ao acesso e à leitura dos livros com selo “Altamente Recomendável”, além dos premiados, em todas as escolas públicas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, o uso adequado da palavra “literatura” na identificação dos livros para criança, a criação de disciplinas do campo de estudo Literatura Infantil no Curso de Licenciatura em Letras, a formalização da parceria entre a FNLIJ e LELIT/Ufopa, além de maior representatividade de leitores-votantes de outras regiões do país.

**Palavras-chave:** Produção Editorial, Leitura, Livro infantil. Literatura infantil. FNLIJ.

## ABSTRACT

This research aimed to identify trends in the editorial production of children's books, with regard to literature, illustration, graphic design, aesthetic elements and historical, cultural and political aspects, through children's books with the seal “Highly Recommended”, in the Children and Translation/Adaptation for Children Categories, of the Annual Award of the National Foundation for Children's and Young People's Books (FNLIJ), in the years 2020, 2021 and 2022. As an investigative strategy, Bibliographic Research was used, associated with Document Analysis. The theoretical basis was based on the concepts of Book, Reading, Literature, Children's Literature, Aesthetics, Reading, Children and Childhood and the analysis procedures took place in documents such as: regulations, lists of results, old reports, interviews, books, statutes and research reports. Data collection from the books analyzed took place using the Records Instrument for Analysis of Books for children (own authorship). From the results obtained, technological investment was identified that provides structural diversity in graphic projects, the presence of both written and visual language, the complexity in reading these books, the use of the word literature as a mere commercial purpose, the influence of the FNLIJ on the book lists of the public purchasing and distribution policies of the Ministry of Education (MEC) and on the Brazilian children's book publishing industry, the geographic composition of readers - FNLIJ voters with little representation of experts from the Amazon, the little presence Children's Literature as a field of study in Literature degree courses. In this way, the research suggests the fight to guarantee the right to access and read books with the “Highly Recommended” seal, in addition to those awarded, to all public schools of Early Childhood Education and Elementary Education, the appropriate use of the word “literature” in the identification of books for children, the creation of subjects in the Children's Literature field of study in the Literature Degree Course, formalization of the partnership between FNLIJ and Lelit/Ufopa, in addition to greater representation of voting readers from other regions of the country.

**Keywords:** Editorial Production, Reading, Children's book. Children's literature. FNLIJ.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 A ESCOLHA DOS “PONTOS”: O OBJETO LIVRO .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Tecendo uma definição.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 Uns "nós" na tecitura: o livro para crianças.....</b>	<b>25</b>
1.2.1 Fios soltos: Livros literários e não-literários.....	29
1.2.2 Fios coloridos: O livro ilustrado.....	37
1.2.3 Fios delicados: As concepções de criança e infância e o universo livro.....	41
1.2.4 Fios resistentes: A materialidade do livro pela leitura.....	44
1.2.5 Fios criativos: A materialidade do livro: o projeto gráfico.....	50
<b>2 TECITURA METODOLÓGICA.....</b>	<b>54</b>
<b>2.1 Encadeamentos para o objeto de pesquisa.....</b>	<b>55</b>
<b>2.2 Alinhavados teóricos.....</b>	<b>60</b>
<b>2.3 “Entretences” investigativo.....</b>	<b>62</b>
<b>2.4 Tranças procedimentais.....</b>	<b>64</b>
<b>3 AS PONTAS DO TECIDO: CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO.....</b>	<b>70</b>
<b>3.1 A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ.....</b>	<b>70</b>
3.1.1 O “ponto” inicial.....	71
3.1.2 <i>Board on Books for Young People - IBBY</i> .....	75
3.1.3 “O ponto cruz”: A FNLIJ na contemporaneidade .....	76
3.1.4 As tranças da seleção anual: O universo das premiações.....	78
<b>3.2 Compreendendo o regulamento: Seleção anual.....</b>	<b>80</b>
3.2.1 As categorias da premiação.....	82
3.2.2 O selo “Altamente Recomendável”.....	86
<b>3.3 A Fnlij e o Lelit.....</b>	<b>89</b>
<b>4 O LIVRO PARA CRIANÇA: O ENTRELAÇAR ENTRE BEM SIMBÓLICO CULTURAL E PRODUTO MERCADOLÓGICO.....</b>	<b>94</b>
<b>4.1 As tranças históricas da produção editorial.....</b>	<b>101</b>
<b>4.2 O tear em números da produção editorial.....</b>	<b>109</b>
<b>5 DO TEAR AO TECIDO.....</b>	<b>124</b>
<b>5.1 Os entrelaçados paratextuais.....</b>	<b>132</b>
<b>5.2 Os entrelaçamentos estéticos.....</b>	<b>144</b>

<b>6 ACABAMENTOS INACABADOS.....</b>	<b>164</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>169</b>

## INTRODUÇÃO

Quantas dúvidas, quantos medos, quantas angústias; num processo evolutivo que aos poucos foi se tornando encantamento, satisfação e curiosidade. Nessa dialética está centrada nossa pesquisa, cuja problemática consiste em identificar as tendências da produção editorial brasileira de livros para criança, tendo como objeto empírico os livros com o selo “Altamente Recomendável” da FNLIJ, nas Categorias Crianças e Tradução/Adaptação Criança, nos anos de 2020, 2021 e 2022. Nossa investigação consiste em verificar sobre os elementos artísticos, culturais, históricos e políticos presentes nos referidos livros, analisando as artes - literatura e ilustração, bem como, os projetos gráficos.

Assim como artesãos, tecelões, costureiros, num exercício diário, de paciência, curiosidade e criatividade, trançam os fios, desencadeamos as ideias, desatamos os “nós”, decidimos os “pontos”. Numa construção que envolve importantes conceitos, como leitura, literatura, literatura infantil, ilustração, estética, livro, concepções de criança e infância. Um novelo que horas parece arrumadinho, organizado, ledado engano; conceitos que parecem simples e na verdade estão cercados de complexidade, principalmente pela diversidade e amplitude existente em torno de cada um deles.

É importante dizer que ao longo de nosso tecer, utilizamos “tecitura”, que conforme o dicionário online de Português trata de um substantivo feminino que significa “a reunião dos fios que se atravessam no tear”, portanto relacionada ao tear, tecer, fiar, encadear, costurar, trançar. Esta escolha ocorre de modo muito natural, a partir da imersão da pesquisadora nos diversos ambientes deste universo rico e dinâmico da pesquisa, momentos em que a memória nos remeteu para a infância, num lugar em que viu tecer objetos de uso do cotidiano, como a peneira, o tipiti, o abano, o paneiro, viu tecer as roupas de crochê, de lã e costurar as roupas com os mais variados tecidos.

Nossa tecitura envolve discussões teóricas, definição do objeto de pesquisa, a leitura de livros para criança, coleta de dados e análise dos mesmos. Uma construção baseada em acontecimentos históricos, interligadas por conceitos, com conhecimentos organizados em camadas, com possibilidades de “fios” soltos, não por desleixo, mas por compreender que embora tentemos traçar um acabamento para nossa produção, ela será sempre inacabada, por nela existir um campo muito vasto para ainda ser explorado.

Na primeira sessão, estabelecemos um entrelaçado sobre o objeto livro, para compreender o que é o livro? Afinando os pontos e entender o que é o livro para crianças?

Percorremos primeiro pela etimologia, seguimos os passos de Lajolo & Zilberman (2017) que apoiam-se numa definição poética de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Perpassamos pelo olhar humanizador de Antonio Candido (2011), costuramos a abordagem do livro na indústria, como em Robert Darton (2010), ampliamos o tecer com Hansen (2019) numa perspectiva de produto construído processualmente. Seguimos e ao mesmo tempo recuamos com Chartier (2010) apontando a ordem do livro, esse objeto industrializado que só concretiza-se como tal, se for lido, portanto, surge um ponto importante, o leitor. Nosso entrelaçar avança e muda o tipo de ponto, assim a transição sobre o que é o livro para o que é o livro para crianças vem por meio da mensagem do *International Board on Books for Young People – IBBY* por ocasião do Dia Internacional do livro infantil.

Seguimos em busca de compreendermos o livro para crianças, em discussões acerca de quem escreve esse livro com público previamente definido, como está estruturado, as nuances em seus registros catalográficos, os livros literários e não-literários, a partir da definição de literatura enquanto arte, resultado de um trabalho estético. A tecitura vai ficando maior, os pontos vão se alargando, segue o entendimento sobre esse livro no universo do que é a literatura infantil? Seu surgimento, seus avanços, sua consolidação enquanto campo de estudo. Costuramos sobre a origem e a definição do livro ilustrado, compreendendo o que é ilustração? Assim como uma flor delicada, tecida em crochê, chegamos à discussão sobre a concepção de criança e infância.

Os pontos mudam, para deixar um tecido mais bonito, o “fio da meada” faz uma retomada da ordem do livro e fecha esta etapa do tecer estabelecendo reflexões a cerca de leitura, do ato de ler e sobre o projeto gráfico, organizados num “ponto trama” de crochê - firme e dupla face, a materialidade do livro pela leitura e pelo projeto gráfico.

Todo esse entrelaçado vem registrado em nossa tecitura metodológica, que aqui destacamos a necessidade de dialogar entre duas maneiras parecidas, mas com características próprias, a pesquisa bibliográfica e a análise documental, estratégias importantes na coleta e análise dos dados. Detalhamos os fios tecidos, apontamos os encadeamentos para o objeto, os alinhavados teóricos, os entreteceres investigativos, as tranças procedimentais e possíveis acabamentos.

Como nosso artesanato é manual, detalhista e o criamos com cuidado, vamos exercitar a análise documental para entender em que contexto ou contextos está o nosso objeto. É um novelo grande e diferente, imaginemo-lo com linhas diferentes e bonitas, assim traremos a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), como a sessão do *Board on Books for*

*Young People - IBBY* no Brasil, percorremos 55 anos de história, construção de uma identidade relevante, que tem um papel importantíssimo para a literatura infantojuvenil brasileira. Trançamos pelo universo das premiações, das categorias dos livros, do selo “Altamente Recomendável”, até chegarmos à relação entre FNLIJ e LELIT.

Ao tornar-se um ponto do trançado fortalecido, na medida em que está contextualizado. Entrecruzamos as reflexões acerca da produção editorial de livros no Brasil, por meio de dados da pesquisa em relação aos investimentos realizados pelo governo para a compra e distribuição de livros na Educação Básica e os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, lugar em que fica claro a disparidade existente entre os bilhões pagos pelo governo e o número de leitores existente no país.

Seguimos as tranças apresentando a análise dos livros com o selo “Altamente Recomendável” da FNLIJ, das categorias Criança e Tradução/Adaptação Criança, estabelecendo um diálogo com as discussões teóricas e conceituais apresentadas no primeiro momento deste tecer. E por fim, temos a sessão dos Acabamentos inacabados, considerações finais que deixam muitas pontas dos fios para serem tecidas em outros momentos de pesquisa, talvez até por outros pesquisadores.

**“QUANTO MAIS A TECNOLOGIA SE IMPÕE,  
MAIS REDEA EU VOU DANDO  
PRO MEU GOSTO DE FAZER A MÃO.”  
LIGIA BOJUNGA**



Ilustração de Alexandre Rampazzo

## 1 A ESCOLHA DOS “PONTOS”: O OBJETO LIVRO

A olho nu, enxergamos um objeto<sup>1</sup>, em geral, retangular, de tamanhos variados, espessuras diversas e que leva nosso pensamento, de forma imediata, a imaginarmos algo cheio de palavras, ou seja, o texto<sup>2</sup>. Embora pareça fácil, o simples ato de descrever o livro nos causa bastante incômodo, no sentido de investigar o que é o livro? E de forma mais específica, o que é o livro para criança? O que o caracteriza? Neste capítulo, discorreremos acerca destas e de outras reflexões, com intuito de traçar uma definição ao nosso objeto de pesquisa.

A palavra livro vem do latim "*Liber*" - que significa "película livre, entrecasca de árvore, fibrosa que servirá de papel" (Portela, 1984, p. 114). Em relação à origem do livro, apontamos sob duas perspectivas, conforme Yves Mollier (2009, p. 522): “a transformação material do suporte livro” e a “forma simbólica”. Sobre a primeira, o autor afirma:

[...] dos ossos de mamíferos e cascos de tartaruga até estelas de pedra da China antiga e tabletes de argila da Mesopotâmia. Em seguida, vieram os rolos de papiro do Egito dos faraós e os pergaminhos da Biblioteca de Alexandria, antes de aparecer, em torno dos séculos I e II da era cristã, a substituição do volume pelo códice, e dois mil anos mais tarde, do códice pela tela plana ou reader.

Esta evolução histórica está diretamente relacionada ao material utilizado pelos homens, em diferentes momentos e lugares, para produzir o que hoje, convencionalmente, chamamos de livro. Já a segunda trata da construção de sentido, expressa na materialidade deste produto, que para Chartier (1998, p. 8) em “A ordem do livro”, a estrutura física, de algum modo, influencia nessa construção, ao dar forma à obra e ao discurso, chegando ao leitor por meio da voz da narrativa. Exemplificamos com a voz do premiadíssimo escritor e ilustrador Alexandre Rampazo<sup>3</sup> (2023), a materialidade como elemento da narrativa pode ocorrer com o passar das páginas, “passagem de tempo, transposição de ambiente”; a página em branco, “pode estar repleta de significado, de camadas” (Informação verbal).

Aqui, já observamos que não se trata de um objeto simples. Refletir sobre o sentido que há em toda essa construção que perpassa pela criação do escritor, pela matéria-prima,

<sup>1</sup> Do latim “*obiectus*” algo que está adiante, coisa material

<sup>2</sup> [...] é um *constructo* que é preciso desconstruir e reconstruir e isso exige esforço, embora não signifique que seja isento de prazer. (BÉRTOLO, 2014, p. 48)

<sup>3</sup> Informação verbal, entrevista sobre materialidade do livro como elemento da narrativa (27 nov. 2023), Canal YouTube Revista Fronteiraz.

pelo projeto gráfico, pelo texto, pelas imagens, e que envolve o escritor, os diversos profissionais da produção editorial e o leitor, nos coloca diante de um desafio instigante e necessário, sobretudo nos dias atuais.

Há uma diversidade estrutural do livro na contemporaneidade, em relação à forma (estrutura), ao tema (conteúdo) e ao discurso. Nesta sessão, traremos algumas reflexões pertinentes em torno deste suporte, principalmente em relação àqueles que são produzidos e direcionados ao público infantil, compreendendo que

**Todo livro tem história**, embora nem todos contenham histórias. Há os de conteúdo informativo ou lírico, por exemplo. Mas todo livro tem, ele mesmo, uma história – uma sequência, nem sempre linear e planejada, de eventos possíveis de serem rememorados e registrados por escrito. (Mortatti, 2023)

Com intuito de situar o leitor, reafirmamos a escolha de desenvolver um texto na mesma perspectiva de construir um tecido, daí expressões como tecitura, "nós", "pontos" serão comuns ao longo de nossa produção. Tal escolha justifica-se na concepção defendida por Hansen (2019, p. 62) "o texto é um tecido de proposições, ou seja, uma complicação, literalmente, um conjunto de relações, simultaneamente que se desdobram horizontalmente na sequência e verticalmente nas referências, relacionando-se com outros desdobramentos".

### 1.1 Tecendo uma definição

Toda tecitura, por mais simples que pareça, não é fácil de ser realizada, sobretudo se o artesão precisa fazer escolhas diante das diversas possibilidades para tecer. Aqui pretendemos praticar um modo de compor que contemple tanto o dizer poético, quanto o dizer teórico sobre o que é esse objeto. Dito isto, baseados em Lajolo e Zilberman (2017, p. 23 - 25), as quais apontam uma profunda inquietação ao questionar “Que coisa é o livro?”, por meio do poema de Carlos Drummond de Andrade:

Que coisa é o livro? Que contém na sua  
frágil arquitetura transparente?  
São palavras, apenas, ou é a nua exposição  
de uma alma confidente?  
De que lenho brotou? Que nobre instinto  
da prensa fez surgir esta obra de arte.  
Que vive junto a nós, sente o que sinto  
e vai clareando o mundo em toda a parte?

Meu caro José Olympio, sê louvado  
 pelos livros que o tempo vai guardando  
 nascidos de teu sonho no passado,  
 pois cada livro ao tempo irá lembrando  
 o que a vida de um homem pode ser  
 quando ele sabe amar e compreender

Carlos Drummond de Andrade

A escolha por iniciarmos com este poema deu-se por perceber nele um chamado a refletir sobre o que é o livro, considerando o aspecto estrutural, “Que contém na sua frágil arquitetura transparente”. O texto escrito e sua estética, como no verso, “São palavras, apenas, ou é a nua exposição de uma alma confidente?”. A matéria-prima “De que lenho brotou?”; o processo de produção editorial “Que nobre instinto da prensa fez surgir esta obra de arte”, trata de um objeto que contém arte. Esta, para Nunes (1999, p. 9), consiste em “um fenômeno natural e parte da cultura” e por meio dela é possível compreendermos o processo histórico da existência humana.

No poema, observa-se a funcionalidade do livro, como em “Que vive junto a nós, sente o que sinto e vai clareando o mundo em toda a parte?”, ou mesmo em “pelos livros que o tempo vai guardando”. Traz indícios de impactos da relação do livro com o homem ou vice-versa, como nos últimos três versos, “pois cada livro ao tempo irá lembrando o que a vida de um homem pode ser/quando ele sabe amar e compreender”. O poeta aponta uma definição de livro como uma obra de arte, observando a possibilidade humanizadora que o texto “obra de arte” traz por meio do objeto “livro”.

Ao falar de possibilidade humanizadora, Candido (2011, p. 182) afirma

Entendo aqui por *humanização* (já que falo tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Outro poeta que versificou sobre o livro, foi João Cabral de Melo Neto, nos apresentando em ao menos dois momentos de sua produção, em “O poema” de “O Engenheiro” (1945) e em “Para a Feira do Livro” (1966), respectivamente:

O papel nem sempre  
 é branco como  
 a primeira manhã.

É muitas vezes  
o pardo e pobre  
papel de embrulho;

É de outras vezes  
de carta aérea  
leve de nuvem.

Mas é no papel,  
no branco asséptico,  
que o verso rebenta.

Como um ser vivo  
pode brotar  
de um chão mineral?

João Cabral de Melo Neto

Folheada, a folha de um livro retoma  
o lânguido vegetal de folha folha,  
e um livro se folheia ou se desfolha  
como sob o vento a árvore que o doa;  
folheada, a folha de um livro repete  
fricativas e labiais de ventos antigos,  
e nada finge vento em folha de árvore  
melhor do que o vento em folha de livro.

João Cabral de Melo Neto

No primeiro poema, o poeta nos faz olhar para o processo de origem dos versos que venham compor o livro, como nas duas últimas estrofes. Faz referência à matéria-prima utilizada para produzir o livro, como nos versos: “o papel nem sempre/papel de embrulho/ Mas é no papel”, dialogando claramente com a perspectiva etimológica da palavra livro, conforme apresentamos no início desta discussão. Já no segundo poema, Melo Neto faz um jogo sonoro com as palavras, de modo a estabelecer duplo sentido à palavra “folha”, associando tanto a folha do livro, quanto a folha da árvore. De fato, por meio dos poemas, é possível compreender uma definição de livro associada à estrutura, na medida em que dá destaque à matéria - prima, e ao seu conteúdo, ou ao menos uma das possibilidades dele.

De outro modo, para Lajolo e Zilberman (2017, p. 23 - 25), o livro consiste num objeto que surgiu no século I d. C., cuja difusão só se ampliou em meados do século XV. Ao mesmo tempo, é essa coisa versada de forma questionadora por Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. De modo a provocar reflexões sobre a origem, o papel, a industrialização do livro, além da dimensão emocional e intelectual que este alcança. As autoras discutem a respeito da impossibilidade de falar sobre “o livro com segurança” dada às

imposições de novas tecnologias, as quais estabeleceram “outros formatos e materiais, novos modos de produção e de circulação, distintas maneiras de leituras, restaurando em muitos casos as relações entre comunicação, corpo, voz, olhar e gesto” (Lajolo & Zilberman, 2017, p. 26).

É o livro esse objeto que se construiu por meio de uma história. Os avanços em relação à sua produção, ao seu uso, não se limitam aos aspectos tecnológicos. Há uma história do livro evoluindo-se de tal forma, que já se organiza em disciplinas e em campo de estudo. Ampliamos o olhar a respeito dessa evolução com o que diz Darnton (2010, p. 177), no século XIX, teve um marco importante, “a ascensão da bibliografia analítica na Inglaterra”.

Já na década de 60 do século XX, intensificou um movimento de estudo a respeito do livro, incluindo-o nos temas de estudo da “escola dos Annales” de história socioeconômica. São as primeiras tentativas de estudos de tendências da indústria do livro. Isso se dá por meio de compilamento de material, investigação de material de bibliotecas, trataram de modo diferente temas conhecidos, pesquisaram sobre a experiência literária dos leitores, conforme afirma Darnton (2010, p. 177)

Em vez de se deterem em minúcias bibliográficas, tentaram descobrir o modelo geral da produção e do consumo livreiros ao longo de extensos períodos de tempo. Compilaram estatísticas a partir de requisições de privilêges (uma espécie de copyright), analisaram o conteúdo de bibliotecas particulares e rastrearam correntes ideológicas estudando gêneros esquecidos, como a *bibliothèque bleue* (brochuras primitivas). Não se interessavam por livros raros e edições de luxo; concentraram-se nos tipos mais comuns de livros, pois ansiavam revelar a experiência literária de leitores comuns. Abordaram de forma inusitada fenômenos conhecidos, como a Contrarreforma e o Iluminismo, mostrando que, em termos de oferta, a vanguarda era superada pela cultura tradicional nos livros consumidos por toda a sociedade.

Esse momento resultou numa intensa movimentação de estudos sobre a história do livro, mundo afora. Em sua abordagem, Robert Darnton, nos oferece fatos referentes ao século XVIII. Descreve sobre as “malandragens” do processo de produção e comercialização dos livros, exemplificando com um caso bem peculiar, a “história editorial de *Questions sur l'Encyclopédie*, de Voltaire” e a relação com o livreiro, tomando como exemplo, *Isaac-Pierre Rigaud*, de *Montpellier*. Esse é um caso curioso, porque versa de que Voltaire ajudava em versões piratas das obras, o que incomodava os compradores, principalmente porque as artimanhas não eram atribuídas ao autor e sim aos livreiros.

Esta curiosidade nos levou a pensar sobre as estratégias que existem nesse processo de difusão do livro, nos fez olhar para o livro como uma mercadoria. Ele pode trazer em si grandes contribuições para o processo de humanização e aquisição do conhecimento, mas por ser uma mercadoria, inserida na ideologia do capital, pode despertar no homem o pior de seu ser, o sentimento voraz da ganância.

Vale dizer, que o comportamento de “espertalhão”, por assim dizer, não estava só em *Voltaire*, estava em *Rigaud*, pois em casos de distração das autoridades, ele trazia para sua cidade, carregamentos de livros proibidos. Com a ressalva importante, de que o objetivo principal de *Voltaire* não era ganhar dinheiro e sim, difundir o iluminismo na França. Agora, diante da semelhança de comportamento, os dois embora fossem parte diferente do universo livreiro, *Voltaire* - escritor, *Rigaud* - comerciante, ambos tinham outra semelhança, eram leitores.

Darnton (2010) aponta a consolidação originária do objeto livro, associada à evolução do mercado editorial. O livro impresso e a indústria consolidando-se no mercado ao mesmo tempo, num cenário marcado pela ideologia do capital. Nos estudos realizados em material do século XVIII, o livro foi considerado um objeto de grande valor mercadológico, encontrado inclusive, como herança. Os dados mostraram que a leitura é “o estágio” mais difícil de ser estudado no circuito do livro.

O termo objeto para referir-se a livro é bastante comum entre os estudiosos que se propõem a falar da temática. No entanto, o sentido que essa palavra ganha em cada abordagem é bastante diverso, não como divergente, muito pelo contrário, como diversidade, como ampliação de olhar, como agregação de valor em torno da discussão sobre o que é o livro?

Hansen (2019, p. 8 - 9), o define como "objeto material", concepção que traz junto de si, o resultado de "processos técnicos, industriais e editoriais da sua produção e publicação". Ser uma "mercadoria" devidamente regulada por uma legislação. De modo que sendo "objeto e mercadoria" subentende-se que passa por "vários processos de distribuição, divulgação, comunicação, controle, valoração, apropriação e uso".

Por outro lado, o autor aponta a definição de ser o livro um "objeto simbólico", na medida em que se trata de um texto com estrutura e forma a partir de vários critérios, podendo ser uma função, uma comunicação e um valor. Nestes, encontram-se as relações culturais do presente e as que os antecedem, a relação entre autor e leitor é o "valor de uso, no interior de

um campo simbólico da cultura", exemplificados com nosso próprio uso - teoria literária, literatura infantil, ilustração e leitura.

Em se tratando de novas tecnologias, não podemos cair na armadilha de tratar o livro, apenas no seu formato tradicional, uma vez que no século atual os avanços em relação à estrutura disponibilizada pelas editoras modificam-se de maneira muito rápida, resultando em formato físico e em formato digital. Mas, como afirma Ribeiro (2022, p. 159)

[...] o que se discute aqui, então, não é esse aspecto já amplamente informatizado da edição de livros, mas a geração de um produto que se diferencia, basicamente, em sua etapa de distribuição e consumo, sua forma relativamente nova ou estável, assim como, principalmente, o que ele agora provoca nas práticas de leitura, e vice-versa, quando consideramos as várias tecnologias pelas/nas quais um livro pode existir e existe, hoje.

Não, por acaso, Lajolo & Zilberman (2017) apresentam sua insegurança em relação às tantas formas, sobretudo as que utilizam novas tecnologias, que tem o livro atualmente. Nesta perspectiva, diz Chartier (1998, p. 8) “o livro visa instaurar uma ordem, seja na decifração, na compreensão ou no desejo de quem encomenda e permite sua publicação [...]” reconhecer tais modalidades permite capturar as identidades entre os leitores e sua arte de ler. Portanto, trata-se de uma questão complexa, pois ao modificar, ou diversificar a estrutura do suporte, cabe à reflexão acerca de que práticas de leitura o leitor está experimentando? O ato de ler exige quais habilidades ao leitor? O acesso a este bem cultural ampliou-se? Vários são os questionamentos que surgem neste contexto. O fato é que para além das transformações estruturais, há as transformações na humanidade, no público leitor.

Não perdendo de vista a complexidade do tema, o livro é essa diversidade, compreendido como objeto, como suporte. Pode ser, antes de mais nada, o resultado de um grande processo, que exige muito esforço por parte dos envolvidos, algo que inicia com o escritor, aquele que produz a matéria bruta, em concordância com Andruetto (2012, p. 55 - 56)

[...]: um bom escritor é um escritor diferente de outros escritores. Alguém que, pela própria essência do que faz, atenta contra a uniformidade que tende a se impor, resiste, por assim dizer, ao global; alguém preocupado em perseguir uma imagem do mundo e construir com ela uma obra que pretenda universalizar sua experiência.

Tal processo prossegue na produção editorial e por fim circula num universo dinâmico e muito criativo quando se trata de promover a leitura. Tratando-se da indústria editorial, é

este um produto rentável e que finalmente chega ao leitor. Segundo Leite (2021) “o livro se comunica conosco na sua materialidade, por meio quase sempre da capa e das informações que conseguimos receber no primeiro contato. [...] É o resultado de um processo”.

O livro consiste em um objeto que se determina em uma relação entre quem o produz e quem o lê. Assim, como podem ser os livros para criança, na perspectiva apontada por Sandroni (2001, p. 63) a história sendo contada pelo escritor, pelo personagem e pelo próprio leitor.

Com base no que encontramos nas livrarias, nas bibliotecas, nos sites, enfim, nos mais diversos espaços de circulação, o livro é um conjunto potente. Nestes, há ficção, história da humanidade, economia, instruções, cálculos, teorias das mais diferentes áreas do conhecimento. Não só isso, Chartier (2010, p. 8) ao apontar as relevantes contribuições de Don Mckenzie, afirma que "o sentido de qualquer texto, seja ele conforme aos cânones ou sem qualidades, depende da forma que o oferecem a leitura, dos dispositivos próprios da materialidade do escrito".

Portanto, não se trata de um objeto qualquer, trata-se de um objeto que para ser compreendido em sua plenitude precisa ser explorado, desvendado por seu leitor em todos os seus aspectos, suas nuances, em seus mínimos detalhes. Presentes na capa, na contracapa, na quarta capa, em sua ficha técnica, no sumário, no prefácio, na apresentação, na introdução, na dedicatória, nos capítulos, na conclusão, nas referências bibliográficas. Além de tudo que o projeto gráfico oferece - a estruturação do texto, a disposição das imagens, as cores, o tipo de papel, a ilustração.

Um mundo a ser percorrido, cuja "materialidade do escrito" segundo Chartier (2010, p. 8), ocorre de tal modo como "[...], no caso dos objetos impressos, o formato do livro, a construção da página, a divisão do texto, a presença ou ausência das imagens, as convenções topográficas e a pontuação". O livro é um produto cultural que passou por um processo histórico, cuja evolução está diretamente ligada às transformações e inovações da indústria editorial. Um fenômeno, que proporcionou a popularização do produto, pois a partir da imprensa, foi possível produção em massa. Sendo o livro um bem cultural, não podemos esquecer que “A indústria cultural vende cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor” (Chauí, 2009, p. 34).

Assim como iniciamos este tecer em torno da definição do livro, propomos mais uma reflexão, tentando prosseguir em direção ao entendimento sobre o livro para crianças, a partir do poema publicado na mensagem do IBBY às crianças do mundo, por ocasião do Dia

Internacional do Livro Infantil 2023.

Eu sou um livro, leia-me.

Eu sou um livro.  
Você é um livro.  
Somos todos livros.

Minha alma é a história que conto.  
Cada livro conta sua própria história.

Podemos parecer bem diferentes - alguns grandes, outros pequenos,  
alguns coloridos, outros em preto e branco,  
alguns com poucas páginas, outros com muitas.

Podemos dizer coisas parecidas ou  
completamente diferentes,  
mas essa é a nossa beleza.  
Seria chato ser tudo igual.  
Cada um de nós é único.  
E cada um de nós tem o direito de ser respeitado,  
de ser lido sem preconceitos,  
para ter espaço em sua biblioteca.

Você pode ter opiniões sobre mim.  
Você pode optar por questionar ou comentar o que leu.  
Você pode me colocar de volta na biblioteca.  
ou me segurar bem apertado e viajar comigo por um longo caminho.

Mas nunca deixe alguém me jogar fora  
ou me mande pra outra prateleira.  
Nunca peça minha destruição, nem permita que ninguém o faça.  
Se um livro vier de outra prateleira,  
porque alguém ou alguma coisa o afastou,  
abra espaço.  
Cabe ao seu lado.

Tente sentir como ele se sente.  
O entenda. Proteja-o  
Você pode estar em seu lugar amanhã.

Porque você também é um livro.  
Todos nós somos livros.

Vamos todos nós dizer em voz alta para que todos possam ouvir.

Eu sou um livro, leia-me.

Com uma linguagem simples, ao alcance de crianças, jovens e adultos, o escritor grego Vagelis Lliopoulos (2023) registra uma belíssima mensagem, utilizando um jogo de palavras envolvendo metáforas, como "Somos todos livros", por vezes personificando o livro,

como a própria voz do "eu-poético". Outras vezes, utiliza a comparação entre livro e ser humano, "Todos nós somos livros". A estética do poema provoca um verdadeiro processo de humanização do leitor em relação ao trato e a importância do livro. A emoção em versos como "Tente sentir como ele se sente", o apelo em "O entenda. Proteja-o", a sensibilização "Nunca peça minha destruição, nem permita que ninguém o faça".

É muito bonito perceber o escritor apresentando a definição na primeira estrofe, em um recurso textual que leva do indivíduo para o coletivo "Eu", "Você", "Somos". Segue as quatro próximas estrofes caracterizando o livro, algo que dialoga com nosso tecido. Na sexta estrofe, há o ponto-chave da relação livro e leitor. Já as últimas seis estrofes são marcadas por sensibilização e apelo.

De modo que ao longo do texto há um entrelaçado que provoca um efeito dúbio em relação ao eu-poético ser um livro falando ao leitor? ou um livro falando para outros livros? Uma mensagem forte, inquietante, emocionante e humanizadora, em que observamos "a unidade dialética entre essência e aparência" (Duarte, 2010, p. 151). Com esse entendimento, vamos destrancar alguns "nós" ampliando o olhar sobre o livro produzido para o público infantil.

## **1.2 Uns "nós" na tecitura: o livro para crianças**

Retangular, quadrado, arredondado, oval, físico - de papel ou de plástico, de texturas inúmeras, coloridos, muitos coloridos, salvo algumas exceções, com tecnologia 3D, capa dura, capa comum, diferentes fontes, com letras em preto e branco ou brilhante, bonito - nem sempre, há aqueles que a depender do gosto do leitor são bem feios. Guardam em seu interior, histórias, as mais diversas - de terror, de aventura, de ação, de fantasia, que podem nos impressionar, decepcionar e muitas vezes nos formar. Poderíamos passar páginas e páginas trazendo as características dos livros infantis ou livros para criança? Eis um dos "nós" a serem desatados.

O tear em relação ao livro para crianças encontrou mais de uma nomenclatura, vale dizer, não se trata de meras nomenclaturas casuais, como se fossem expressões sinônimas. A princípio, nos contentaríamos em trazer uma nota de rodapé falando sobre o uso de tais expressões, porém à medida que fomos ampliando as leituras acerca do livro, "cujo leitor imaginado é a criança" parafraseando (Britto, 2022), percebemos que não se trata apenas de uma forma de chamar o objeto. Para Farias e Fernandes (2019, p. 19) o termo "infantojuvenil"

caracteriza o público ao qual se destina o livro, já “o livro para crianças e adolescentes” caracteriza o produto em questão. Esta premissa nos faz refletir que ao se tratar de um produto para um público específico, há intrínseco vários aspectos como, por exemplo, a concepção de infância ou infâncias, a concepção de criança, de que maneira os adultos envolvidos na produção desse bem cultural veem esse público? Nos perguntamos: “livro infantil?” ou “livro para crianças?”. Os dois termos em diversas ocasiões são utilizados pelos autores, críticos, teóricos como sinônimos, estaria esse uso próximo da equivalência por ser esta uma discussão relativamente nova no campo deste objeto?

Ao coletar dados de nosso objeto empírico, observa-se que em suas fichas catalográficas, estes surgem categorizados da seguinte forma: literatura infantojuvenil, literatura infantil e literatura juvenil. Dado importante para refletir sobre o uso do termo "literatura", estaria este sendo utilizado considerando o valor estético da obra? Apontada por Adorno (2011, p. 18) como

A força produtiva estética é a mesma que a do trabalho útil e possui em si a mesma teleologia; e o que chamar a relação da produção estética tudo aquilo que a força produtiva se encontra inserida e em que se exerce são sedimentos ou moldagem da força social.

Ou trata-se de um uso do termo "literatura" apenas para finalidade comercial? E, por que é importante tal questionamento? Porque se assim for, neste último caso, nos faz perceber uma certa banalização conceitual e teórica em relação aos termos "literatura" e "literatura infantil", constatando que a força do discurso neoliberal, do capital se impõe de tal modo que coloca tudo dentro de um mesmo balaio e nos comunica, "sem dó, nem piedade" que qualquer coisa pode ser literatura.

Não temos a intenção de demonizar a indústria editorial de livros para crianças no Brasil, o que queremos e faremos são reflexões acerca de como essa indústria da cultura se comporta, como o produto por ela produzido e disponibilizado para o público infantil impacta positiva ou negativamente as crianças, como estas têm acesso ao que de melhor se produz neste universo? São questões importantes para discutirmos, considerando que vivemos num país, cujo sistema econômico é o capitalismo.

Em Adorno (2002) por meio da obra “Indústria cultural e sociedade” encontramos uma crítica contundente em relação ao processo de manipulação das massas, por meio de bens culturais. A segregação instituída por meio de uma suposta diversidade de produto, uma vez que há produtos para todo consumidor, sobretudo se este se comportar em sua respectiva

classe, conforme pré-determinado pelos produtos disponibilizados. O autor diz que “Para todos alguma coisa é prevista, a fim de que nenhum possa escapar; as diferenças vêm cunhadas e difundidas artificialmente” (p. 7).

Tal condição está diretamente ligada ao comportamento social dos homens, quanto mais se enquadrar de modo a ser dominado, um tanto ainda maior da tal “cultura de massa” é disponibilizada. A questão aqui posta nos leva a pensar sobre como a criança, que ainda está em processo de construção de seu repertório cultural, pode desenvolver seu gosto estético, se tudo que lhe é ofertado não passa de um produto massificado, um instrumento poderoso de alienação.

O autor, assim intensifica sua crítica,

A violência da sociedade industrial opera nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem estar certos de serem jovialmente consumidos, mesmo em estado de distração. Mas cada um destes é um modelo do gigantesco mecanismo econômico que desde o início mantém tudo sob pressão, tanto no trabalho quanto no lazer, que tanto se assemelha ao trabalho. (Adorno, 2002, p. 10 - 11)

Não podemos deixar de sinalizar que o autor trata da indústria cultural, como um todo, no entanto nosso objeto de pesquisa, o livro para crianças, é um bem cultural, produzido nessa indústria e que portanto pode estar condicionado a essa mesma violência que o autor aborda. Uma das inquietações que tem nos acompanhado trata-se do fato de os livros com selo “Altamente recomendável”, de um lado, legítima, dá ênfase à qualidade destes livros, diz à sociedade que há livros melhores e piores, ou livros bons e livros ruins. No entanto, também pode exercer uma função direcionada ao sistema do capital. As editoras, ao apresentarem seus catálogos, destacam os livros com o referido selo, sendo estes em preço diferenciado, mais alto do que as demais produções. Daí, os projetos editoriais extraordinários tanto em qualidade material, quanto em beleza estética.

A dialética presente em torno dos efeitos positivos e negativos sobre os livros com selo “AR” é difícil de ser discutida, levantada e até mesmo aceita, uma vez que trata de uma discussão de poder, como diz Bértolo (2014, p. 146) “O curioso é que esse poder parece não ter rosto, e essa aparente ausência de responsáveis dificulta extraordinariamente o enfrentamento”. O processo regido pelo capital dá conta de um silenciamento ensurdecidor em relação aos criadores - escritores, ilustradores e leitores, uma vez que o produto primário é transformado na indústria editorial num produto atraente ou de pouca qualidade para também ser de baixo custo. De modo que, segundo o autor, “ninguém enfrenta ao dono atual das

palavras: o poder econômico, o mercado e seus profetas - os discursos políticos” (Bértolo, 2014, p. 148).

De fato, esta é uma reflexão que embora necessária, custa caro, pois são muitas as nuances que permeiam este olhar. Retomamos sobre a forma como os livros para crianças são categorizados, numa demonstração clara, que se não de maneira generalizada, mas uma expressiva parte dessa indústria demonstra pouca ou nenhuma preocupação com o que se disponibiliza em relação à leitura para crianças.

Por outro lado, essa indústria pode ser um importante instrumento de valorização dos artistas, de difusão do bem simbólico livro. Chartier (2001) nos chama atenção para o fato de que “As técnicas mudam e, com elas, os protagonistas da fabricação do livro, mas permanece o fato de que o texto do autor não pode chegar a seu leitor senão quando as muitas decisões e operações lhe deram forma de livro”.

Ao utilizar a terminologia "literatura" nas fichas catalográficas dos livros para criança e ao ler e interpretar o suporte, observa-se que em muitos deles não há presença de elementos estéticos que justifiquem tal uso. Ocorre o que Alfonso (2001, p.18) chama de "processo de distorção da essência da palavra", decorrente de manipulação propositalmente estabelecida, que provoca desgaste e mudança de sentido, portanto, o uso do termo “literatura” pode sim estar associado a uma estratégia mercadológica.

Isso pode comunicar que por se tratar de algo para o público infantil, tal equívoco passa despercebido, sinaliza a concepção de criança, podendo ainda prevalecer à ideia de que a criança recebe ordens, informações, sem questionar o adulto, não sendo capaz de distinguir o que está sendo oferecido e o que está sendo entregue. Deste modo, entendemos que

ao ser desnaturalizada, a palavra nega a si mesma. Deixa de dizer, de sentir, de expressar. Se enfraquece em sua condição humana e com isso nos coloca em um tal estado de impotência, que fica cada vez mais difícil encontrar orientação, compreender, responsabilizar-nos com o que nos rodeia e em consequência avaliar de forma adequada os fatos e as experiências. (Alfonso, 2001, p.18 - 19)

Dialogando com o que já discutimos sobre a história, observamos que as reflexões e preocupações que temos hoje, na verdade, originam-se num período um tanto distante do nosso, Darnton (2010, p. 194) nos propõe algumas reflexões, por exemplo, relacionadas aos autores, o modo como estes constituem-se enquanto tal. Ao longo dessa história, bem no início, há uma relação muito forte com os detentores do poder, não por acaso, grandes escritores eram patrocinados pela nobreza palaciana. Isso também nos faz perceber que o

livro, ao menos o impresso, surgiu como um possível objeto de luxo, de pouquíssimos privilegiados, aspecto que impacta em nossas práticas até os dias de hoje, quando discute-se sobre a circulação e acesso aos livros de qualidade. Outra contribuição importante do referido autor é que para termos uma história do livro mais consolidada, precisamos estudar todo o circuito em torno dele, tanto o da produção, quanto o de circulação.

Nesse sentido, no campo da produção editorial de livros para crianças da atualidade, cabem reflexões acerca do que o produto ofertado ao mercado e que conseqüentemente chega às crianças traz de arte literária, cultura, informação, instrução, por exemplo? Que “valores” são considerados na produção destes livros e de que modo os livros impactam na vida das crianças leitoras? Em que consiste este produto cultural? Cabe, ainda, a discussão sobre livros literários e livros não-literários.

### 1.2.1 Fios soltos: Livros literários e não-literários

Diante de tantos questionamentos, a tecitura vai ficando mais complexa e instigante, uma vez que ao tratar destas duas possibilidades macros de categorização dos livros, perpassamos por debates teóricos necessários, dentre eles, a diversa e ampla definição sobre o que é literatura?

O primeiro ponto entrelaçado deu-se no sentido de compreender a definição de literatura enquanto arte, cujo centro dá-se pelo uso da palavra, ou das palavras. Sobre esta, recorreremos novamente a Alfonso (2001, p. 16), o qual afirma:

[...] na ordem do social, do humano, da comunicação e do que é possível de ser comunicado, a palavra é, em sua realização sonora e semântica, denotativa e conotativa, não só o terceiro fator comum na nossa consideração, mas também aquele que rege os outros dois, ao ser patrimônio compartilhado pela inteligência, moralidade e, natural e fundamentalmente, pela literatura.

Por meio das palavras, as quais experienciamos desde nossos primeiros momentos de vida, nos construímos, nos questionamos e questionamos o outro, nos desafiamos a compreender o mundo. Nos desenvolvemos cognitivamente, emocionalmente e criticamente, pois enquanto crianças nos diferentes contextos inseridos passamos por experiências em que as palavras podem determinar nossos comportamentos e escolhas diante da convivência social. Sim, ao escutá-las nos primeiros anos de vida, muitos de forma carinhosa, quando iniciamos seu uso também já sabemos externar essa maneira de uso das palavras, mas essa

não é uma forma homogênea de uso delas nos primeiros contatos com ela, há contextos em que os bebês, as crianças têm experiências duras e também externam esse modo de uso em seus convívios, inclusive com outras crianças.

As palavras que aqui defendemos como elemento determinante na perspectiva de definição de literatura, está de acordo com o que Bondía (2002, p. 21) reflete

[...] eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Sendo o texto, um tecido de proposições, conforme já defendemos acima. Hansen (2019, p. 62) contribui conosco ao ampliar nossos conhecimentos sobre o significado e o uso das palavras por meio do texto; nele, elas estão organizadas dentro de uma estrutura intencional capaz de estabelecer sentido, que o leitor ao ter contato com as palavras organizadas participa desse processo de construção de novos significados. O autor afirma que

[...] as palavras se ordenam em sequência e o leitor também deve observar sua ordem sintática, que é funcional: a sintaxe é um esquema das relações dos significados, esquema que situa, distribui, contextualiza e diagrama o significado de cada palavra isolada para construir novas significações horizontais com a relação estabelecida entre elas. (Hansen, 2019, p. 62)

Portanto, trabalhamos com a concepção de literatura que está trazendo em si a significação poética, artística, cultural, social e política; utilizada pelos autores por meio de um trabalho dedicado, minucioso, capaz de trazer para a obra literária um conjunto de elementos encadeados, interligados em torno de uma história.

Partindo de um panorama apresentado por Raymond Williams (1979, p. 50 - 59) sobre as condições criadas para a definição moderna do conceito de literatura, no qual, seu uso inicial, segundo o autor, se deu no século XIV, em inglês, precedido de francês e latino, "*litera*, do latim, uma letra do alfabeto", ou seja, associação de literatura com "situação de leitura: ser capaz de ler e de ter lido"; *Literary*, século XVII, "capacidade e experiência de leitura"; *literature*, século XVIII, "livros impressos" - inicialmente todos os livros impressos,

das diferentes áreas do conhecimento e posteriormente delimitou-se para "obras impressas de certa qualidade".

O referido autor nos traz que acompanhando a ressignificação de diversos conceitos, literatura [...] um significado especializado passou a predominar, em torno das características do "imaginativo" e "estético". "Gosto" e "sensibilidade" [...] Na nova especialização, qualidades comparáveis, porém mais atribuídas "às obras em si", aos "objetos estéticos". Sem sofrer grandes críticas e mudanças pelo marxismo, Williams considera que "a novidade teórica crucial é o reconhecimento da 'literatura' como uma categoria social e histórica especializada".

Nesse caminhar em busca de compreender literatura enquanto arte, faz-se necessário conhecer o sentido da obra literária, que segundo Todorov (2021, p. 32) "as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto", numa perspectiva em que nem o meio, nem a técnica tornem-se os elementos fins, ou de maior finalidade na obra; o autor chama atenção para o fato de que o leitor lê as obras "para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo".

Em diálogo com o que aborda Culler (1999, p. 35) o qual apresenta reflexões interessantes a respeito do que consiste as possíveis "respostas" sobre "o que é literatura?". Este sintetiza suas reflexões nos apontando que "as obras literárias como linguagem com propriedades ou traços específicos e podemos pensar a literatura como o produto de convenções e um certo tipo de atenção", tal aspecto nos leva a pensar sobre que "traços específicos" são estes? Quais "convenções" que resultam na literatura como produto? Que tipo de atenção precisa a literatura?

Interessante observar a evolução que o termo "literatura" ganhou ao longo da sua existência. Buscamos no olhar de Todorov (2021, p. 76 - 77) sobre a função da literatura:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazem compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. [...] A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente [...], a experiência humana.

Nesta perspectiva do papel da literatura enquanto arte que incomoda, ao mesmo tempo que humaniza, compartilhamos com o que Candido (2011, p. 177) apresenta sobre literatura, sendo esta "fator indispensável de humanização", que assume um papel social importante na

sociedade, ao passo que “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”.

Diante das diversas definições de literatura, entendemos como de fundamental importância refletir acerca do conceito de estética, sendo a literatura a arte da palavra, que Bértolo (2014, p. 127) aponta como uma luta

A literatura é, entre outras coisas, o lugar onde se pensam as palavras: as palavras coletivas e, portanto, e também, as palavras privadas. A literatura é o lugar onde se constrói o sentido e significado das palavras e é, por isso mesmo, o lugar onde se constrói o sentido e o significado de existência, ou seja, o lugar onde se dá nome a isso que chamamos de realidade.

Quais os elementos estéticos que a definem como tal? Está neste escopo de reflexões, também, a retomada da questão de livros para crianças que mesmo não apresentando elementos estéticos que o caracterizem como arte, continuam sendo identificados como livros de literatura infantil. É sabido que estética é antes de qualquer coisa, um conceito filosófico de definição da arte, para nossa discussão sobre isso, optamos por uma abordagem histórica, para assim acompanharmos, inclusive as transformações conceituais deste.

Nas primeiras discussões, encontramos em Aristóteles, segundo Lukács (1978, p. 127), o desenvolvimento estético como sendo de um lado “o reflexo da realidade objetiva e não o reflexo das ideias”, de outro lado “este reflexo foi diferenciado da cópia puramente mecânica da realidade”. Diversos são os estudiosos posteriores a Aristóteles, que discutem sobre a questão da estética, sobretudo estabelecendo críticas ao conceito por ele estabelecido, porém somente na “teoria das cores” de Goethe que encontra-se uma amplitude significativa, na qual a obra de arte e a atividade estética estão diretamente ligadas aos mistérios da natureza, de modo que sua teoria deu ênfase sobretudo à arte da pintura. Para tratar da questão da objetividade de Goethe, Lukács (1978, p. 151) aponta um dos trechos de sua teoria, que faz apontamentos sobre as preocupações primeiras do poeta, as quais devem estar centradas em verificar se sua obra será “multiforme, completa, suficiente”.

Nessa linha histórica de pensamento sobre estética, apontamos o que Suassuna (2013, p.10) traz de modo simples e didático, apresentando uma primeira definição, a da era clássica “como a Beleza, fruto da captação intuitiva do mundo, reformulada, no caso da Verdade, pelo pensamento, o qual só tem uma fonte de aferição e retificação”. Assim sendo, “A Estética como a filosofia do Belo ou da Arte”, de modo a considerar tanto o belo da arte, quanto o belo da natureza, este se sobrepondo àquele, na visão de Platão. Nos apontamentos costurados por

Suassuna, Engel apontou um outro olhar para a questão do “belo”, invertendo tal concepção, pela “ideia de que a Beleza artística tem mais dignidade do que a da Natureza, porque, enquanto esta é nascida uma vez, a da Arte é como que nascida duas vezes”, instituindo assim, o que se chama de “Filosofia da Arte”.

Nesse processo evolutivo, importante e necessário para entendermos a concepção de estética nos dias atuais, o referido autor traz outra importante contribuição, “A estética como ciência do estético”, concepção em que estudiosos influenciados pelos pensamentos de Kant, o “belo” torna-se uma categoria; retomando a visão de Aristóteles, que considerava a comédia como a arte do “feio”, surgindo então, a chamada “Ciência do Estético”.

Com o espaço ampliado em relação ao sentido de estético, Suassuna (2013, p. 13 – 14) afirma que “Estético passou, então, a designar o campo geral da Estética, que incluía todas as categorias pelas quais os artistas e os pensadores tivessem demonstrado interesse, como o Trágico, o Sublime, o Gracioso, o Risível, o Humorístico etc.,” e apoia-se no que diz Edgard De Bruyne, “A Arte não produz unicamente o Belo, mas também o feio, o horrível, o monstruoso”. O que nos leva a refletir sobre a existência de estéticas na arte? No contexto de nossa pesquisa, há de se refletir sobre que estéticas encontramos nos livros para criança?

A partir de um olhar geral sobre a definição de literatura, avançamos nas discussões sobre a literatura infantil, que enquanto campo de estudo é bastante nova; no Brasil, as primeiras produções científicas: ensaios, artigos, capítulos de livros iniciam na década de 70. As discussões no que tange à crítica literária perpassam por definir se estava dentro dos estudos de Educação ou de Letras, aspecto oriundo da finalidade didática que originou o gênero; segue por discutir a função pedagógica ou a função literária e aos poucos vai ganhando forma enquanto gênero, ganhando espaço e deixando de ser vista como uma literatura menor.

A partir dos anos 80, a produção acadêmica sobre o gênero construída no âmbito da teoria literária intensificou a caracterização e estruturação da obra de literatura infantil a partir de valores estéticos literários. Nesta perspectiva, Mortatti (2001, p. 4) diz

Por literatura infantil entendo um conjunto de textos – escritos por adultos e lidos por crianças – que foram paulatinamente sendo denominados como tal, em razão de certas características sedimentadas historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instâncias normatizadoras, como a escola e a academia.

E complementa sua definição de literatura infantil brasileira como um gênero literário, mas que tem origem com finalidade ligada ao que chama de “aparelho republicano escolar”, traz em sua construção certas concepções de infância e que a criança é vista como um “sujeito sem voz” e “em formação”. Sendo considerado um gênero, identifica-se a necessidade de ampliar a crítica, bem como ampliar os espaços de estudo e pesquisa no âmbito da Letras.

Já afirmamos que a literatura infantil teve origem para fins didáticos e sua definição foi sendo construída conforme a concepção de infância foi evoluindo. Ao tratar o tema, escolhemos trazer algumas reflexões importantes, dentre elas, a questão ética na escrita para crianças, sobre a qual nos apoiamos no que diz Lacerda (1999, p. 29) em suas chamadas “Cartas de São Francisco - Conversas com Rilke à beira do rio”, que nos faz refletir sobre questões bem intrigantes, como: “escreve-se para crianças e jovens?”; “A literatura para crianças e jovens é literatura, e ponto final”. Sobre isso, Queirós em entrevista disse:

Não tenho preocupação com o público. [...] Vou para o escritório e faço o melhor que posso. Àquela hora não tem destinatário. Se tiver destinatário não é mais literário. Se entrar no escritório e pensar: vou escrever um texto para criança, já me distancio dela. Já me coloco no lugar de adulto, me distancio da infância. Tenho muito medo de “escrever para criança”. Parece que estou num lugar muito legal, que estou bem feliz, bem disposto, alegre e vou ensinar esses “coitadinhos” a chegar nesse lugar em que estou. Eu tenho horror disso. Quero mostrar para a criança que também cresci, mas tenho muita insegurança, muita tristeza, muita alegria, muita saudade. (Revista Palavra, 2012, p. 18)

Portanto, falar numa literatura para criança não se trata de uma restrição, muito pelo contrário, compreende-se como uma possibilidade, pois ao ler os livros destinados ao público infantil observa-se algumas características peculiares, e aqui não estamos falando de um padrão, por exemplo, embora existam livros com poucas ou nenhuma imagem, no geral, são bem coloridos, com pouco texto, com forte presença de elementos da natureza, tanto em relação ao espaço - rios, caminhos, florestas, animais, dentre outros; quanto como personagens - diálogos entre animais e humanos, destes com humanos, retratando aspectos do cotidiano, numa estética representativa de fantasia, assombrações, mistérios e simplicidade.

Nesse universo, de certo modo, oposicionista, uma vez que há aqueles que defendem a inexistência e desnecessária adjetivação da literatura infantil como Andruetto (2012, p. 57 - 61) que em seu livro “Por uma literatura sem adjetivos” reserva um capítulo para discutir a questão, num documento que foi lido na Jornada de Literatura Infantil e Juvenil, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires em 2008. Neste, a autora associa a

adjetivação da literatura como uma única razão de ser - os interesses mercadológicos, que coloca em perigo a produção artística, estética, ficando esta condicionada ao planejamento da demanda editorial, que estando condicionada ao ávido desejo de vender “a qualidade literária de um livro costuma ser um assunto cujo valor passa para segundo plano” (Andruetto, 2012, p. 58). Neste contexto, a autora argumenta ainda que “Atribui-se à literatura infantil a inocência, a capacidade de adequar-se, de adaptar-se, de divertir, de brincar, de ensinar e, especialmente, *a condição central de não incomodar nem desacomodar*”.

Por outro lado, há um grupo de estudiosos que defendem a adjetivação do termo não como algo pejorativo e que a restrinja, muito pelo contrário, ela é necessária para especificar que é antes de tudo, literatura, mas uma literatura com características peculiares, próprias que provocam o seu público leitor, estando isso relacionado ao fato de fortalecer o direito da criança à literatura. Sandroni (2001, p. 55 - 68), no capítulo intitulado de “A estética na literatura para crianças e jovens”, trata desta discussão por meio de marcos históricos relacionados a esta produção, apresentando primeiro um panorama europeu, seguindo de um cenário brasileiro na literatura contemporânea, cujo marco se dá na década de 70, do século passado, momento em que surgem autores que se dedicam a essa produção estética, segundo a autora, desde essa década “[...] a criança tornou-se protagonista das narrativas, ela rompe padrões de comportamentos e carrega bandeira da esperança numa sociedade melhor e mais justa”.

Outra reflexão que Lacerda (1999, p. 29) nos proporciona é a de que “Escrever pensando também na criança e no jovem como receptor cobra seriedade, empenho, competência e talento do autor”, veja que de certo modo parece que ela contraria ao que diz Queirós, no sentido de escrever pensando no público, no entanto, aqui apontamos que ao retratar a responsabilidade do autor ao escrever para crianças, a autora nos leva a compreender outras questões importantes, como a concepção de infância e de criança, sobretudo na garantia de direitos como acesso à literatura.

Assim como Lacerda, entendemos que independente do adjetivo, a literatura dita infantil é literatura, a arte da palavra que nos emociona, nos incomoda, nos faz refletir e nos humaniza. Para Colomer (2017, p. 11), a literatura infantil é entendida “como a iniciação das novas gerações ao diálogo cultural estabelecido em qualquer sociedade por meio da comunicação literária”. E, aqui estabelecemos um diálogo com Lacerda no sentido de que “a literatura para crianças e jovens deve ser, e ser vista, como literatura”.

Além da definição, escolhemos trazer para esta discussão, a concepção de que há funções desta literatura, apontadas por Colomer “o acesso ao imaginário compartilhado”; “domínio da linguagem narrativa, poética e dramática” própria do texto literário; “representação articulada como instrumento de socialização”.

Para Zilberman (2003, p. 33) a literatura infantil é um dos gêneros literários mais recentes, que surgiu no século XVIII, cuja origem foi marcada por um equívoco, sua finalidade pedagógica. Para ela, esta literatura tem funções claras: 1) “a história que apresenta relações presentes na realidade; 2) a linguagem, que é mediador entre a criança e o mundo”. Preenchendo assim, o que a autora chama de “função do conhecimento”. Vale o registro de que tal função não está relacionada à instrução, ao repasse de valores morais, mas aos aspectos cognitivos e intelectuais desenvolvidos pela criança no momento em que tem acesso à leitura, por meio da linguagem, do texto literário.

Portanto, estamos tratando de uma literatura que é arte, que é um gênero literário e que tem funções definidas pelas teóricas que aqui nos baseamos. Embora, considerado por parte da crítica, como um gênero menor, não vemos razão de ser, uma vez que trata de uma arte literária que apresenta uma estética própria.

Para Zilberman (2003, p. 29), referenciando *Candido*, a literatura infantil tem uma “função formadora”, diretamente ligada à cultura, “conhecimento do mundo e do ser”. Ao analisar os livros infantis será possível identificar se tal função está presente nos mesmos, estaremos dialogando com a proposta de Mortatti (2001, p. 5) a qual afirma que para estudar o gênero precisamos ler textos do gênero, e não uma leitura trivial, mas uma leitura crítica, a qual faremos em relação aos livros infantis com o selo “Altamente Recomendável” da FNLIJ, nestes vamos levantar dados e analisá-los enquanto estrutura textual, elementos estéticos, tratamento temático e projeto gráfico.

Em relação ao livro não-literário, no universo da produção editorial de livros para crianças, Andruetto (2012, p. 57-58) afirma que “[...], por estratégias econômicas dos grandes grupos editoriais, o leitor - e mais ainda o leitor criança e o leitor jovem - é, muitas vezes, condicionado de antemão por informações e conteúdos impostos por meio de elementos extraliterários”. Isso ocorre, por exemplo, com os livros que tem finalidade instrutiva, informativos ou explicativos. No entanto, esta realidade não se sustenta somente por interesses da publicidade editorial, ela permanece porque encontra força nos interesses de quem tem a responsabilidade legal de promover a formação leitora, como os governos e as escolas.

Sobre isso, Paiva (2021, p. 1) na crônica “Literatura de Instrução Infantil” diz “livros explicativos, de utilidade prática, que direcionem o olhar de meninas e meninos apenas para o que deve ser assimilado”. A questão aqui posta é profunda e incômoda, por se tratar de livros, cuja leitura podem estabelecer consequências irreparáveis ao leitor, sobre o qual o autor define mais adiante “Sabem que criança apenas bem instruída é criança rendida, de infância derrotada”.

Corsino (2017, p. 215) nos traz que a partir do momento em que há o deslocamento da linguagem do livro infantil para um viés pedagógico, trata-se da voz de um adulto ensinando a criança, que por sua vez, recebe e copia. A autora, apoia-se em Benjamin, que por sua vez, estabelece uma crítica contundente em relação aos pretensos adultos que produzem objetos culturais para as crianças com o propósito de ensinar-lhe algo, pois elas são capazes de criar, alterar e transformar as produções culturais.

No final do século XIX, Arthur Schopenhauer (1851, p. 2) deixou uma importante contribuição relacionada à falta de qualidade nos livros. É notória a quantidade gigantesca da produção de livros. “Daí a imensidão de livros ruins, essa erva daninha que se alastra, que retira a nutrição do trigo e o sufoca. Assim, eles usurpam o tempo, o dinheiro e atenção do público a que, por lei, pertencem os bons livros e seus nobres objetivos”.

É importante o registro de que o fato do livro produzido para criança não ser caracteristicamente literário, ele seja ruim. O que colocamos como questão é a identificação inadequada dos mesmos, pois em sua maioria consta como literatura infantil ou infantojuvenil. Entendemos que há livros que não sejam arte literária e que são de excelente qualidade para aquilo que se propõem e que estes devem ser identificados como tais, fortalecendo inclusive, os gêneros aos quais pertencem.

### 1.2.2 Fios coloridos: O livro ilustrado

Considerando que os livros para crianças, em sua maioria, estão constituídos pelo texto e pela imagem, faz-se necessário abordarmos e compreendermos a arte da ilustração: o que é ilustração? Como se dá o processo de ilustração do livro para criança? Compreendendo as perspectivas de produção: intelectual, artística, cultural e editorial, qual o papel do ilustrador? É discutindo tais questões que refletiremos sobre esta arte.

Com origem nas iluminuras, ainda no século XIII, a ilustração é antes de tudo, arte, se a literatura está para a arte da palavra, a ilustração está para a arte das imagens, recurso

presente em quase toda totalidade da produção editorial de livros infantis. Segundo Alarcão (2008, p. 61) é uma arte que ocorre por meio de diversas técnicas como: as iluminuras, a xilogravura, a água forte, a fotolitografia, desenho, colagem, digital art, multimídia, modelagem 3D, fotografia, pintura, retrô, grafismo. É importante ressaltar que uma fotografia, uma pintura, por exemplo, só se tornam ilustração, se estiverem ilustrando um livro; portanto, assim como nem toda palavra é literatura, nem toda imagem torna-se ilustração.

Nos situando sobre a evolução e a diversidade de técnicas existentes na contemporaneidade sobre ilustração, apontamos alguns exemplos:

**Imagem 1:** Iluminura medieval



Fonte: Wikipedia, 2022

**Imagem 2:** Xilogravuras do séc. XVI



Fonte: Wikipedia, 2022

**Imagem 3:** Técnica água-forte



Fonte: Wikipedia, 2022

No processo de definição sobre o que é ilustração, consideramos relevante demonstrar a evolução do livro ilustrado, aqui organizamos um quadro criado com base no primeiro capítulo do livro “Para ler o livro ilustrado”, de Sophie Van der Linden (2018):

**Quadro 1:** Evolução do livro ilustrado

Período	Datas específicas	Técnica	Publicação
Ao longo do século XVI		<b>Talho-doce</b> - gravura realizada com cinzel ou ácido sobre uma placa de cobre.	
Até o final do século XVIII		<b>Xilogravura</b> - permitia compor com versatilidade numa mesma página caracteres e figuras.	Primeiros livros para crianças com imagens.
	1770	<b>Xilogravura de topo</b> - feita sobre uma prancha cujo corte transversal às fibras oferece uma superfície muito densa, permitindo gravar com precisão, realizada com	

Período	Datas específicas	Técnica	Publicação
		gravura em relevo.	
Final do século XVIII e início do século XIX		<b>Litografia</b> - desenvolvida por Aloysius Senefelder, possibilita desenhar diretamente na pedra.	
Primeira metade do século XIX		<b>Predominância do livro com ilustração</b> - texto principal e poucas ilustrações em páginas isoladas.	
Ao longo do século XIX	1835	<b>Literatura em estampas</b> - Rodolphe Topffer recorre a técnica litográfica; qualifica seu trabalho de 'natureza mista' (texto e imagem).	História em quadrinhos
	1860	<b>Procedimentos de impressão</b> - o editor Hetzel reuniu caracteres tipográficos e imagens na mesma página.  <b>Uso de estêncil</b> - Louis Hachette, ao utilizar esta técnica, permite que as páginas ofereçam diversas ilustrações coloridas.	Permitiu a publicação de obras francesas especialmente para o público infantil - origem à obra <i>La Journée de Mademoiselle Lili</i> (1862).  Desenvolveram-se os livros ilustrados Trim, publicaria Bertall.
	1870	<b>Abordagem decorativa na ilustração</b> - desenvolvida por Walter Crane e Kate Greenaway. <b>Livro ilustrado moderno</b> - Randolph Caldecott entrelaça textos e imagens cujo sentido se revele complementar. <b>Espaço do livro</b> - pesquisa realizada por Boutet de Monvel, que apresenta página dupla, relacionando imagens em duas páginas abertas ou inserindo texto nos enquadramentos aplicados sobre as ilustrações.	Toy Books (livros para brincar)
Primeira metade do século XX	1919	Surgimento do livro ilustrado contemporâneo infantil - predominância da imagem em detrimento do texto, que é curto, manuscrito, geralmente envolto com as cores da ilustração.	Publicou-se o livro Edy-Legrand - Macao et Cosmage
	1920	<b>Diagramação</b> - Benjamin Rabier trabalha com a organização espacial e semântica à disposição das vinhetas e dos textos em função da expressão escolhida.	Série Gédéon fait du ski (1938).
	1931	<b>Página dupla</b> - Jean de Brunhoff a legitima como espaço narrativo cujos textos e imagens, sustentando em conjunto a narração, se tornam indissociáveis.	A história de Babar, o pequeno elefante

Período	Datas específicas	Técnica	Publicação
Segunda metade do século XX	1972	<b>Valorização da imagem nos livros</b> - os designers gráficos têm um papel fundamental; sobretudo para ampliar o espaço e o status da imagem dentro do livro, pela consideração à materialidade do livro, pela tipografia, pela nova concepção da imagem de representar o inconsciente infantil e com imagens inesperadas com inúmeras ressonâncias simbólicas. Junção da linguagem plástica com textos literários de grandes autores. <b>Livro infantil de bolso</b> - Pierre Marchand contribui em ampliar a difusão e populariza esse tipo de livro, marcado por inovações técnicas (uso de transparências, diferenciação de texturas de entintamento). <b>Livros-fotográficos</b> - acolhimento de criações inusitadas	Les Larmes de crocodile (1956) Onde vivem os monstros (1953)
	1976	<b>Livros-imagem</b> - sem palavras Pequenas editoras - uso de fotografias, estilos pictóricos, multiplicação de livros-imagem.	Le Ballon rouge de Albert Lamorisse (1976)
	Anos 1970 - 80	Desenvolvimento da “pequena editora” - busca pela inovação, pela procura de novos talentos, pelo trabalho de tradução ou reedição de obras estrangeiras	O pequeno amarelo e o pequeno azul de Léo Lionni
	1990 - 2000		

Neste breve panorama histórico é possível observar que desde sua origem, os artistas envolvidos na produção desta arte são incansáveis em inovar, criar e qualificar o livro. Atualmente, a indústria editorial de livros infantis, aquecida como está, investe alto no sentido de oferecer um produto atraente aos olhos do público. No que diz respeito à arte das imagens, esse tipo de livro nos exige uma leitura crítica e fruição, observando todos os detalhes, o texto, as imagens, o projeto gráfico, os dados catalográficos, a ficha técnica, os elementos pré-textuais e pós-textuais.

Compreendendo que há diversas técnicas de ilustração, esta se define como uma das artes visuais, e como tal tem sua estética. Resultado de um processo criativo, oriundo de um trabalho minucioso que exige estudo, pesquisa, comprometimento. Uma atividade que envolve técnicas manuais e atualmente bastante recursos digitais, por meio da qual estabelece um diálogo com o texto no livro literário. Ela não é uma arte menor, é uma representatividade, é o simbólico que possibilita mexer com o imaginário, com a memória daqueles que apreciam esta arte, não à toa, há os estudiosos que apontam a ilustração digital, a ilustração científica. É importante lembrar que no caso do livro ilustrado, a imagem tem uma relação de igualdade com o texto literário, são duas linguagens que se somam, se completam. Sobre isso, Pacheco e Petry (2020, p. 184) afirmam:

A ilustração deve cativar a curiosidade, de maneira que possa incitar novas leituras complementares àquelas que estão visíveis. Uma concepção que sumariza bem essa relação é a que diz que a ilustração seria como um prisma, jamais como um espelho. Sendo assim, o ilustrador deve trabalhar nessa interseção entre o que se pode olhar e o que não se pode, por não estar visivelmente ilustrado. O resultado disso é o encantamento, a cristalização da imagem literária na memória do leitor.

### 1.2.3 Fios delicados: As concepções de criança e infância e o universo livro

No contexto da produção editorial de livros infantis, literários ou não, entendemos como necessário trazer a discussão sobre a concepção de infância ou infâncias e concepção de criança, uma vez que os livros utilizados em nossa investigação são direcionados para este público. Entendendo tais concepções, ao analisar os livros infantis, será possível observar que concepção as editoras, os autores, os ilustradores apresentam em suas obras.

As leituras iniciais sobre infância e criança nos mostram que são dois aspectos muito difíceis de serem conceituados. Embora sejam objetos de pesquisa de diversos estudiosos, poucos deles arriscam uma definição mais precisa sobre o assunto. De modo que a construção destes conceitos é histórica e ao mesmo tempo complexa, portanto, não é algo fechado e está em constante evolução. Estas definições tornam-se importantes na medida em que contribuirão para compreendermos o universo infantil, com base em aspectos teóricos, e assim analisar tais concepções nas obras infantis.

Assim como em outras seções deste texto, iniciaremos aqui a definição de infância, por meio de um entrelaçar poético, de modo artístico e literário.

#### **Infância**

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
 Minha mãe ficava sentada cosendo.  
 Meu irmão pequeno dormia.  
 Eu sozinho menino entre mangueiras  
 Lia a história de Robison Crusóe,  
 Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
 A ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu  
 Chamava para o café.  
 Café preto que nem a preta velha  
 Café gostoso  
 Café bom

Minha mãe ficava sentada cosendo

Olhando pra mim:  
 - Psiu... Não acorde o menino.  
 Para o berço onde pousou um mosquito.  
 E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
 No mato sem fim da fazenda

E eu não sabia que minha história  
 Era mais bonita que a de Robison Crusóe.

Carlos Drummond de Andrade

Antes de apresentarmos a concepção de infância por meio do poema, é importante registrar a advertência trazida por Britto (2024) por ocasião da Defesa desta Dissertação. Embora o poema trate da infância, ele é um poema que traz em suas linhas e entrelinhas o racismo, materializado no verso “Café preto que nem a preta velha”. Obviamente, não podemos afirmar que Drummond era racista por conta deste poema, no entanto, é possível dizer quão entranhado está o racismo nos diferentes espaços da sociedade, inclusive na arte, motivo pelo qual não optamos pela retirada. Ao contrário, consideramos oportuno enfatizar o quanto a arte, a literatura pode provocar reflexões, indignações sempre necessárias, principalmente nos tempos atuais. Retirá-lo de nosso trabalho, para nós, seria negar a existência da temática na arte, ainda que sem intencionalidade de reflexão.

A partir deste esclarecimento, verificamos que no poema de Carlos Drummond nomeado como “Infância” traz uma concepção de criança como um ser histórico, que está inserido numa dada organização social, conforme se observa nos pronomes e substantivos que iniciam os quatro primeiros versos: “Meu pai”, “Minha mãe”, “Meu irmão”, “Eu”. O poeta traz em seu texto, uma criança real, que tem vontades, opiniões, conceitos ou preconceitos, como nos versos: “Café preto que nem a preta velha/ Café gostoso e Café bom”. Traz uma criança que vive em contato com a natureza e que lê, como apresentado no cenário ao longo do poema e no verso “Lia a história de Robison Crusóe”, uma criança tocada pela leitura, uma vez que se compara ao que encontra na leitura no último verso.

Do ponto de vista legal, na Lei nº 8.069/1990 - o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA em seu art. 2º “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos” (atualizado em 2017). Compreendendo o livro como um bem cultural, concordamos com o que apontam Daher & Farias (2023, p. 19) “Os bebês e as crianças pequenas têm direito a bens culturais”, estabelecido pelo ECA e fortalecido pela Lei 13.257/2016, “que dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância. Mas para que

esses direitos sejam efetivados, é necessário que a sociedade compreenda sua importância e se mobilize”.

É sabido que no universo da criança, em suas diferentes fases, o livro ganha nova significação, quando ainda bebê, são objetos pelos quais as mesmas têm acesso a cores, formas, imagens, elaborado por diversos materiais, podendo ser de pano, de plástico, papel, pode ser sonoro, com tecnologia 3D. Na medida em que a criança vai se desenvolvendo cognitivamente, construindo sua memória, o livro ganha novo significado, passa a ser o lugar de buscar histórias, por exemplo, mas o que busca naturalmente é o momento compartilhado com alguém que leia para ela. Quando a criança aprende a ler, só então o livro é visto como material de leitura. Neste sentido, Machado (2012, p. 17) afirma:

Os livros para a criança pequena são, antes de serem materiais de leitura, objetos com formas, cores, figuras. O ato de folheá-lo é inicialmente uma exploração da forma em materiais diversos: papel, papelão, borracha, pano, etc. que, com o tempo e observação dos usos que outras pessoas fazem deles, vão adquirindo modos de usar que indicam algo além da exploração formal.

Ao abordar sobre o desenvolvimento da personalidade e o processo de aprendizagem da criança, Bissoli (2014, p. 595) chama o livro de “objeto cultural” ou “objeto material”, no qual a criança, sendo um ser histórico cultural, deve ter acesso a diversos objetos que proporcionem esse processo de aprender. Especificamente sobre o suporte que estamos tratando, a autora afirma que “Os livros são acompanhados por procedimentos de manipulação e de leitura culturalmente elaborados”.

A respeito de infância, Farias, Britto e Santos (2020, p. 124) oferecem a seguinte reflexão

[...] pensar a infância em uma perspectiva que, ao invés de estabelecer o que as crianças são ou deixam de ser, tem como horizonte sujeitos que nascem em um mundo velho, grande e diverso, com todas as suas contradições, e são convocados, desde pequenos, a organizar e a compreender o tempo, o espaço e as relações que os determinam, ininterruptamente.

É fato que as discussões sobre a infância são históricas e ligadas a forma de pensamento relacionado ao desenvolvimento. Na perspectiva neoliberal, por exemplo, a infância é pensada para a criança ser preparada o quanto antes para desenvolver habilidades que possibilitem sua inserção ao mundo do trabalho; daí as crianças virarem uma espécie de “adultos em miniaturas”. Ainda que com uso de tecnologias diferentes, o comportamento dos adultos em relação às crianças nos remete ao modo medieval, época em que as crianças

trabalhavam nos mesmos lugares dos adultos. Hoje, as crianças de classe média têm suas agendas diárias devidamente preenchidas com aulas na escola formal, no inglês, na música, na prática de esporte, na dança, na informática. Identificamos uma concepção de infância distorcida, se considerar o olhar humanista, porém é também resultado da história, se olhar para o tratamento dado às crianças nos séculos passados, sobretudo nas cortes.

Por outro lado, há teóricos que defendem a criança como um ser histórico-cultural, como Melo (2007) a qual desde pequena consegue explorar espaços, objetos, estabelece relações, elabora explicações. Para a autora, “A infância é o tempo em que a criança deve se introduzir na riqueza da cultura humana histórica e socialmente criada, reproduzindo para si qualidades especificamente humanas”. (Melo, 2007, p. 90).

#### 1.2.4 Fios resistentes: A materialidade do livro pela leitura

O uso do vocábulo leitura há tempos é bastante comum no universo da educação, principalmente nos cursos de linguagem, literatura e pedagogia. No cotidiano encontramos o uso dele, de modo bastante comum, em expressões como: “leitura dos fatos”, “leitura da situação”, “leitura de mãos”, “leitura do jogo”, “leitura labial”, “leitura de mundo”, “leitura de imagem”. Britto (2015, p. 26 – 27) pontuou sobre tais usos, chamando a atenção para a necessidade de compreensão dos mesmos para além de uma extensão do conceito básico de leitura. Entendemos esse imperativo importante por algumas razões; a primeira delas, pelo fato de que nossa concepção de leitura as entende como metáforas, se assim não for, as entendemos como equívocos em torno da definição sobre o que é Leitura?

Dos termos enumerados, dois serão destacados: “leitura de mundo” e “leitura de imagens”. Aqui vêm as nossas segunda e terceira razões de compreendermos as especificidades que estão presentes em torno destes usos – o primeiro por ser amplamente difundido em decorrência da concepção defendida por Paulo Freire; o segundo, da mesma maneira, amplamente utilizado, principalmente no universo da indústria editorial de livros para criança, sobretudo a partir do conceito de Santaella, na perspectiva da Semiótica. Vale dizer, que nossa abordagem aqui não será de negação em relação a nenhuma destas, mas de nos posicionarmos enquanto participantes de um grupo de pesquisa que estuda e reflete sobre o termo e que tem um entendimento claro em torno do conceito de leitura.

Sobre a “Leitura do Mundo”, escolhemos Britto & Giorgi (2022) para discutirmos tal uso. Esta escolha justifica-se por termos encontrado no texto “Leitura do mundo e Educação

em Paulo Freire” um olhar cuidadoso e aprofundado acerca das produções publicadas por Paulo Freire e que trazem um entendimento contextualizado da referida expressão. As inúmeras vezes em que ela é utilizada em diferentes trabalhos surgem do uso da afirmação “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, utilizada por Freire em seus discursos orais e em sua escrita “A importância do ato de ler”, em 1982.

É notório, na concepção de educação libertária defendida por Paulo Freire, a importância do diálogo, a transição do senso comum para o epistemológico, cuja necessidade do homem se perceber no mundo contribui para seu processo de humanização, de tal modo que pode desenvolver seu senso crítico sobre o mundo. Seguindo o uso metafórico da palavra leitura, há de se compreender o que Britto & Giorgi (2022, p. 7) afirmam com base em Freire, “[...], a leitura do mundo seria a percepção mesma da vida-vivida, incluindo tanto as experiências subjetivas mais íntimas como as relações histórico-sociais mais complexas”.

Vale o registro da advertência que estes pesquisadores fazem em relação à ausência de trato epistemológico sobre leitura por parte de Freire. Isso já seria suficiente para refletir sobre a superficialidade com a qual é tratada a própria expressão de Freire ao falar da leitura de mundo. Para nós, está muito mais associada ao conceito de experiência, aquilo que vivenciamos e nos marca, nos transforma, nos humaniza, como aponta Jorge Bondía (2002). Nos escritos de Paulo Freire, nas ocasiões em que o estudioso fala de leitura e escrita, ele as faz considerando que o aprender a escrever pressupõe o ato de ler e que tais aprendizagens tornam os homens críticos de suas próprias realidades.

Sobre a leitura, de forma geral, é importante entender a diversidade de sentidos que compõem seu significado, sua definição ou definições. O conceito que discutimos trata da leitura como “prática social”, realizada por sujeitos que fazem parte e tem uma história, uma “ação cultural”, “um ato de posicionamento político” (Britto, 2003, p. 99 - 100). Reafirmando seu posicionamento, o autor defende que só há leitura de texto escrito e que esta “é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de sua experiência, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos”.

Voltamos às contribuições de Schopenhauer, no texto intitulado “Sobre livros e leituras”, numa discussão que permanece bastante atual, nos fazendo refletir que a leitura ou a busca por ela está intrinsecamente ligada à questão de classes, ao iniciar seu texto afirmando que “A ignorância só degrada a pessoa quando é acompanhada de riqueza. O pobre é limitado por sua pobreza e por suas necessidades; no seu caso o trabalho substitui o saber e ocupa seus pensamentos” (Schopenhauer, 1851, p. 1). Talvez esta afirmação nos dias atuais não seja bem

recebida, pois as palavras “pobre” e “pobreza” não soam muito bem aos ouvidos. No entanto, cotidianamente, escutamos - inclusive de professores - que não há tempo para a leitura, para o estudo e para a pesquisa, por conta das demandas do trabalho, isso também é verdade.

As demandas do ensino, em pleno século XXI, estão carregadas por questões burocráticas, o que acarreta em dois principais problemas em relação à leitura no espaço escolar: 1) De que modo o professor pode formar leitores, sem ser leitor? 2) Os alunos, não sendo estimulados à leitura, conseguem por si só desenvolver autonomia leitora?

Considerando a pluralidade de sentidos, vamos refletir acerca do que traz Martins (1994) no capítulo “Ampliando a noção de leitura”, no qual aponta uma contextualização sobre leitura no Brasil, que nos dias de hoje não são muito diferentes, no que diz respeito ao pouco acesso natural à leitura. O primeiro acesso aos livros, da maioria dos brasileiros, se dá por meio da escola. Esta, por sua vez, pouco avançou no ensinar a ler, uma vez que o que prevalece é a leitura por meio do livro didático, com recortes de textos, com muitos educadores não superando “o formalismo mecânico” e os educandos achando que “aprender a ler se resume à decoreba de signos linguísticos”. A autora faz uma abordagem que vai além do contexto escolar e do texto escrito, estabelece uma crítica ao que chama de “cultura letrada”, a qual limita-se à “relação leitura-escrita”, a qual “elitiza a leitura e a escrita” tornando a leitura um ato de poder.

Neste contexto, a autora traz como definição “a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de qual linguagem” (Martins, 1994, p.30). Portanto, apresentando uma concepção de leitura de texto, leitura de imagens, leitura de mundo, leitura de símbolos, de paisagens, de acontecimentos, ou seja, leitura das mais diversas linguagens. Ela reconhece a pluralidade de definições e resume-as em duas concepções principais: 1) “decodificação de signos linguísticos” e 2) “processo que envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos”.

Interessante perceber que tais autores apresentam concepções de leituras, de certo modo, opostas ou pelo menos divergentes, embora sem intenção proposital, pois não conseguimos evidências de que há intencionalidade de crítica entre os textos. Enquanto Martins defende a leitura de mundo, de imagem, de gestos, de situações, de textos; Britto (2003, p. 100) é categórico em relação à leitura ser possível apenas do texto escrito. Isto é uma questão profunda, que está associada ao ato de ler como uma atividade que exige esforço intelectual e que de alguma forma desmistifica algumas crenças do senso comum, tais como:

“a leitura salva”, “devemos ler por prazer”. Compreendemos a concepção defendida pelo autor, na medida em que as expressões aspidas carregam em si claras fragilidades, carregadas de um romantismo perigoso que pode levar os leitores a tornarem-se meros objetos de manipulação. Uma quantidade significativa de crianças só tem sua primeira experiência leitora na escola, assim sendo,

O modelo romântico tende a reproduzir a forma de cultura da classe dominante, não percebendo a ingenuidade e a impertinência que é esperar de um aluno da classe trabalhadora, confrontado e vitimado por infinitas desvantagens, alegria e autoafirmação apenas pela leitura. (Britto & Giorgi, 2022, p. 14)

A leitura sendo associada somente ao prazer, ao entretenimento, ao passatempo, de que modo nós pesquisadores, ou outros leitores teremos a criticidade necessária para efetivar a leitura de textos que não agradem aos gostos, que tem complexidade filosófica, que exige dos seus leitores momentos de muita concentração, bastante tempo disponível e repertório de outras leituras que possam nos apoiar para entendimento necessário de referidos textos. Aqui trazemos esta reflexão, também porque é bastante comum associar a leitura de textos literários à leitura que proporciona prazer, tratando-se dos livros para crianças isso se acentua ainda mais, basta percorrer rapidamente pelos sites oficiais das editoras ou em sites especializados em vendas de livros que este discurso é recorrente.

A questão é complexa, sobretudo porque muitos ouvintes e leitores de Britto entendem radicalmente como a negação do prazer e do poder de salvação da leitura dita por ele. É interessante observar o que o autor propõe é a compreensão de leitura não como algo simplificado, cuja função reduz-se a proporcionar prazer ou estaria nela o grande poder de salvar o homem de seus maiores problemas. Ela pode causar prazer, ela pode contribuir efetivamente para que homens salvem-se de alguma forma, mas ela precisa ser algo pra muito mais que isso, que provoque no leitor reflexões, criticidade e desenvoltura criadora – criadora de pensamentos, de conhecimentos, de discussões, de questionamentos, de soluções, de evoluções.

No que diz respeito à leitura, entendemos como necessário para a pesquisa, além da definição, compreender sobre o ato de ler, principalmente a leitura com crianças e pelas crianças. Neste sentido, podemos dizer que a leitura materializa-se por meio do ato de ler sobre o qual Bértolo (2014, p. 48) diz

Ler um texto não é tarefa simples, requer competência. Requer atenção, memória, concentração, capacidade de relação e associação, visão espacial, certo domínio do léxico e sintático da língua, conhecimento dos códigos narrativos, paciência, imaginação, pensamento lógico, capacidade para formular hipóteses e construir expectativas, tempo e trabalho.

Diante de tais atributos exigidos no ato de ler, faz sentido investigar sobre como as obras infantis disponibilizadas pelas editoras nos últimos três anos contribuem para que a leitura com crianças e/ou por elas são significativas, estimulando a capacidade criadora, a construção do imaginário, por meio de elementos estéticos.

No processo de definição do livro é interessante perceber que este se consolida na medida em que os leitores têm acesso ao bem cultural e o interpreta de modo a dar significado ao texto e as artes nele presente, uma vez que "Os leitores são autores potenciais e, desta maneira, existe um controle implícito sobre a interpretação" (Chartier, 2001, p. 24). Nesse sentido, o leitor faz parte da construção do que seja o livro, da sua finalidade maior, a promoção da leitura.

Avançando em nossas tranças a respeito de leitura e conseqüentemente do ato de ler, retomando a discussão acerca dos formatos de livros - o físico (tradicional) e o digital, Colomer (2016, p. 16 -17) nos convida a refletir sobre as transformações globais sobre a leitura, por conta das novas tecnologias, utilizando a expressão "nada será como antes". A autora tem razão no sentido de que um novo leitor surge em meio a tantas transformações, porém as novas habilidades, as novas práticas de leitura ainda não possam ser medidas, dada as mudanças ainda serem muito recentes. Tal reflexão é importante considerando o público para o qual é dirigida a produção editorial de livros para crianças, estas são de uma geração, cujo acesso aos recursos tecnológicos digitais ocorre muito cedo em suas vidas, muito antes de terem acesso a qualquer tipo de livro, talvez por isso, desenvolvem mais rapidamente suas habilidades leitoras de leituras digitais, ou ao menos, bem mais cedo que nós adultos.

Em se tratando de leitura para/pelas crianças, precisamos ser cuidadosos para não cair no senso comum, com expressões como: "quanto mais cedo ler para a criança, maiores são as possibilidades desta tornar-se leitora", "se os pais leem, as crianças também serão leitoras". O fato é que se tratando de leitura, esta é um direito da criança, que precisa ser garantido pelos adultos, com uso de estratégias formativas que promovam na criança o desenvolvimento de habilidades que garantam, sobretudo, a aprendizagem de leitura crítica.

Sobre isso, Britto (2015, p. 58)

[...] há que se produzirem as condições materiais e sociais; crianças leitoras nascem, e crescem, e vivem, e criam em ambientes em que a leitura desimpedida ocorra espontânea e frequentemente: ambientes com muitos e bons livros, com muitas e boas histórias e poemas, com muitas palavras e desafiadoras frases desajustadas, novidadeiras, voadoras, atrapalhadas, consoladoras, brincalhona... Palavras mudas e tagarelas.

Pensamento que reforça o que o autor afirmara em 2012 (p. 108 - 109), em relação à leitura realizada por adultos para crianças que ainda não dominam o ato de ler.

Quando uma criança de três anos ou quatro anos toma emprestada a voz da mãe, da professora, do amigo mais velho, e lê o texto com a voz emprestada, ela está lendo. Está lendo com os ouvidos, assim como outros leem com os olhos ou com as mãos. [...] Ao ler com os ouvidos, a criança não apenas se experimenta na interação, na interlocução, no discurso escrito organizado, com suas modulações prosódicas próprias, como também aprende as formas de ser da língua escrita, aprende a sintaxe da escrita, aprende as palavras escritas.

Conforme fomos adentrando no universo do livro, o compreendemos como objeto, um suporte que traz consigo uma imensidão de detalhes a serem desvendados. Assim como no universo, no sentido literal da palavra, há muito que ser descoberto, sobre o livro também é um mundo com possibilidades infinitas de descobertas. Portanto, para nós, o livro é essa imensidão que perpassa por uma evolução histórica, em que encontramos transformações significativas quanto ao formato - o projeto gráfico, o material utilizado, as temáticas, a presença ou não de elementos estéticos, a organização da indústria editorial.

Para nós, é o livro essa estrutura que envolve escritores, editores e leitores, que possui características diversas - tradicionais e modernas e no caso, dos livros para criança, que nos faz refletir sobre diversos aspectos conceituais - literatura, leitura, ilustração, criança e infância. E, no caso dos livros de literatura infantil, é principalmente, um instrumento no qual podemos encontrar arte, estética, que podem colaborar com nossos processos de mudanças, enquanto leitores críticos.

Nos livros para criança de literatura infantil, a leitura dos mesmos nos remete a experiências que, como para Daher (2023, p. 13) podem significar “território dos afetos”, “espaço para a imaginação”, “espaço para voltar à lembrança”, “tecido com imagens, palavras e silêncios”. Portanto, consiste em uma leitura materializada por meio de uma linguagem que pode ser instrumento de afetividade, imaginação e memória – estas nem sempre as mais agradáveis, pois as diversas infâncias são constituídas de realidades diferentes, por isso os

livros de literatura infantil tem forte apelo às emoções. As narrativas presentes neles são fictícias, mas permeiam na dialética do imaginário e do retrato da realidade, na medida em que seus leitores podem se identificar, se enxergar nelas. No universo da criança, a imaginação, muitas vezes, as leva para o protagonismo da narrativa, como a autora compartilha, “criava enredos, em sua maioria, protagonizados por mim”.

Na perspectiva de leitura de livros literários para criança precisamos compreender “as imagens, o simbolismo, a estrutura narrativa [...]. A linguagem é constitutiva da realidade ou da experiência e não se resume a mero veículo” (Eagleton, 2021, p. 12 – 13). Desta forma, tanto o livro para criança quanto a literatura infantil saem do escopo de sua origem atrelada à função pedagógica – principalmente de ensinar valores morais, determinados pelos adultos como corretos, adequados e necessários para que as crianças cresçam como “pessoas de bem”. Saem da função pedagógica, pois

[...] os livros oferecem aos pequenos elementos simbólicos para a compreensão do mundo. Seus personagens, produzidos com palavras e ilustrações no espaço das páginas, compõem narrativas que apresentam experiências de criação que extrapolam o uso pragmático da linguagem. (Daher & Farias, 2023, p. 20)

A leitura enquanto experiência, memória, imaginação, direito de acesso ao bem cultural livro, que exige do leitor esforço, dedicação, concentração, exercício de construção de sentido e que tem a finalidade social. É a concepção de leitura utilizada ao longo de nossa pesquisa, tanto em nosso exercício diário de pesquisadora – leitora, quanto no entendimento de que tipo de leitura a ser desenvolvido pelas crianças enquanto sujeitos participantes de uma sociedade.

### 1.2.5 Fios criativos: A materialidade do livro pelo projeto gráfico

Por compreendermos o livro como um objeto de múltiplas dimensões, iniciamos esta etapa do tecer, pelo que afirma Moraes (2008, p. 49)

[...] o objeto chamado livro tem um corpo, isto é, forma, tamanho, cor, tato, cheiro (por que não?) etc., que é como ele se apresenta para nós, aos nossos sentidos. Mas ele também vai ser lido. Seu conteúdo, o qual chamei de alma, vai ser revelado à medida que percorremos seu texto, vemos suas imagens, passamos suas páginas, adentramos seu interior, sua atmosfera, os caminhos que ele nos propõe imaginar.

Com origem no Renascimento, é por meio do projeto gráfico que as decisões acerca da forma, do designer do livro ocorrem. Nas reuniões editoriais, as decisões em relação ao tamanho, ao tipo de papel, à distribuição do texto nas páginas, a maneira que organiza a ilustração, a localização das informações peritextuais<sup>3</sup>, as cores a serem combinadas, as organicidades do livro como um todo. E por que o projeto gráfico é tão significativo, hoje? Porque ao projetar o livro, o designer dá caminhos ao leitor, de modo a influenciar diretamente no momento em que os leitores resolvem adentrar nas páginas do livro.

O projeto editorial decide se a ficha catalográfica é antes ou depois do texto, se vem com dedicatória, se todas as páginas tem texto ou não, se será usada uma determinada fonte, se terá dedicatória, ou seja, todo o formato do livro. De maneira que a organicidade do livro por meio do livro pode influenciar diretamente no ato de ler, essa estrutura impacta no ritmo da leitura, na reflexão acerca da relação entre as artes que se apresentam, ditam os caminhos a serem percorridos pelo leitor.

Em Chartier (1998, p. 18) essa materialidade do livro, ocorre quando “[...] as disposições de paginação, o modo de dividir o texto, as convenções que regem a sua apresentação tipográfica, etc.” E aprofunda sobre a distinção entre a produção do texto e a produção do livro, importante para compreender o papel do autor e dos demais profissionais presentes no processo de produção editorial. De modo que na concepção do autor,

Sejam o que quer que façam, os autores não escrevem livros. Os livros não são absolutamente escritos, eles são fabricados por copistas e outros artífices, por operários e outros técnicos, por prensas e outras máquinas. (Chartier, 1998, p. 17)

Salvo o uso de palavras, hoje em desuso, a pertinência do que se diz faz muito sentido quando estamos falando da materialidade do livro por meio do projeto gráfico. Delimitando ainda mais, para o livro, cujo direcionamento é para as crianças, diríamos que isso ganha ainda mais força, pois a diversidade de designer encontrados nos livros é algo inimaginável. Com os avanços tecnológicos, essa indústria investe muito alto, com o objetivo de atrair o gosto do leitor. Isso ocorre de forma tão contundente, que

---

<sup>3</sup> Definição utilizada por Farias, Britto e Santos no artigo O que faz de “Minsk” e “Luciana” livros para crianças: concepções de infância e leitura em projetos editoriais, baseado no conceito de Gérard Genette na obra Paratextos Editoriais.

No passar das páginas, o projeto gráfico nos indica uma ideia de ler, isto é, uma ideia de um tempo para se olhar cada página, de um ritmo de leitura por meio do conjunto de páginas, de um balanço entre o texto escrito e a imagem, para que, juntos, componham e conduzam a narrativa. A escolha do papel, formato, dimensão, letra, tipo de impressão, encadernação, quantidade de texto em cada página - [...] são de grande importância por interferirem no modo de construir um todo, essa proposta de leitura chamado livro. (Moraes, 2008, p. 49 - 50)

Enfim, o projeto gráfico consiste nessa dimensão exposta que, ao pesquisar sobre, nos provocou inquietações angustiantes, dentre elas: Estaria no projeto gráfico uma armadilha para falar-se em qualidade do livro para crianças? É importante marcar o posicionamento de que a qualidade proposta pelo projeto editorial é fundamental e as crianças merecem e têm o direito a ter acesso a um bem cultural de qualidade. No entanto, não podemos fechar os olhos para a possibilidade de um produto ser muito bonito do ponto de vista estrutural, mas com pouca ou nenhuma qualidade estética em relação ao seu texto e a sua imagem.

Nos livros que contêm o selo “Altamente Recomendável”, objeto de nossa pesquisa, por exemplo, são raros aqueles que não possuem o projeto gráfico encantador. O material utilizado neles, no geral, é de excelente qualidade, com notório uso de tecnologia de ponta. É claro que essa produção com esse cuidado foi efetivada antes das obras terem o selo, mas também não podemos achar que tamanho investimento não tenha sido devidamente pensado para concorrer à premiação anual e ganhar o selo, para também com isso, valorizar ainda mais o produto.

Trazemos estas questões porque, esse comportamento da indústria impacta diretamente no modo de acesso aos livros de qualidade, considerando que não estamos falando de um produto barato se considerar o poder aquisitivo das famílias brasileiras. É fato que muitas de nossas crianças, só têm acesso ao livro, no espaço escolar, não à toa o governo é o maior cliente da indústria editorial brasileira, sobretudo com políticas públicas de compra e distribuição de livros nas escolas públicas. E nessa circunstância, por exemplo, há livros que receberam o selo da FNLIJ, entram na lista de compras do governo, mas quando são produzidos em larga escala, a qualidade do produto não é a mesma. E se o projeto editorial determina um caminho para a leitura como afirma Moraes, e concordamos com ele, pressupomos que essa baixa na qualidade do produto proposta pelo projeto gráfico pode impactar negativamente na formação do leitor, no caso, as crianças.



Ilustração de Alexandre Rampazzo

*“Tudo está em processo e deslocamento. É assim que a literatura trabalha com a experiência do humano, pelo feixe das sensações e das memórias”.*

*Volbei Canônica*

## 2 TECITURA METODOLÓGICA

Em que lugar encontra-se a nossa investigação para compreender sobre as tendências da produção editorial de livro infantil? Antes de qualquer detalhamento, esta é uma pesquisa realizada com o alinhavado de muitas e diversas mãos e aqui, faço escolha de uma escrita pelo tempo verbal no pretérito. Considerando pesquisa todo o processo que inicialmente começa sem amarras metodológicas, o que não significa despreocupação com o rigor científico, por entendermos que trata-se de algo que “se constitui em uma atividade científica básica que, através da indagação e (re)construção da realidade, alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade”. (Lima e Miotto, 2007, p. 39).

Olhar que se amplia no sentido de que “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (Minayo, 2001, p. 17). Por isso, a necessidade de aprofundamento teórico por meio de bastante leitura, estudo, associação, rabiscos e experimentos. Assim sendo, apontamos as “linhas” tecidas, relatando nossas vivências no fazer da pesquisa, abrindo um parêntese para esclarecer que alguns próximos parágrafos a pessoa gramatical utilizada será a primeira pessoa do singular. Isso não significa que tratará de mera descrição em relação às vivências com a pesquisa, essa escolha se dá de modo intencional por marcar efetivamente a experiência pessoal da pesquisadora, promovendo reflexões acerca de um processo que não ocorre sozinho, mas se constitui em cada indivíduo de modo diferente.

Não, por acaso, mas espontaneamente, esta etapa da escrita, também será marcada por subjetividade, na perspectiva em que aponta Sartre (2015, p. 39 - 40) “sendo [...] simplesmente o nosso próprio ser, isto é, a nossa obrigação de ter-de-ser nosso ser, e não apenas de sê-lo passivamente” e amplia a definição afirmando “conhecer-se é modificar-se e, sobretudo, passar de um estatuto para outro”. Assim, apontaremos a maneira como foi definido o objeto.

O processo de definição do objeto, de certo modo, vem oriundo “de uma imitação dos movimentos que dão bom resultado na prática do trabalho, da continuidade de sua experiência” (Lukács, 1970, p. 72). Queremos deixar claro, que compreendemos sobre as críticas de Sartre à Lukács, o que não o impede de reconhecê-lo como intelectual que trata da subjetividade. Dito isto, passaremos a entrelaçar o encadeamento do nosso objeto de pesquisa, o qual seguiu uma construção processual, alinhado com o que diz Valdemarin (2010, p. 62)

Do delineamento da construção de um objeto de pesquisa, aqui apresentado, emerge a constatação de sua permanente elaboração. A definição de um foco de abordagem e o estabelecimento de fontes documentais pertinentes vão sendo modificados durante a elaboração, entrecruzados com novas possibilidades interpretativas nascidas das interfaces temáticas.

Além disso, com base em Gamboa (2003, p. 397 - 398) a pesquisa começa com a localização do problema, processualmente surgem às questões, que ao serem qualificadas tornam-se perguntas possíveis de serem respondidas, estas são bem elaboradas a partir de uma boa revisão de literatura, levantamento de outras pesquisas no mesmo campo, verificando se a pergunta formulada já não tem respostas, uma vez que a pesquisa se justifica quando as respostas em torno do problema não estão dadas. Nossa maior preocupação, inicialmente, era ler, estudar, ampliar o olhar sobre a temática, os campos de estudo, para então partir para a formulação do problema de pesquisa.

## **2.1 Encadeamentos para o objeto de pesquisa**

Assim que iniciaram as aulas do Programa de Mestrado em Letras, em 2021, tive contato com alguém já conhecido neste texto, o Professor Percival Britto, nosso professor da disciplina de Metodologia da Pesquisa, com quem aprendi e aprendo constantemente e não por acaso, é parceiro de trabalho e amigo pessoal do meu orientador, o Professor Zair Henrique.

Logo na primeira aula, o Professor Percival teve o cuidado de nos escutar em relação ao que pretendíamos no curso de mestrado e sobre nosso projeto de pesquisa. Naquela ocasião, estava imersa em leituras de obras de Dalcídio Jurandir, que em diálogo com meu orientador, tínhamos definido que seria sobre ele nossa pesquisa. Confesso que à medida que ampliava minhas leituras tanto de obras, quanto de textos, trabalhos referentes ao autor, fui percebendo uma dimensão gigantesca sobre Dalcídio Jurandir e me inquietava e angustiava muito sobre o que delimitar para o objeto de pesquisa.

O referido professor já conhecia o meu projeto apresentado na seleção e na tentativa de levar-me a pensar sobre o que seria pesquisa, indagou-me por que do meu “primeiro” objeto de pesquisa. Lembro-me bem do nervosismo em responder, mas trouxe minha intencionalidade, a qual estava relacionada com minha prática na educação básica, uma vez que é notória a ausência de estratégias para o ensino de literatura nesta etapa da educação escolar. O professor trouxe algo sobre o fazer da pesquisa, que naquele momento não

compreendi bem, mas fez sentido quando reli o texto “Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação” de Alves-Mazzotti (2001, p. 41)

[...] o desconhecimento das discussões teóricas-metodológicas travadas na área levam muitos pesquisadores iniciantes, principalmente aos alunos de mestrado a permanecerem “colados” em sua própria prática, dela derivando seu problema de pesquisa e a ela buscando retornar com aplicações imediatas dos resultados obtidos.

E só fez sentido porque era exatamente assim que pensava até aquele momento em relação ao que pesquisar, de que modo seria relevante o meu problema de pesquisa, se não fosse para aplicar imediatamente na prática, com o máximo de ampliação, algum colega de profissão achasse interessante e também pudesse aplicar em sua sala de aula. É importante registrar que trago todos estes detalhes, que talvez não pareçam necessários para alguns, porque se hoje, de algum modo estou conseguindo discorrer sobre um problema de pesquisa, tudo isso é oriundo de um todo significativo que envolve não somente as leituras, a dedicação, às orientações diretas, mas o curso como um todo, uma experiência efetivamente formativa.

Após um mês de aula mais ou menos, meu orientador me sinalizava da possibilidade de mudar nosso objeto, eu ouvi com calma, inquietei-me, mas escolhi confiar no que ele estava propondo - pesquisar sobre os livros de literatura infantojuvenil, a produção editorial destes, diga-se de passagem, nesse primeiro momento, nada muito delimitado, nem claro. Sobre essa mesma mudança, o Professor Percival sinalizou durante a sua aula da disciplina, que em conversa com o Professor Zair viam a possibilidade de pesquisar sobre algo que precisava ser pensado no grupo de pesquisa.

E aqui, gostaria de refletir quanto à experiência de pesquisar algo a partir das necessidades do grupo de pesquisa. Embora não tenhamos condições de aprofundar sobre a temática e nem tenhamos essa intenção, aqui trazemos como parte de todo esse processo formativo, uma vez que, Mainardes (2022, p. 3 - 4) destaca esta organização como essencial tanto para o desenvolvimento da pesquisa, quanto para a formação do pesquisador, podendo ser estes “comunidades de práticas”<sup>4</sup> e “comunidades epistêmicas”<sup>5</sup>. Referenciando diversos estudiosos, o autor enfatiza que

---

<sup>4</sup> [...] os grupos têm um domínio de interesse compartilhado que é amplamente definido por sua disciplina científica e mais estritamente determinado por suas perguntas de pesquisa. (MAINARDES, 2022, p. 3)

<sup>5</sup> [...] os grupos são espaços de produção de conhecimento e conduzem ao crescimento da proficiência intelectual e metodológica. (MAINARDES, 2022, p. 4)

[...] é nos grupos de pesquisa que se dá a socialização dos cientistas; é, assim, o espaço em que os modelos de comportamento, valores, significados culturais e regras sociais de uma disciplina ou de um campo de pesquisa são alcançados pelos recém-chegados. Os grupos de pesquisa constituem o local de um conjunto de artefatos, técnicas, ferramentas e ideias que tornam possível o desenvolvimento de teorias consistentes.

É exatamente nessa dimensão que o Lelit tem grande significado, pois por meio dele, amplio meus conhecimentos sobre temas diversos, sobre questões filosóficas que norteiam a pesquisa, além de ter pares muito mais experientes em pesquisa com os quais tenho contato direto e aprendo cotidianamente.

Retornando à proposta de objeto de pesquisa, imediatamente, iniciei o levantamento de material para conhecer sobre o assunto. Utilizava as dicas das aulas de metodologia, buscas no *Google* acadêmico, na plataforma *Scielo*, em repositórios das universidades, vídeos no canal *Youtube* Lelit/Ufopa, além de livros indicados por meu orientador, indicados nas *lives* e nas referências de artigos, dissertações e teses. Foquei nas leituras, nos vídeos, em eventos online sobre produção editorial de livros infantojuvenis. Foi um verdadeiro mundo de descobertas, muitas descobertas.

Esse processo seguiu para um encontro entre eu, meu orientador e meu então professor de metodologia. Um grande momento de escuta, de intensa atenção, mesmo combinando de gravar, eu desafiei-me escutá-los ao máximo, eu sabia que ali tinha muito a aprender. Como resultado prático, saímos desse encontro com muitas dúvidas, uma transcrição de áudio, a minha ida para a biblioteca do Lelit, a disponibilidade e apoio do meu orientador, Professor Zair e do Professor Percival em articular o que fosse possível para a pesquisa, além de uma primeira delimitação: os livros de literatura infantil que fazem parte da seleção anual da FNLIJ nos anos 2020, 2021 e 2022.

Cheguei ao espaço físico do Lelit e fui apresentada à Daiane Rocha, a Dai, como carinhosamente é conhecida. Ela talvez não faça ideia, mas somou de forma indescritível, com o diálogo, com os conhecimentos sobre os livros para crianças, com as sugestões de leituras, com a apresentação de toda a engrenagem em torno do Lelit. De modo que, consolidou em mim um sentimento de acolhimento que eu já vinha sentindo por parte do Professor Percival, do meu orientador e agora de uma parceira de estudo. Aqui iniciou a minha construção de repertório de leitura de livros para crianças, compreendendo que “a pesquisa sobre literatura infantil demanda a leitura de textos do gênero”. (Morttatti, 2001, p. 183).

Algo muito claro em relação à construção do repertório estava posto, a leitura destes livros não pode ser uma leitura qualquer, à medida que vamos ampliando o conhecimento sobre literatura infantil, análise literária, concepção de criança e infância, vamos também nos desafiando a realizar uma leitura de literatura infantil, em conformidade com a perspectiva civilizatória, emancipatória, crítica e humanizadora apontada por Antonio Candido (2011, p. 176 - 177).

Encontramos em Mortatti (2001, p. 183) um olhar bem diretivo em relação à leitura crítica de literatura infantil, que nos exige enquanto pesquisadora uma relação com esse texto que vai além da relação própria de um leitor, ela nos exige “a busca do distanciamento crítico”, originado em questões aparentemente simples, como as razões que levaram a gostar ou não daquele texto, ou se deve gostar ou não. Essa postura implica em analisar o que a autora chama de configuração textual, numa perspectiva interdisciplinar, de modo a perceber a identidade do gênero.

Ainda sobre a criticidade da leitura, do encantamento pelo tema e sobre a própria pesquisa, nos diversos momentos formativos vivenciados no Lelit, Britto (2019, p. 808) é incansável em nos advertir de tal necessidade, sobretudo porque nos leva a refletir que “A formação pela pesquisa supõe relação com o conhecimento, atual e potencial, que ultrapasse o pragmático e as demandas imediatas, implicando dinâmica formativa que se espraia para além do objeto sobre o qual incide”.

Em diálogos com o meu orientador, fomos definindo os aspectos teóricos que embasariam nossa pesquisa, a lembrar: leitura, literatura, literatura infantil, ilustração, livros, concepção de criança e infância, produção editorial. E assim seguimos num processo de busca de conhecimento com a finalidade de definir nossa problemática. Sobre a qual consideramos oportuno trazer que embora pareça consenso que o início da pesquisa deva ser pela constituição de um problema, defini-lo não é uma tarefa simples, menos ainda, constituí-lo.

Meses depois, já concluída a disciplina de metodologia, o Professor Percival entra em campo novamente, em uma de suas idas ao Rio de Janeiro, almoça e conversa com Elizabeth Serra (Secretária Executiva da FNLIJ e Presidente do Prêmio Anual da FNLIJ) e desse diálogo surge mais um ponto de delimitação do nosso objeto empírico - os livros com o selo "Altamente Recomendável" da premiação anual da FNLIJ.

Assim sendo, ao ter acesso aos regulamentos e as listas de livros com selo "Altamente Recomendável" e identificarmos as 18 categorias, vimos à necessidade de realizar alguns recortes, definindo para a pesquisa, as categorias: criança, imagem, informativo, poesia,

reconto, tradução/adaptação criança, tradução/adaptação informativo, tradução adaptação reconto, escritor(a) revelação, ilustrador(a) revelação, melhor ilustração e melhor projeto editorial. Esta delimitação faz-se necessária, sobretudo pela amplitude que há no que diz respeito aos aspectos conceituais e de concepção.

Toda a construção do objeto de pesquisa foi marcada por um profundo processo formativo no sentido de compreender o fazer da pesquisa. Construindo uma trajetória inicial no meio científico, em que exercitei autonomia e deliberei-me para aprender com os pares que vem surgindo ao longo da caminhada. Desse modo, enquanto pesquisadora iniciante, experienciamos o que Silva e Valdemarim (2010, p. 51) dizem sobre os estudos iniciais, que são possibilidades formativas, na medida em que o pesquisador apropria-se de leituras, define os caminhos futuros. Portanto, a projeção no ato de fazer a pesquisa se constrói num movimento nada linear, muito menos imutável.

## **2.2 Alinhavados teóricos**

Uma das primeiras preocupações referentes ao embasamento teoricamente à pesquisa se deu em busca de teóricos de conceitos e concepções consolidados. Preocupamo-nos também com a forma de coleta e análise dos dados dos livros. Para estes, encontramos em artigos, análises de livros infantojuvenis, criamos nosso instrumento de coleta de dados. Não foi uma tarefa fácil decidir os caminhos teóricos que dessem sustentação á nossa forma de construção da pesquisa.

Como já mencionamos, ao mesmo tempo em que alinhávamos sobre o que iríamos pesquisar, vivenciamos um momento essencial e necessário em busca de um referencial teórico, por meio do qual pudéssemos embasar nossas linhas de pensamentos e inquietações. Trata-se da revisão bibliográfica, “um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa” (Lima e Miotto, 2007, p. 38). Ao passo que levantávamos artigos, dissertações, teses, livros, nos dedicamos à leitura, a priori, de forma rápida, apenas com a finalidade de selecionar o que encontramos de mais relevante, o que as autoras chamam de leitura de reconhecimento do material bibliográfico.

Deste levantamento, listamos abaixo, alguns trabalhos relacionados ou aproximados ao nosso objeto de pesquisa.

**Quadro 2:** Trabalhos acadêmicos relacionados ou aproximados ao objeto de pesquisa

Nº	Título	Pesquisador(a)	Orientador(a)	Tipo de Trabalho Ano	Instituição
01	Literatura Juvenil em Análise: estudo da ideologia de obras premiadas.	Maria Augusta Bastos de Sampaio	Maria Antonieta Antunes Cunha	Dissertação 1990	Escola de Biblioteconomia da UFMG
02	Discurso sobre o livro infantil	Licia Maria Pedreira de Almeida	Alda Junqueira Marin.	Dissertação 2009	PUC/São Paulo
03	Literatura premiada entra na escola? A presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte.	Cristiane Dias Martins da Costa	Aparecida Paiva	Dissertação 2009	Faculdade de Educação da UFMG.
04	A produção literária para crianças e jovens: distribuição e pertinência em categorias da FNLIJ.	Cristiane Dias Martins da Costa Bruna Lidiane Marques da Silva		Artigo	Faculdade de Educação da UFMG
05	“e o prêmio vai para...”: os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década”	Andressa Boton	Marlene Neves Strey	Dissertação 2011	PUC/Rio Grande do Sul
06	OPERAÇÃO PRINCESA: os critérios de qualidade da FNLIJ, sua relevância para o mercado editorial e a formação de leitores.	Ana Carolina Vaz de Oliveira Fernandes	Mário Feijó Borges Monteiro	Monografia 2013	Escola de Comunicação – UFRJ
07	Literatura infantil no Brasil: A voz da Fnlj nas Premiações de 2012 e 2013.	Juliana Valéria de Abreu	Celia Abicalil Belmiro	Tese 2015	Faculdade de Educação da UFMG.
08	LEITURAS DO LIVRO INFANTIL ILUSTRADO: A mediação inerente a livros premiados pela FNLIJ na categoria Criança	Tatyane de Andrade Almeida	Celia Abicalil Belmiro	Dissertação 2016	Faculdade de Educação – UFMG.
09	Comunicação visual no livro ilustrado: palavra, imagem e design contando histórias.	Anália Adriana S. Ferreira	Márcia Tavares Silva	Dissertação 2017	UFCG
10	A literatura infantil pelo olhar da criança	Maria Elisa de Araújo Grossi	Maria Zélia Versiani Machado	Tese 2018	Faculdade de Educação da UFMG.

11	O papel do projeto gráfico na construção narrativa de livros de literatura infantil contemporâneos.	Jéssica Mariana Andrade Tolentino	Marta Passos Pinheiro	Artigo 2019	Revista Manuscrita
12	O Melhor para a Criança? Uma Leitura do Prêmio FNLIJ - Ofélia Fontes - (2001-2018)	Josiane de Souza Soares	Márcia Cabral da Silva	Tese 2020	UERJ
13	Prêmio FNLIJ “O Melhor Projeto Editorial”: elementos da materialidade no livro de literatura para crianças	Márcia Cabral da Silva Josiane de Souza Soares		Artigo 2020	Publicado na Revista FronteiraZ – PUC – SP. UERJ CAP/UFRJ
14	Livro ilustrado e primeira infância: leituras que excedem palavras	Mariana Parreira Lara do Amaral.	Mônica Correia Baptista	Dissertação 2021	Faculdade de Educação da UFMG.
15	A recepção da Literatura ilustrada infantil coreana no Brasil	Luis Carlos Girão Martina Guessi Balieiro	Yun Jung Im1	Artigo 2022	Revista Miscelânea
16	TROUXE A CHAVE?: as materialidades do livro interativo analógico na literatura de infância, um convite a abrir as portas da percepção.	Juliana Pádua Silva Medeiros	Marisa Philbert Lajolo	Tese 2022	Universidade Presbiteriana Mackenzie
17	O designer gráfico de livros para a infância nas modalidades de avaliação do Prêmio FNLIJ.	Simone Cavalcante de Almeida Gisela Belluzzo de Campos		Artigo 2023	Universidade Anhembí Morumbi
18	A ARTE DE ILUSTRAR concepções e processos de criação de Marilda Castanha e Anna Cunha para livros ilustrados.	Brígida Mattos Ornelas	Ana Elisa Ferreira Ribeiro	Dissertação 2023	CEFET – Minas Gerais

No que diz respeito à leitura, utilizamos como principal instrumento de levantamento de dados. Como uma prática que encontra-se em constante aperfeiçoamento e, na construção da pesquisa, muitos materiais lemos sucessivas vezes, seja para compreendê-los, para confirmar dados, para relembrar, para estabelecer associações entre textos, identificar diálogos entre teóricos e para ampliar o olhar sobre conceitos, concepções convergentes ou divergentes. Utilizamos a técnica, conforme a classificação de Lima e Miotto (2007, p. 41 - 42)

[...] a) **Leitura de reconhecimento do material bibliográfico** - ocorre de forma (grifo nosso) rápida que objetiva localizar e selecionar o material que pode apresentar informações e/ou dados referentes ao tema. b) **Leitura exploratória** - objetivo é verificar se as informações e/ou dados selecionados interessam de fato para o estudo. c) **Leitura seletiva** - procura determinar o material que de fato interessa, relacionando-o diretamente aos objetivos da pesquisa. d) **Leitura reflexiva ou crítica** - É realizada nos textos escolhidos como definitivos e busca responder aos objetivos da pesquisa. Momento de compreensão das afirmações do autor e do porquê dessas afirmações. e) **Leitura interpretativa** - tem por objetivo relacionar as ideias expressas na obra com o problema para o qual se busca resposta. [...]. Requer um exercício de associação de ideias, transferência de situações, comparação de propósitos, liberdade de pensar e capacidade de criar.

Disto isto, apontamos a finalidade desta etapa da pesquisa com as temáticas que rodeiam nossa problemática. Na medida em que compreendemos as tendências da produção editorial de obras infantis, também compreendemos o campo de cultura, considerando que “A ordem humana, porém, é a ordem simbólica, isto é, a da capacidade humana para relacionar-se com o ausente e com o possível por meio da linguagem e do trabalho”. (Chauí, 2009, p. 27), de modo que a cultura está diretamente ligada à questão da produção editorial da literatura infantil, sendo o livro para crianças um produto de bem cultural simbólico.

Ao refletir sobre a tendência da produção editorial de livros infantis, estamos refletindo sobre as concepções de infância e de criança. É notório que a produção editorial para crianças tem se mostrado muito forte na indústria editorial da atualidade, a questão aqui posta é, o que de interessante há nessa produção? Além destas concepções, para refletir acerca desta temática, faz-se necessário compreender as definições de literatura, de literatura infantil, de leitura; verificar se o livro como produto é uma obra de literatura infantil ou um livro para crianças; compreender o contexto da produção editorial, da adaptação e tradução; analisar os livros infantis, para assim estabelecer o perfil e as tendências da produção editorial, uma vez que

Quando se estuda sobre literatura, nota-se, por exemplo, que na narrativa literária, além do que se conta, é importante saber como tudo está expresso, as peculiaridades do enredo; como a obra está estruturada; quais os aspectos que chamam atenção e porquê; que fatores são importantes nas relações dos personagens e nos seus comportamentos, entre outras questões. (Almeida, Souza, 2021, p. 14 - 15)

### 2.3 “Entretences” investigativo

Nossa pesquisa está inserida em dois grandes campos de conhecimento: da produção editorial e da literatura infantil, esta última, com base em Mortatti (2001), ainda é muito recente, no mundo - teve início no final do século XIX, já no Brasil, o marco inicial foi a obra de Monteiro Lobato “Narizinho Arrebitado”, datada de publicação no ano de 1920. Em 1970, houve uma explosão na produção editorial de livros para crianças e jovens, aspecto que contribui para intensificar os estudos neste campo, com intuito de estabelecer uma teoria própria deste gênero literário.

Segundo Zilberman (2003, p. 33) “o progresso das técnicas de industrialização chegou à arte literária” no século XVIII, momento em que surgiu também a literatura infantil, a princípio com finalidade pedagógica, carregando por muito tempo, talvez até os dias atuais, um olhar diminuído dentro do fazer literário, considerado como um gênero menor. Nos estudos que realizamos sobre a história do livro, encontramos muito mais que os conteúdos a respeito do tema, encontramos sobretudo no texto de Robert Darton (2010), o relato de como se deu a pesquisa sobre a história do livro. Notadamente foi uma pesquisa de análise documental, pois os historiadores levantaram dados em relatórios, documentos contábeis, pedidos de compras, analisaram e apresentaram os resultados.

No Brasil, embora “Narizinho Arrebitado” tenha sido publicado em 1920, considera-se como obra precursora deste gênero, do autor Monteiro Lobato, na década de 30 do século XX, porém somente na década de 70, a produção editorial de livros infantis passou a ser mais difundida. Diante de tantas transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas no Brasil, no final do século XX, com o país saindo da ditadura militar. No início do século XXI houve um expressivo crescimento na produção editorial deste gênero, segundo Lajolo e Zilberman (2017, p. 58) “Livros para crianças e jovens exibem espetacular desenvolvimento quantitativo e qualitativo, propondo, desdobrando e consolidando novas formas de produção e difusão”.

Neste universo de crescimento e de uma indústria editorial consolidada, entendemos necessário discutir acerca do universo contraditório deste segmento: as editoras são empresas, que como tais, organizam-se conforme as estruturas do sistema capitalista. Seu produto, o livro, objeto de construção de conhecimento, recurso de formação de leitores críticos está nesse contexto. Deste modo, cabe a reflexão: de que modo os interesses industriais interferem na produção editorial das obras?

Refletiremos acerca de diversos aspectos: Em que consiste a produção editorial de livros para crianças? Apresentando a definição, o contexto atual em percentual de produção,

movimentos culturais, proposições, design e projetos gráficos, os aspectos físicos do livro, tipografia para o livro infantil, organização do texto, cor, cadência, impressão e acabamento. Estes como elementos externos que contribuem para a construção de sentido.

De modo geral, compreendemos a produção editorial, conforme Muniz (2019, p. 2)

A atividade editorial trata, então, de dar forma material aos textos e de fazer circular conteúdos provenientes de espaços sociais com os quais mantém uma relação de forte interdependência e que, por isso, o habitam. Pensar a configuração contemporânea de espaços de produção de saberes como a ciência, a literatura, a educação, dentre outros, implica pensar os mecanismos institucionais por meio dos quais tais espaços logram espraizar, dentro de si e para além de si, as ideias e os debates intelectuais que lhes concernem.

A importância de compreender a produção editorial dos livros para crianças se dá para que possamos realizar uma análise consistente dos livros que teremos como base. E, para esta análise, questionaremos acerca dos seguintes fatores: O que há de literatura infantil nos livros infantis? Essa discussão torna-se possível verificando as linguagens, os textos, os tipos de imagens, os projetos gráficos, as informações presentes nos elementos pré e pós-textuais.

## **2.4 Tranças procedimentais**

Utilizamos o termo “trança” de modo oportuno caracterizando nossos procedimentos, “considerando a contradição e o conflito; o ‘devir’; o movimento histórico; a totalidade e a unidade dos contrários; além de apreender, em todo o percurso de pesquisa, as dimensões filosófica, material/concreta e política que envolvem o objeto de estudo” (Lima e Miotto, 2007, p. 39) própria do método dialético. Uma vez que nossa problemática consiste em investigar as tendências da produção editorial de livros para crianças, por meio dos livros para crianças com selo “Altamente Recomendável” da FNLIJ. Conforme já afirmamos, trata-se de um produto de bem cultural e ao mesmo tempo um produto mercadológico. As discussões aqui refletidas, tanto de construção teórica, quanto de análise dos dados levantados nos livros serão norteadas por esta oposição.

No que diz respeito às estratégias investigativas, utilizamos estudo bibliográfico, associado à análise documental. A princípio, construímos a revisão de literatura, buscando material teórico, que embasam o conhecimento sobre o objeto em estudo, cujos instrumentos são: livros, teses, dissertações, artigos, conferências, palestras, dentre outros. Baseado no que

diz Lima e Miotto (2007, p. 38) “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. De modo que as definições e concepções apresentadas em nossa pesquisa foram elaboradas a partir de tais procedimentos.

A análise documental, definida por Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5) como “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Utilizamos esta estratégia por entender, que de acordo com Cellard (2008, p. 295) “elimina, ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência a ser exercida pela presença ou intervenção do pesquisador - do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados”.

Nesta perspectiva de pesquisa, são documentos: livros, documentos oficiais públicos ou privados, registro escrito, são provas de algo ocorrido no passado. Recorremos à Godoy (1995, p. 21 - 22)

[...] os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes).

Em nossa investigação, inicialmente estavam definidos como documentos: os livros infantis, os regulamentos e as listas de resultados da escolha dos livros com selo “AR”. No entanto, ao longo do processo de busca de dados, sobretudo a partir do momento que nos desafiamos contextualizar o nosso objeto de pesquisa, a relação de documentos ampliou-se consideravelmente: livros, regulamentos, listas dos livros com selo “AR”, entrevistas, notícias, informativos, editoriais, publicações em redes sociais oficiais, estatutos, anais, discursos, imagens e mensagens oficiais.

A seleção desse material nos exigiu exercitar rigorosa crítica e ao mesmo tempo grande sensibilidade, para selecionar os documentos em que realmente encontrássemos os dados necessários à pesquisa. Nesse processo de escolha, fomos atentos ao conteúdo, ao contexto de produção, além de verificar como se usa e qual a função destes documentos. Sobre a escolha destes documentos, nos baseamos em Kripka; Scheller; Bonotto (2015, p. 245) que consiste em delimitar o universo investigado, a escolha de um ou outro documento está relacionada ao problema investigado, depende dos objetivos, de modo que a pergunta que se formula ao documento é tão importante, quanto ele.

Em relação à forma que estamos procedendo com a pesquisa, fizemos um levantamento bibliográfico referente às temáticas - literatura, literatura infantil, ilustração, leitura, livro e produção editorial. A princípio, tal levantamento foi norteado por teóricos como: Candido, Coelho, Britto, Lewis, Bértolo, Farias, Santos, Lajolo e Zilberman; ampliando-se posteriormente para Adorno, Williams, Todorov, Culler, Lukács, Chartier, Chauí, Collomer, Hansen, Andruetto, Serra, Sandroni, Mortatti, Melo, Bissoli, Machado, Alarcão e outros.

Ao construirmos a revisão bibliográfica, buscando informação principalmente por meio de repositórios acadêmicos, utilizando como uma das principais ferramentas de busca o *Google Acadêmico*, e a plataforma *Scielo*, os quais organizamos em pastas digitais no *Google Drive*, nomeadas conforme a estrutura da pesquisa, sendo estas organizadas por temáticas - leitura, literatura e literatura infantil; teoria e crítica literária; livros, Fnlj, produção editorial, ilustração, criança e infância e Lelit ou por estrutura da pesquisa - metodologia, levantamento de dados (especificamente dos livros para crianças); dentro de uma pasta maior denominada “material para dissertação”. Esse procedimento facilitou para aprofundamento teórico, bem como na confirmação de dados, muitas vezes, favorecendo a inter-relação entre os textos.

Quanto aos livros para criança dos quais levantamos os dados, fizemos buscas na biblioteca do Lelit, em acervo particular, da parceira de estudo Roseane Serrão, em sites da internet, via e-mail junto à própria FNLIJ e para as editoras que continham livros na lista “AR”. Os dados foram levantados por meio de instrumento de própria autoria, elaborado com base em leituras de artigos que analisam obras literárias infantis, intitulado de Instrumento de registros para análises dos livros para crianças, construído a partir de leitura e estudo da proposta apresentada por Mortatti (2001); da Análise de Minsk e Luciana publicadas por Britto, Farias e Santos (2020) e da Análise Literária proposta por Almeida e Souza (2021). O mesmo foi pensado de forma alinhada às respostas que buscamos em relação ao nosso objeto de pesquisa.

A elaboração deste documento, apoiou-se no que afirma Lima e Miotto (2007, p. 41) “[...] investigação das soluções também pode envolver a construção de um instrumento que permita pinçar das obras escolhidas os temas, os conceitos, as considerações relevantes para a compreensão do objeto de estudo”.

Este instrumento está organizado da seguinte forma: Configuração textual - Título, temática, gênero, elementos estéticos, escritor(a), ilustrador(a), leitor previsto, por que? Para que? Elementos linguísticos e estilísticos - linguagem, pontuação, ambiguidades, alegorias,

figuras de linguagens. Elementos peritextuais, “aqueles que fazem parte do texto publicado no espaço mesmo do volume impresso ou eletrônico” (Farias, Britto, Santos, 2020, p. 120) - informações autorais, data e local de edição, ficha catalográfica, dedicatória, prefácio, posfácio, apresentação, capa, quarta capa, características materiais, ilustração, projeto gráfico e diagramação e Elementos epitextuais “são os que apresentam ou falam do texto publicado fora de seu espaço” (Farias, Britto, Santos, 2020, p. 120) - textos de divulgação, entrevista, textos de críticas.

Segundo Lima e Mioto (2007, p. 43)

Para validar o instrumento construído, é importante realizar um teste, com algumas das obras selecionadas, que possibilite avaliar a eficiência do roteiro de leituras de modo a ampliar seus campos de investigação, caso as questões não estejam suficientemente claras.

O primeiro livro que escolhemos para testar o instrumento criado foi “Bárbara” do escritor Murilo Rubião, ilustrado por Marilda Castanha. Neste primeiro momento, realizamos alguns ajustes, em relação à coleta de dados sobre a configuração textual e sobre os elementos linguísticos e estilísticos. Posteriormente, testamos o instrumento, coletando dados do livro “Os olhos do Jaguar”, de Yaguarê Yamã, com a finalidade de realizar a análise do livro, discutindo sobre a literatura infantil indígena.

O instrumento contribuiu bastante na organicidade de pensamentos, confirmação dos dados e na produção escrita. E, por fim, testamos utilizando os livros “Tantãs”, de Eva Furnari e “Minha Pasárgada”, de Rosinha. Estes três últimos, todos fazem parte do nosso *corpus* de pesquisa. O instrumento nos levou à percepção da necessidade de ampliação e fortalecimento do repertório de leitura de livros para crianças, o que na ocasião dos testes, escolhemos por suspender temporariamente a coleta de dados e aprimorar a leitura e a fruição das artes que se apresentam nos livros.

Outro instrumento que criamos para esta etapa da coleta de dados foi o Controle de livros com dados coletados, para além do objetivo de coletar dados, aqui temos a finalidade de manter a organização no fazer da pesquisa, pois são muitos e diversos os dados coletados. A dificuldade que tivemos de acesso aos livros, nos fez refletir sobre o acesso aos livros pelas crianças. No percurso, dado este desafio, definimos que faríamos uma análise com base em todos os livros que adquiríssemos das Categorias Crianças e Tradução/Adaptação Criança.

A questão da leitura de livros para crianças neste objeto caminha alinhada ao entendimento de que a função da literatura infantil consiste em “um exercício de

sensibilidade, de expressão estética, apresentando a complexidade do mundo, da vida, das emoções”. (Rosa; Felipe, 2021, p. 290). Neste contexto, fizemos um diálogo entre os dados coletados e analisados e a fundamentação teórica disponível, ou seja, foi chegado o momento primordial de nossa análise documental, para qual lançamos mão das discussões teóricas, do *corpus* da pesquisa e da análise propriamente dita. “É o momento de reunir todas as partes – elementos da problemática ou do quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, conceitos-chave” (Cellard, 2008, p. 303).

Diante de todos esses aspectos, partimos para a consolidação reflexiva dos dados, por meio da escrita. Antes de escrever esta produção, produzimos resumos simples, expandidos, capítulo de livros, artigo que serviram como desenvolvimento da habilidade de escrita. Assim sendo, construímos a escrita final da dissertação, sem esgotar as possibilidades de aprofundamento sobre a problemática proposta.

Consolidamos esta etapa por meio de análise crítica dos dados, inicialmente especificando o cenário da indústria editorial brasileira de livros direcionados para o público infantil, pontuando em seções secundárias, os achados da pesquisa, estabelecendo um mapeamento sobre as produções, a partir dos dados encontrados, no que diz respeito às temáticas, às linguagens, às artes, aos projetos gráficos e as informações técnicas de registro dos livros. Estabelecendo, com isso, um entrelaçar de perfil e conseqüentemente das tendências dessa produção.

**“A literatura pode muito. Ela pode nos estender a  
mão quando estamos profundamente deprimidos,  
nos tornar mais próximos dos outros seres  
humanos que nos cercam, nos fazer compreender  
melhor o mundo e nos ajudar a viver” Todorov.**



Ilustração de Nelson Cruz

### **3 AS PONTAS DO TECIDO: CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO**

Até aqui, nos dedicamos em compreender de que se trata o livro para crianças, bem como o modo que construímos a pesquisa. No entanto, outro “ponto” importante precisa ser traçado, ou melhor, dar continuidade à tecitura que ainda tem muitos fios soltos. Nesta sessão, vamos contextualizar nosso objeto empírico, situando-o em relação a sua constituição histórica e política, com intuito de investigar quais as tendências da produção editorial do livro para crianças no Brasil, no que diz respeito às artes, à cultura, à literatura e à política.

Para tal investigação, definimos como corpus da pesquisa, os livros para crianças que tenham o selo “Altamente Recomendável”, do prêmio anual da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ, nos anos de 2020, 2021 e 2022, nas categorias Criança e Tradução/Adaptação Criança. Assim sendo, vamos verificar “os pontos”, ou melhor, “as pontas” que marcam a nossa contextualização do objeto.

#### **3.1 A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ**

A obra “Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ” nos serviu como principal suporte em busca de tecer novas tranças em nossas reflexões. Apontamos este como exemplo, por ter nele encontrado um material riquíssimo e diverso, tanto em relação à promoção da leitura, quanto à história da instituição. De modo que observamos um entrelaçado construído, que segundo Junqueira (2008) em entrevista publicada como uma espécie de prefácio da referida obra, o trabalho da fundação procura “alimentar o imaginário da criança brasileira e fazê-la amar a arte das palavras”.

Em diálogo com Vigotski (2009, p. 11), ao tratar das questões de criação em imaginação na infância, sendo “[...] atividade criadora do homem aquela que se cria algo novo” ampliando que “pouco importa se o que se cria é algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento”. Hansen (2019, p. 9) fazendo alusão a Borges, afirma que “o homem inventou instrumentos como extensão do corpo [...] o livro como extensão da memória e da imaginação”. O fato é que a atividade de criação está ligada à memória, conforme materializa seu modo de pensar o tema.

Quando me lembro da casa onde passei a infância ou de países distantes que visitei, reproduzo as marcas daquelas impressões que tive na primeira infância ou à época das viagens. Da mesma forma, quando elaboro desenhos de observação, quando escrevo ou faço algo seguindo determinado modelo,

reproduzo somente o que existe diante de mim ou o que assimilei e elaborei antes. (Vigotski, 2009, p. 11)

Cabe aqui a compreensão de memória, pois no que diz respeito à materialidade do livro, em relação a quem o produz e a quem o lê, só é possível por meio dela. O escritor lança mão de vários instrumentos do seu repertório, assim como o leitor o faz quando lê e interpreta uma obra. Nesta perspectiva, concordamos com Hansen (2019, p. 10) “a memória nunca é lembrança total, pois só é memória porque esquece, ou seja, é memória porque é seleção do que culturalmente se julga significativo e lembrável”. Nesta mesma direção, Cellard (2008, p. 295) afirma que “As capacidades da memória são limitadas e ninguém conseguiria pretender memorizar tudo. A memória pode também alterar lembranças, esquecer fatos importantes ou deformar acontecimentos”.

Parece estar aqui um dos “nós” que circula em torno do livro para crianças e conseqüentemente, no fazer da FNLIJ – a produção de um bem cultural simbólico, cujo público específico é a criança. Britto (2022) provoca-nos a refletir sobre o fato de que a literatura infantil consiste na arte da palavra, mas que é produzida por adultos, cujo público imaginado é a criança. A questão posta é: que garantia há de que esta produção criada por adultos atinge seu papel artístico, cultural, histórico e político com a criança?

Consideramos aqui oportuno discutir esse ponto, pois “alimentar o imaginário da criança” não é uma tarefa simples para os que se propõem fazê-la, como os participantes dessa grande engrenagem: escritores, ilustradores, editores, designers gráficos, instituições promotoras de leitura, formadores de leitores e tantos outros. Porém, observando a perspectiva de Vigotski (2009), é uma atividade possível, uma vez que o adulto-produtor, criador da arte voltada ao público infantil, utiliza-se da memória, das experiências vividas na infância para tal criação; a criança, por sua vez, está em processo de construção da sua memória, podendo valer-se das leituras dos livros nesta fase da vida para construir-se como ser humano.

### 3.1.1 O “ponto” inicial

Ao acessar as primeiras informações sobre a origem da fundação, criada em 23 de maio de 1968, alguns aspectos chamam atenção nos relatos de Laura Sandroni referente à trajetória inicial.

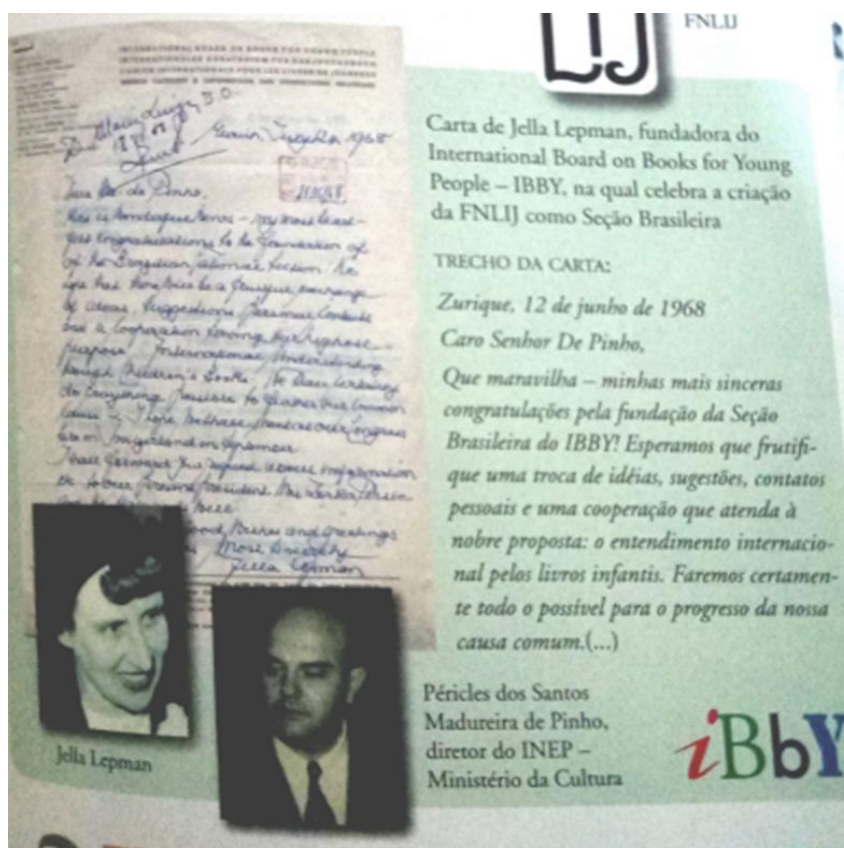
a) O convite para a criação de uma instituição brasileira de fomento à literatura infantil e juvenil partiu de uma educadora da Espanha – Carmem Bravo Villassante, da *International Board on Books for Young People – IBBY*.

b) O convite foi direcionado a um órgão do governo federal – Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), parte do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) do Ministério da Educação, no entanto a instituição fundada foi de direito privado.

c) Os primeiríssimos passos foram dados por mulheres: Maria Luíza Barbosa de Oliveira – técnica de assuntos educacionais do INEP designada a participar do congresso do IBBY em Madri e posteriormente a organizar a primeira reunião no Brasil; Laura Sandroni – formada em administração, mas na ocasião “estava em casa a cuidar dos filhos” e Ruth Villela Alves de Sousa – “a única bibliotecária especializada em literatura infantil”, mas fora indicada por ser aposentada e ter perdido o marido há pouco tempo.

d) Fundada em pleno período de ditadura militar.

**Imagem 4** - Carta de Jella Lepman celebrando a criação da FNLIJ



Fonte: Serra (2008)

Analisando a entrevista com Laura Sandroni e Elizabeth Serra, realizada por Cecília Costa Junqueira, verifica-se que a história da FNLIJ está marcada por grande contribuição para a história da leitura, bem como para a literatura infantojuvenil. Sendo pioneira de diversas ações e políticas voltadas para o fomento à leitura, tais como: Salão do Livro, Feira do livro, Congressos de Literatura Infantil e Juvenil, o surgimento da literatura juvenil, premiações, projetos de leituras. De modo a provocar impacto quanto ao surgimento de políticas governamentais para compra de livros infantis para escolas; além de fomentar a implantação de bibliotecas públicas por todo o Brasil.

Ainda no momento inicial e com base na referida entrevista, organizamos uma tabela com os principais destaques da primeira década de existência da fundação.

**Quadro 3 - Destaques da primeira década da FNLIJ**

ANO	MARCO	RELEVÂNCIA
1972	1º Seminário de Literatura infantil paralelo à Bienal do Livro de São Paulo.	Teve convidados estrangeiros, mas no âmbito brasileiro surgiram nomes que hoje tem grande relevância, como Regina Zilberman e Marisa Lajolo.
1974	14º Congresso do IBBY, no Rio de Janeiro.	Participação de mais de 500 pessoas, de todas as partes do Brasil e da América Latina. Primeira vez que o congresso foi realizado fora da Europa e com representatividade das diversas áreas que trabalham com o livro - Biblioteca Nacional, Instituto Nacional do Livro, Sindicato dos Editores de Livros, Câmara Brasileira do Livro, autores e ilustradores.
1975	Surgimento do prêmio “O melhor para criança”.	Contava exclusivamente com a categoria criança - “O prêmio consiste na indicação de melhor livro do ano para criança, um selo de ouro, que o editor comprava e colava na capa, e um diploma para o autor e ilustrador”. (Ferreira, 2021, p. 129)
1976	Curso de literatura infantil e juvenil.	Ministrado pelo professor alemão Klaus Doderer, diretor do Instituto de Pesquisa em Literatura Infantil da <i>Goethe Universitat</i> , de <i>Frankfurt</i> .
1977	Curso sobre biblioteca infantil no Brasil.	Ministrada pela bibliotecária francesa Genevière Patte. Passou dois meses rodando o país e ministrou cursos para bibliotecárias de Belém a Porto Alegre.

Ao analisar os dados organizados na tabela é interessante perceber que a FNLIJ não só nasceu a partir de uma instituição estrangeira; como constrói sua identidade com grande influência do que ocorria no exterior naquele período. Como pioneira de literatura infantil e juvenil no Brasil, faz um grande trabalho de fomento desta literatura e de valorização de escritores e ilustradores locais, proporcionando a qualificação destes aos moldes da literatura infantojuvenil europeia.

Nos marcos iniciais observa-se o interesse de difundir essa literatura no Brasil como um todo, mas assim como os demais setores intelectuais e culturais é no eixo Rio de Janeiro e São Paulo que consolida-se com mais força.

No geral, por diversas vezes, nesse relato histórico, fala-se em qualidade literária e estética da literatura infantil, aspecto que nos causa grande inquietação no sentido de compreender qual a qualidade literária e estética na concepção da FNLIJ? Em relação ao próprio título da premiação “O melhor para criança”, a expressão “O melhor” pressupõe a existência do pior, deste modo, precisamos refletir sobre que “melhor” a fundação está premiando?

Tais inquietações nos remeteram a uma leitura cada vez mais atenta em busca de desenrolar estes “nós”. Vale o registro que neste exato momento da pesquisa não saberíamos se encontrávamos algumas possibilidades de respostas, mas tínhamos o fio condutor, a leitura atenta e crítica de todo o material levantado.

Ainda tratando da origem da fundação destacamos os objetivos e a estruturação administrativa, ambos resultados de um processo caracteristicamente democrático, com decisões coletivas deliberadas em reuniões e com a participação de representantes dos diversos segmentos do livro. Eram os objetivos:

- a) incrementar a produção do livro infantil e juvenil no Brasil; b) promover estudos e pesquisas sobre todos os aspectos do livro infantil e juvenil; c) incentivar o autor e o ilustrador de livros infantis e juvenis; d) estimular a ampliação da rede de bibliotecas infantojuvenis; e) divulgar e promover o livro infantil e juvenil. (Sandroni; Machado, 2008, p. 4)

Sobre estes, verifica-se que embora estejam claros e diretos há aspectos que se encontram subentendidos, por exemplo, estaria o verbo “incrementar” referindo-se à qualidade do livro? Estaria aqui garantindo o que Serra (2008), na entrevista concedida à Junqueira, dá indícios da concepção de literatura da fundação como sendo essencial para a formação da criança.

Em relação à estrutura administrativa, o estatuto, também resultado de reuniões, garante que “a fundação seria dirigida por um Conselho Superior formado por representantes das entidades instituidoras” (Sandroni; Machado, 2008, p. 4) tendo representatividade da Associação Brasileira de Educação, Associação Brasileira do Livro, Câmara Brasileira do Livro, Centro de Biblioteconomia, Instituto Nacional do Livro, Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Sindicato da Indústria Gráfica do Estado de Guanabara, União Brasileira

de Escritores, 01 ilustrador, 01 autora e um representante de atividades empresariais. Somente quase quatro meses após a fundação, foi eleito o Conselho Diretor, ficando assim constituído: Diretora Executiva – Laura Constância Sandroni, Diretora Secretária – Maria Luiza Barbosa de Oliveira e Diretor Tesoureiro – Paulo Adolfo Aizen.

A dinâmica que marca todo o processo de origem da FNLIJ demonstra o esforço e o comprometimento das pessoas e instituições envolvidas. Fica evidente a formação democrática de constituição do estatuto, bem como a organização dos conselhos. É notório o envolvimento das pessoas com a tríade: criança – literatura infantil – livro para crianças. A FNLIJ consolida-se na força de articulação em estabelecer parcerias, coragem para difundir a literatura infantil, desbravando um universo novo nas artes brasileiras. Poderíamos continuar “páginas a fio” discorrendo sobre os marcos originários da fundação, mas pela obviedade restritiva desta produção, passaremos aos pontos seguintes a serem tecidos.

### 3.1.2 *Board on Books for Young People - IBBY*

Como já apontamos, a FNLIJ é a seção brasileira da *Board on Books for Young People - IBBY*. Portanto, consideramos oportuno esclarecer quem é esta instituição? Alguns breves pontos teceremos sobre esta: sua origem, seus objetivos, sua amplitude e sua relevância para a literatura infantojuvenil mundial. Para isso, lançamos mão de leitura e análise de livros, artigos, entrevistas e o registro dos anais do XIV Congresso realizado no Brasil em 1974.

Segundo Sandroni e Machado (2008, p. 32) a organização “foi fundada pela alemã *Jella Lepman*” (1891 - 1970) - jornalista, escritora e tradutora, uma mulher de coragem e ousadia, que cuidava de crianças órfãs, em meio à destruição da II Guerra Mundial, via nos livros e na literatura a possibilidade dos homens resgatarem ou aprimorarem sua humanidade e assim reconstruir o mundo, acreditava no potencial do livro para a formação humana. Acreditava também no potencial coletivo da humanidade e em 1946, juntou literatura do mundo inteiro em uma espécie de ônibus-biblioteca e realizou uma exposição internacional de livros infantis, isso foi a semente plantada para o surgimento da maior biblioteca infantojuvenil do mundo - Biblioteca Juvenil internacional de Munique - que hoje tem cerca de um milhão de livros, em 120 idiomas, publicados em 70 países. Acreditava também no encantamento entre os diferentes povos e culturas. (ECOFUTURO, 2023). Assim idealizou o IBBY, em 1951, “visando laços de amizade e conhecimento mútuo - que pudesse levar no futuro a paz universal - através dos livros infantis”. (Sandroni; Machado, 2008, p. 32)

Por ocasião do XIV Congresso do IBBY, realizado em 1974, no Rio de Janeiro, no discurso de abertura, o então presidente da instituição, Niilo Visapaa, traz a seguinte definição e seus respectivos objetivos:

Quem é afinal o IBBY? Um grupo de idealistas muito pacíficos e sonhadores, que colocou seu tempo e até recurso financeiro à disposição da Organização? Talvez seja, mas apenas uma boa vontade ninguém vai muito longe neste mundo.

O IBBY é organização de caráter internacional, integrada pelas seções nacionais de cada país membro. Diz o estatuto que seus objetivos são: “Reunir em todos os países pessoas que se interessam em divulgar os bons livros e facilitar o acesso aos mesmos, encorajando sua produção, para atender ao público leitor em todo o mundo; contribuir para a promoção de livros juvenis por todos os modos possíveis; facilitar a divulgação dos livros de qualidade internacional e encorajar sua tradução; e realizar, encorajar e desenvolver todos os aspectos da pesquisa relacionadas aos diferentes aspectos da literatura infantil e sua ilustração”.

Atualmente, segundo o site oficial da FNLIJ, o IBBY tem seção em 80 países, com trabalho voluntário de diferentes profissionais especialistas: professores, bibliotecários, editores e pesquisadores. Num olhar contemporâneo, Ferreira (2021, p. 129) afirma que “trata-se de uma organização sem fins lucrativos que representa uma rede internacional de todo o mundo, cuja missão é dar a crianças de todos os lugares a oportunidade de ter acesso a livros com altos padrões literários e artísticos”.

Observamos que há um alinhamento quanto às proposituras em relação ao livro para crianças, no que diz respeito à questão da qualidade. Eis, que nosso objeto de investigação vai se construindo no sentido de compreender quais as tendências da produção editorial do livro para crianças, em relação aos aspectos artísticos, culturais, históricos e políticos, tendo como inquietação latente: em que consiste essa qualidade dos livros para criança defendido pela FNLIJ, sobretudo nos livros com selo de “Altamente Recomendável”.

### 3.1.3 “O ponto cruz”: A FNLIJ na contemporaneidade

Como constatado, a FNLIJ nasceu em pleno período militar. Com o fim deste terrível período de nossa história, nos anos de 1985 e 1986, a fundação passa por um processo de reestruturação estatutária e administrativa, conforme afirma Serra (2008, p. 137)

Frente a um novo momento histórico do país e com as novas demandas que a FNLIJ passou a ter em função do seu trabalho, esses dois anos foram de

intensa discussão que culminaram na mudança do estatuto da FNLIJ a fim de preparar a instituição para outra etapa de sua história.

Dentre tantos fatos marcantes, um chama atenção, ocorre em 9 de julho de 1985, ocasião em que a FNLIJ “obteve o título declaratório como Instituição de Utilidade Pública”, o que favorece as entidades (pessoa jurídica) que fazem doação à instituição recebam isenções fiscais previstas em lei, decretada em 1986 – Lei de Incentivos Fiscais do Ministério da Cultura.

A década de 1980 é marcada pela intensificação de realizações de cursos sobre literatura infantil, bibliotecas e leitura. Há uma ampliação do campo de atuação, com ações, por exemplo, no Maranhão, em Goiás, no Amazonas. Observa-se a presença da literatura infantojuvenil no meio acadêmico, seja com inserção da disciplina no currículo de cursos de graduação ou por meio de especializações desenvolvidas em diversas universidades em parceria com a FNLIJ.

Os estudos nos mostram que desde o início de suas atividades, não poderia ser diferente, sendo a FNLIJ a seção do IBBY no Brasil, tem uma presença intensa e significativa em eventos internacionais. Uma troca de experiências, consolidação de parcerias, protagonizando uma história de legados e colecionando prêmios e honrarias por onde passa. Na condição de seção brasileira do IBBY participa do comitê executivo, de congressos bienais, Dia Internacional do Livro Infantil, do Prêmio IBBY – ASAHI, do Prêmio *Hans Christian Andersen*; da Lista de Honra do IBBY. Além de outras atividades, como: bienais, congressos, exposições e feiras.

Oportunamente, tivemos o privilégio, por ocasião da produção desta contextualização, sendo mais precisa, a data de 18 de abril de 2023 – Dia Internacional do Livro Infantil, a FNLIJ publicou seu novo site oficial, que encontrava-se desativado há quatro anos, segundo o presidente da fundação. Neste, encontra-se disponível o Estatuto Social da instituição, com a mais recente alteração, que foi realizada por meio de assembleia virtual, em 05 de maio de 2022, após a destituição de todos os conselheiros, por meio de Termo de Ajuste de Conduta - TAC, do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, oriundo do Inquérito Civil nº 2021.054.01.

Por se tratar de um momento histórico significativo para a FNLIJ, podemos afirmar que houve arquivamento do referido inquérito, conforme Parecer emitido pela 1ª Promotoria de Justiça de Fundações da Capital, o mesmo encontra-se publicado no site oficial da fundação na aba Governança e Transparência - Estatuto, Códigos, Políticas e Regimentos.

Com 55 anos de existência, a FNLIJ cresceu e consolidou-se enquanto instituição especializada em livros para crianças e jovens, em leitura e em literatura infantojuvenil. Sua amplitude e abrangência pode ser constatada por meio de seus objetivos, que no Estatuto atual encontram-se detalhados de A a V, abrangendo as seguintes áreas de atuação: produção de livros, pesquisas sobre livro, literatura infantil e juvenil, ciências, tecnologia e cultura; bolsas e premiações para escritores, ilustradores e editores; ampliação de redes de bibliotecas; organização de informações sobre literatura infantil e juvenil; realização de cursos de todas as áreas do conhecimento por meio de plataforma virtual; formação de recursos humanos, disponibilização do acervo da FNLIJ; realização de eventos; realização de concursos públicos; implementação de projetos; realização de cursos profissionalizantes; organização de produções científicas e serviços de catalogação. Se compararmos os objetivos iniciais da fundação e os atuais, fica notório que a instituição não só amplia sua atuação em relação aos livros, à literatura infantil e juvenil, ela ganha uma nova dimensão nos seus campos de atuação.

Assim sendo, a importância destes dados para a contextualização de nosso objeto empírico, a construção do corpus da pesquisa para entendermos que os livros com o selo “Altamente Recomendável” são oriundos de uma grande engrenagem, que funciona a muitas mãos, com notável encantamento nos relatos até aqui analisados, no entanto, “nem tudo são flores”, a fundação, como é carinhosamente chamada, já enfrentou momentos bem difíceis.

#### 3.1.4 As tranças da seleção anual: O universo das premiações

Para tecermos os pontos referentes ao prêmio anual da FNLIJ é necessário interligarmos alguns “nós” com intuito de estabelecermos um panorama sobre o universo das premiações de livros para crianças. O modo como se caracteriza esse marco importante que movimenta as instituições organizadoras, os escritores, os ilustradores, a indústria editorial e que impacta na formação dos leitores. Na perspectiva da FNLIJ (2022), a premiação visa "valorizar e divulgar os livros de qualidade - seus escritores, ilustradores e editores - para crianças e jovens, hasteando sempre a bandeira do direito ao acesso à leitura desses livros nas bibliotecas da escola, nas públicas e nas comunitárias".

Uma das pontas do fio, tecemos em direção ao cenário internacional, no qual destacamos o prêmio *Hans Christian Andersen*, criado em 1956, considerado o Nobel de literatura infantil, idealizado por *Jella Lepman*. “É conferido bienalmente pela Organização

Internacional *Board on Books for Young People* - IBBY, filiada à União das Nações Unidas - Unesco a um escritor e a um ilustrador vivos, cujas obras representam, na sua totalidade, importante contribuição à literatura infantil”. (Sousa, 2008, p. 42 *in* Sandroni; Machado). Além da medalha de ouro, confere três Menções Honrosas a autores e ilustradores; na ocasião divulga-se uma lista de honra composta pelas melhores obras publicadas nos dois últimos anos, em cada país membro da instituição, indicado por suas seções nacionais. É importante dizer que, no caso do Brasil, as indicações são realizadas pela Fnlij.

Em relação ao Brasil, segundo Sandroni (1999) a primeira escritora brasileira premiada neste concurso foi Lygia Bojunga, em 1982, com a obra “Angélica”, publicada em 1975 e que recebeu todos os prêmios brasileiros este ano. Já foram premiados também a autora Ana Maria Machado (2000) e o ilustrador Roger Mello (2014).

A presença de livros para crianças de autores e ilustradores brasileiros em eventos e instituições internacionais como: lista de melhores livros da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique e na Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, podemos dizer que consiste em outro indício de que as premiações podem colaborar com a melhoria da qualidade dos livros para crianças.

No âmbito nacional, o fio de nosso tecido nos leva para um cenário marcado por diversos concursos de livros infantis e juvenis. O primeiro prêmio para este gênero na literatura brasileira não foi realizado pela FNLIJ, mas foi a seu pedido, conforme afirma Sandrone em matéria publicada pelo “Jornal do Brasil”, na edição 00121, datada de 7 de agosto de 1999, intitulada “Três décadas do livro para crianças e jovens no Brasil”.

Em 1968, logo que a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil foi instituída, nos dirigimos ao Instituto Nacional do Livro, que acabara de lançar prêmios bienais para romances, contos e outras áreas da literatura, pedindo que também incentivasse os livros para crianças e jovens. Pouco depois anunciava-se a criação do Prêmio Viriato Correia. Esse prêmio que mais tarde veio a chamar-se de INL de Literatura Infantil, revelou muita gente nova, Lygia Bojunga Nunes, entre elas.

É interessante observar que as premiações nacionais acompanham um processo de conquista dos espaços intelectuais, artísticos e indústrias da literatura infantil, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX. Na concepção apontada por Lajolo (2010, p. 101 - 102) as premiações influenciam e demonstram que “a literatura infantil brasileira vem manifestando padrão alto de qualidade”, de modo a ser reconhecida, inclusive no espaço internacional, conforme já registramos.

Ainda segundo a autora, nacionalmente, os prêmios "ao gritarem a qualidade da produção brasileira de literatura infantil, assinalam, em outra leitura de literatura infantil, a complexidade - a natureza compósita do gênero"; além "de reconhecer a natureza artística e literária dos livros para crianças". Para ela, ao mesmo tempo em que as obras direcionadas ao público infantil são inseridas nesse ambiente de prestígio, surgem também novas categorias, traçando um novo olhar para esse gênero e de um "refinamento epistemológico".

Nesse ambiente literário e de produção editorial, atualmente existem diversas premiações, aqui por razões de delimitação, não teremos condições de apresentar todos, mas destacaremos alguns de maior notoriedade. O "prêmio Jabuti", concedido pela Câmara Brasileira do Livro - CBL, incluiu em seu catálogo de premiação a categoria literatura infantojuvenil, em 1959, sendo recebedor da tão sonhada estatueta, Renato Sêneca Fleury. Hoje, conta com as categorias infantil, juvenil, infantil digital, histórias em quadrinhos e ilustração, numa leve demonstração que há ao menos duas artes compondo o livro para crianças. Em 1998, a Academia Brasileira de Letras - ABL instituiu um prêmio específico para a literatura infantil e juvenil; embora já tivesse existido o Prêmio Monteiro Lobato até o ano de 1994.

Como já afirmamos, há uma grande quantidade de premiações nacionais voltadas para a escolha de livros, cujo público é infantil. Porém, dos mais conhecidos, a única instituição que premia exclusivamente a obra direcionada ao público infantojuvenil é a Fnlij, ponto que passaremos a tecer agora. Em Carta de Glória Pondé publicada no Boletim nº 60, datado de julho a setembro de 1982, encontra-se o objetivo da premiação, segundo a mesma, visando a premiar os melhores escritores e ilustradores, a FNLIJ, instituiu essas láureas, anuais, [...] concorrem todos os exemplares que chegam à fundação até a data da primeira reunião da comissão julgadora, a qual realiza uma seleção prévia, levando em consideração o conjunto: texto, ilustração e aspectos gráficos. (Sandroni; Machado, 2008, p. 87)

### **3.2 Compreendendo o regulamento: Seleção anual**

Como já mencionamos, a seleção anual da FNLIJ surgiu em 1974, segundo consta no próprio regulamento, intitulado "Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes O Melhor para a Criança". Hoje, conta com 18 categorias: Criança, Imagem, Informativo, Jovem, Literatura em Língua Portuguesa, Livro Brinquedo, Melhor Ilustração, Poesia, Projeto Editorial, Reconto, Teatro, Teórico, Tradução/adaptação (criança/jovem/informativo/reconto), Escritor Revelação,

Ilustrador Revelação. (FNLIJ, 2022). Vale o registro que “As diversas categorias do prêmio levam os nomes de autores consagrados da Literatura Infantil e Juvenil, como uma homenagem da FNLIJ a esses talentosos escritores” (Serra, 2008, p. 288).

As normativas do referido prêmio são estabelecidas no Regulamento - documento organizado em tópicos, compostos por artigos e seus respectivos parágrafos (§): Disposições gerais - Art. 1º fala da origem do prêmio e as categorias existentes, Art. 2º especifica todos os objetivos da premiação; Inscrições - Art. 3º informa sobre a abertura das inscrições para o prêmio e para quais obras, § 1º dá ciência da gratuidade, do quantitativo de exemplares a serem enviados à FNLIJ e aos leitores-votantes, bem como a forma de envio, a data limite e o endereço da fundação, os § 2º, 3º e 4º reforçam o primeiro parágrafo e dá orientações destacadas sobre o procedimento para envio aos leitores-votantes, § 5º trata do envio de obras relacionadas à participação da feira de Bolonha, § 6º registra a proibição da participação de funcionários, leitores-votantes e seus familiares na premiação, já o § 7º reforça a necessidade de cumprimento de todos os critérios anteriores e informa o destino dos exemplares enviados pelas editoras, no caso, o acervo da biblioteca da FNLIJ, Art. 4º reforça o parágrafo sétimo e registra a desclassificação de inscritos, este vem com parágrafo único informando os contatos telefônicos e e-mail da FNLIJ.

A estrutura do regulamento segue com as Etapas do Processo de Seleção Anual do Prêmio - Art. 5º trata da primeira etapa, a escolha dos livros que receberão o selo “Altamente recomendável” e que constam na lista final de obras de onde serão escolhidos os livros a serem premiados; Art. 6º informa que serão escolhidos os livros a serem premiados em cada categoria; Art. 7º aborda sobre a escolha dos livros que irão compor o "Acervo Básico da FNLIJ", são aqueles que não recebem o selo AR, mas que tem atributos relevantes necessários para compor o acervo de uma biblioteca.

No item "Julgamento das obras" - Art. 8º caracteriza os leitores-votantes, sendo estes especialistas em literatura infantil e juvenil, § 1º especifica o trabalho de leitura crítica dos leitores-votantes das diversas regiões do país; § 2º destaca os critérios de avaliação, § 3º informa da Deliberação dos leitores-votantes em caso de não premiar alguma das categorias; § 4º fala da autonomia e autoridade da FNLIJ em relação às escolhas em definitivo dos livros premiados. Em seguida vem o item *Hors-Concours* - composto pelo Art. 9º refere-se a premiação de um escritor ou ilustrador já três ou mais vezes o Prêmio FNLIJ.

O item "Divulgação do resultado do prêmio FNLIJ, composto pelo Art. 10º diz sobre a maneira como serão informados, divulgados os resultados; o Art. 11º reforça o artigo

anterior, ao mesmo tempo que especifica sobre o resultado final do prêmio. Por fim o item "Disposições Finais" reforça de que os livros encaminhados para a fundação, não serão devolvidos e comporão o acervo da Biblioteca FNLIJ; já o 12º registra que os casos omissos serão resolvidos pela própria FNLIJ e por fim o documento é datado.

Analisando os regulamentos que norteiam as diretrizes da premiação, verifica-se que concorrem ao prêmio os livros produzidos e publicados no ano anterior ao evento de entrega das láureas. Inicialmente, eram premiados os melhores escritores e ilustradores; hoje a premiação abrange o projeto gráfico, segundo Pondé (1982) a ação foi criada “Visando premiar os melhores escritores e ilustradores, a FNLIJ instituiu essas láureas, anuais, que se referem às primeiras edições de autor nacional, lançadas no ano anterior, conforme data impressa no volume”.

Além da premiação anual, digamos que já tradicional, a FNLIJ concedeu outras duas modalidades de premiação: “Prêmios Especiais, em 1997, 1998 e 1999 a obras em nova edição de autores falecidos (Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga) e a obras de coleções anteriormente premiadas” (*Ibid*, p. 288) e a partir de 1992, criou o *Hors Concours* com intuito de estimular novos escritores e ilustradores.

Destacamos também o processo de escolhas dos livros, realizada pelos leitores-votantes. Estes recebem das editoras os exemplares que serão avaliados por meio de leitura criteriosa, fruição artística e análise do projeto gráfico. O processo estabelecido durante a seleção perpassa pela avaliação individual por parte dos leitores-votantes, reuniões entre eles para discutirem sobre os livros e o registro por meio de documento chamado de justificativa dos leitores-votantes.

Aspectos que comunicam sobre um processo de formação vivenciado por esse grupo de profissionais, que em 2022 esteve em número de 24. Passando rapidamente por seus currículos lattes, observa-se que são muito mais que especialistas, são pesquisadores, estudiosos, militantes, apaixonados por livros, leitura, literatura infantil e juvenil. Por isso, em diversas ocasiões são chamados de “a voz da FNLIJ” na premiação. Os mesmos são de diversas regiões do país, embora o maior número seja do Rio de Janeiro.

### 3.2.1 As categorias da premiação

Como já mencionamos, o prêmio anual da FNLIJ, hoje, conta com 18 categorias, são elas: Criança, Jovem, Imagem, Informativo, Poesia, Livro Brinquedo, Teatro, Teórico,

Reconto, Literatura em Língua Portuguesa, Tradução/Adaptação Criança, Tradução/Adaptação Informativo, Tradução/Adaptação Jovem, Tradução/Adaptação Reconto, Escritor Revelação, Ilustrador(a) Revelação, Melhor Ilustração e Melhor Projeto Editorial. É importante ressaltar que para fins de nossa pesquisa, fizemos um primeiro recorte no *corpus da pesquisa*. Não trabalharemos com as categorias: Jovem, uma vez que estamos considerando a etária, conforme a legislação vigente em nosso país; o Livro Brinquedo, por uma questão conceitual, Teatro por se tratar de uma arte específica, Teórico por distanciar do nosso objeto, Literatura em Língua Portuguesa, Tradução/adaptação Jovem.

Dialogando com o que apontamos na constituição do objeto, conforme fomos amadurecendo em relação às estratégias investigativas, tivemos a clareza de delimitar melhor o nosso objeto, de modo que compreendemos ser possível responder nossa problematização considerando apenas a categoria criança e tradução/adaptação criança. Feito o recorte, teceremos alguns "pontos" por meio de uma tabela contendo a categoria, o autor consagrado homenageado e uma breve descrição sobre cada uma das categorias.

**Quadro 4 - Categorias do Prêmio anual da FNLIJ**

CATEGORIAS	AUTORES CONSAGRADOS HOMENAGEADOS	DESCRIÇÃO DA CATEGORIA
O melhor para criança	Ofélia Fontes	Nome dado à premiação anual que surgiu em 1974. Hoje está definido como a Categoria Criança, “única presente desde a primeira edição, foi escolhida por contemplar o livro como um todo, considerando suas estruturas de narrativa visual e verbal” (Ferreira; Silva, 2017, p. 3). Segundo as autoras, o livro para crianças consiste na articulação entre a escrita e a imagem, algo que deve estar em equilíbrio, garantindo as devidas funções de cada linguagem para que dialoguem e possibilitem a construção de outros significados, próprios da leitura.
O melhor livro para o Jovem	Orígenes Lessa	Surgiu em 1978, inaugurando, inclusive, o surgimento da literatura juvenil no Brasil. Caracteriza-se principalmente por seus aspectos estruturais, segundo análise de Costa & Silva (2009) o livro para jovens caracteriza-se por predomínio de textos longos, letras menores, menor número de ilustrações, embora seja uma presença de imagem significativa, prioritariamente em preto e branco ou em outras duas cores. Luft (2010, p. 115) ao referenciar análise feita por Tereza Colomer, aponta que a produção destinada aos adolescentes “abarca obras que tematizam a construção de uma personalidade própria, a vida em sociedade, a ficção científica, o romance policial, narrativas históricas”. Marcados por introspecção psicológica, denúncia social e jogos de ambiguidade sobre a realidade.
O melhor livro de Imagem	Luiz Jardim	Surgiu em 1981, constituído exclusivamente por ilustrações, em que o autor-ilustrador “constrói as imagens, e o leitor se apodera delas para contar o que sugerem” (Ramos, 2013, p.109).
A melhor Tradução/adaptação (criança/jovem/informativo/reconto)	Monteiro Lobato	Categorias que surgiram em 1988 na premiação. Segundo Mundt (2008) “a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), por exemplo, fundiu numa só categoria, em 2005, as premiações de tradução e adaptação, entendendo que não se pode estabelecer a priori fronteiras rígidas entre uma e outra”. Ainda segundo a autora, que também é tradutora de Literatura infantil e juvenil, a adaptação consiste num procedimento de tradução, um processo que vai além das questões linguísticas entre os pares de línguas, há “várias instâncias participantes desse processo e nele interferentes: leitores, críticos, editores, revisores, ilustradores, distribuidores, educadores, pais, professores etc.” De modo que as traduções, no caso da LIJ, sofrem diversas adaptações.
O melhor livro Informativo	Malba Tahan	Surgiu em 1990. Segundo as leitoras-votantes Mattos e Souza (2021, p. 13) “O objetivo desta categoria é o de premiar obras de não ficção

		destinadas a crianças e jovens que têm o compromisso de transmitir, de forma adequada e pertinente, informações relacionadas a diferentes áreas do conhecimento e que contemplam diferentes temáticas”.
O melhor livro de Poesia	Odylo Costa Filho	Presente na láurea, a partir de 1992, observa-se a presença de temáticas do cotidiano, com a utilização de figuras de linguagem, sonoridade e trocadilhos. Conforme aponta Parreiras (2017, p. 257) “Nem tudo que está escrito em versos é poesia. Não bastam as estrofes e as rimas. É necessário algo mais, que vá além, que traga ritmo, melodia, tristeza ou riso, uma sonoridade própria. Uma nova linguagem que alguns poetas conseguem criar, uma língua visual e sonora”.
Revelação Escritor		Implementado em 1992, trata-se de uma categoria que nitidamente retrata os avanços editoriais da literatura infantil, no sentido de profissionalizar escritores e outros profissionais da área, resultante de um processo de formação, que exige sobretudo consciência dos escritores em relação às temáticas e ao perfil dos leitores infantis.
Revelação Ilustrador		Surgiu em 1993, na mesma linha da categoria Revelação Escritor, esta visa estimular os ilustradores mais jovens por meio de suas produções.
O melhor Projeto Editorial	Glória Pondé	Instituído na premiação a partir de 1993, o projeto gráfico do livro para crianças, segundo Silva & Soares (2020, p. 140), consiste na materialidade da obra por meio da forma como são dispostos os elementos que contam a narrativa, a saber: título, subtítulos, ilustrações e formato do livro - formato, tipo de papel, disposição do texto nas páginas, de modo a impactar diretamente na construção de sentido daquilo que lê.
A Melhor Ilustração		Surgiu em 1994, Sobre a ilustração avalia-se "a técnica empregada, as cores, a sintonia entre o visual e o Verbal, a ampliação de sentidos produzida pelo visual e os efeitos que as imagens podem promover no leitor, como o estranhamento" (Silva & Soares, 2020, p. 146. Ampliando esse olhar, dialogando com as autoras, apresentamos que "ler um livro ilustrado é também apreciar o uso de formatos, de enquadramentos, de relação entre capa e guardas com seu conteúdo, é também associar representações, optar por uma ordem de leitura no espaço da página, afinar a poesia do texto com a poesia da imagem, apreciar os silêncios de uma em relação à outra”. (Linden, 2011, p. 9)
O melhor livro brinquedo	Gianni Rodari	Fazendo parte das categorias a partir de 1997, encontramos na afirmativa de Rogério (2013) ao referir-se ao 12º Salão do Livro promovido pela FNLIJ, “bebês, sim, têm de estar rodeados por

		livros. E não só isso: tem que pegar, apertar, morder, experimentar, devolver, pegar de volta, olhar, abrir e fechar. Não tem problema se estraga, molha, vira a página de um jeito brusco ou se está de ponta-cabeça: o importante é que o livro, chamado sabiamente de ‘livro-brinquedo’ faça parte das primeiras descobertas do bebê.
O melhor livro de Teatro	Lucia Benedetti	Instituído em 1997, caracterizamos a categoria com o que diz Constâncio (2006) tanto na arte literária, quanto na arte teatral o foco principal é o texto, é necessário selecionar a narrativa a ser oferecida para criança, de modo a considerar elementos que ampliem o potencial criativo, estabelece um diálogo que permite o olhar sensível ao contexto. Além disso, deve aguçar a curiosidade e possibilitar o brincar com a sonoridade da palavra.
O melhor livro Teórico	Cecília Meireles	Passou a existir na premiação FNLIJ em 1999. Por meio desta categoria são avaliados os livros que discutem questões do leitor, da crítica, da interpretação, da seleção, do livro, da produção literária e tantos outros assuntos envolvidos no campo de estudo da LIJ.
O melhor Livro Reconto	Figueiredo Pimentel	Presente na premiação desde 2000, definimos a partir do que diz Machado (2018, p. 20) o reconto consiste na reinvenção de imagens a partir de matrizes universais de contos populares, narradas geralmente por escritores que têm familiaridade com estas narrativas, que vivenciam uma experiência ímpar de pertencimento, memória, identidade e integridade humana.
O melhor livro de Literatura de Língua Portuguesa	Henriqueta Lisboa	Categoria presente na premiação desde 2005, pode-se dizer que tem o propósito de conhecer, ou até mesmo reconhecer a língua, a cultura e a literatura em Língua Portuguesa, ou seja, é uma categoria que amplia o repertório do leitor, uma vez que a Literatura de Língua Portuguesa traz consigo a pluralidade da produção literária dos diversos países, cuja língua oficial é a Língua Portuguesa.

### 3.2.2 O selo “Altamente Recomendável”

Voltando a obra “O imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ”, vivenciamos na prática da pesquisa que um livro precisa ser lido e observado, se não em todas, mas ao máximo de suas nuances. Após uma leitura cuidadosa, verificamos que a primeira referência da expressão “livros recomendáveis” ocorreu no resumo do Relatório Final do Congresso IBBY, redigido por Leny Werneck (FNLIJ) e Dusan Roll da Bienal Internacional de Bratislava, no item “O trabalho internacional com o livro infantil, no parágrafo que segue:

É necessário ainda que haja listas de livros recomendáveis à tradução e que estas, preparadas por especialistas que tenham visão internacional, sejam amplamente divulgadas e postas à disposição dos interessados. (Sandroni; Machado, 2008, p. 39)

No entanto, foi na sessão que aqui vamos chamar de posfácio, constituída por uma série de imagens - textos escaneados, fotos de eventos, com suas respectivas identificações, logomarcas, um verdadeiro mosaico da trajetória da FNLIJ, que encontramos a imagem de uma página do “Jornal do Brasil”, identificada “Capa do caderno ‘Mulher’, do Jornal do Brasil” datado de 29 de agosto de 1998, cujo título “Altamente recomendáveis” aparece em destaque, bem como a foto de Laura Sandroni e Elizabeth Serra. Este achado nos levou a uma busca em sites da internet, para que assim fosse possível fazer a leitura do documento e compreender efetivamente em que consiste o livro ter o selo “AR” da FNLIJ.

**Imagem 5** - Destaque ao selo Altamente Recomendável



Fonte: Serra (2008)

Na busca pela referida matéria, encontramos um acervo completo das edições do “Jornal do Brasil” organizados em blocos a cada 10 anos, fomos direto para a década da reportagem - 1990, porém vislumbramos a possibilidade de verificar em que momento surgiu a expressão no âmbito do jornal, o que nos trouxe um dado interessante. Até a edição 00111, de 1979, e aqui apontamos o recorte, a partir da década de 1960, período de surgimento da fundação, a expressão “altamente recomendável” foi utilizada vinte oito vezes nas edições, em situações para indicar, recomendar, destacar filmes, peças de teatro, restaurantes, eventos, locais para visitação, somente duas vezes, foram para indicar livros.

Em 28 de julho de 1979, na referida edição do já mencionado jornal, numa página inteira falando sobre escrita, livros, crítica, encontramos o uso da expressão “Altamente Recomendável”, numa notícia intitulada “Livros para a infância são premiados”, nela vem a informação das obras que foram premiadas, a saber: “Gato e Rato” de Mary França, ilustração de Eliardo França e “A casa da Madrinha” de Lygia Bojunga, ilustrado por Regina Yolanda. Além de mencionar os livros que receberam o selo “AR”. Em dois trechos da matéria, conforme destacamos: “Na primeira categoria, cinco outros livros foram considerados Altamente Recomendáveis, [...]. Na segunda categoria mereceram o selo de ‘Altamente Recomendável’”.

Os dados encontrados nos mostram que a partir dessa data, a expressão é utilizada pelo jornal, quase sempre para fazer referência aos livros que recebem o selo “AR” por ocasião do Prêmio Anual da FNLIJ. Chama atenção, o quantitativo de livros que recebiam o selo, nesta ocasião foram cinco para a categoria “Melhor para criança” e dois, além de uma coletânea, para a categoria “Melhor livro para o jovem”; dado bem diferente do que ocorre na atualidade. Se considerarmos somente os anos de recorte da nossa pesquisa, temos os seguintes números: 2020 - 85 livros, 2021 - 93 livros e 2022 - 146 obras. Portanto, um quantitativo muito maior de livros que receberam o selo.

Uma das possibilidades para essa expressiva diferença pode estar relacionada com a quantidade da produção editorial de livros para crianças nos dois momentos. Hoje, num volume muito maior de produção. Outra possibilidade está relacionada à questão da qualidade do livro, que observamos nitidamente nos diversos documentos lidos. Conforme apontam Sandroni e Machado (2008, p. 88)

A evolução do livro infantil deve ser considerada satisfatória, se atentarmos para a crise em que o país mergulhou, na segunda metade dos anos 70. Assim, contribuíram para o fortalecimento do mercado editorial, a melhoria da qualidade dos textos e o aumento do número de leitores: a intensa discussão do problema em congressos, seminários e debates de toda ordem, nas universidades, escolas e páginas da imprensa; [...]. Desse modo, a concessão desses prêmios permitiu a melhoria e o aumento da produção editorial.

Ainda sobre a análise dos dados levantados sobre os livros com o referido selo, é na edição número 00017, datada de 25 de abril de 1999, na página Bleitura, que encontramos a materialidade da força e da influência da FNLIJ em relação aos programas governamentais voltados para a leitura. “Pela primeira vez, o Ministério da Educação adotou a chancela *Altamente Recomendáveis* como um guia do que as escolas devem ter em suas bibliotecas” (Klein, 1999). É nesta matéria que também identificamos uma definição clara do que são os livros “Altamente Recomendáveis”, dito por Elizabeth Serra, “São os livros que se tornaram uma tendência mundial. Tem uma narrativa envolvente e introduzem informações históricas, científicas, de ecologia, meio ambiente”.

É importante o registro que é da lista das obras indicadas e selecionadas com este selo que saem os livros premiados, das 18 categorias. Tal seleção é realizada por especialistas de diversas regiões do país, embora com um número muito maior da região sudeste. Ao conhecer os documentos de justificativas dos leitores-votantes, verifica-se que a representatividade das regiões norte e nordeste são praticamente insignificantes, se comparado ao quantitativo da região sudeste. Da região norte, há apenas uma pessoa do Estado do Pará, vale ressaltar, que o mesmo já era da FNLIJ antes de residir no Pará. Tal descrição é importante para provocarmos a reflexão em relação ao modo como estas regiões participam da política de incentivo à leitura promovido pela fundação, uma realidade que não se diferencia das demais áreas.

O Selo “Altamente Recomendável” existe desde a primeira seleção em 1974. Enquanto, o livro premiado “O melhor para Criança” recebia o selo de ouro na capa, os da lista “AR” recebiam o selo de prata.

### **3.3 A Fnlij e o Lelit**

Eis que chegamos num "ponto X" da contextualização de nosso objeto de pesquisa, a relação entre a FNLIJ e o Lelit. Por que é uma questão que merece um olhar cuidadoso? E, por que nos colocamos neste lugar na pesquisa? Pois bem, para esclarecer tais aspectos, traremos também à origem da mesma. Ousamos afirmar que a relação entre o grupo de pesquisa e a fundação começou bem antes da própria existência do Lelit, na pessoa do Professor Percival Leme Britto, leitor-votante da Fnlij e fundador/coordenador do Lelit.

Nos primeiros momentos de existência, as ações desenvolvidas pelo grupo tinham suas características próprias, mas muito semelhantes às desenvolvidas pela FNLIJ, como por exemplo a ciranda literária realizada pelo grupo de estudo e pesquisa por ocasião do III Seminário. Vale destacar a forma como se originou o grupo, primeiro a reprovação de uma aluna na disciplina de Literatura Infantil, depois o cursar novamente a disciplina ministrada pelo mesmo professor, em seguida, a realização de trabalho científico com grande repercussão.

[...] foi-lhes proposto que realizassem um trabalho sobre literatura em que teriam que desenvolver atividades com as obras “Bisa Bia, Bisa Bel”, de Ana Maria Machado, “O olho de vidro do meu avô” de Bartolomeu Campos de Queirós, e “A Bolsa amarela”, de Lygia Bojunga. Este trabalho foi apresentado no Seminário do Gelopa e, devido ao grande sucesso, recebeu convite para reapresentação na Escola Estadual Almirante Soares Dutra. Quando as três alunas comunicaram ao professor Luiz Percival o convite, ele ficou tão feliz com a repercussão do trabalho que resolveu convidar o Professor Zair Henrique para juntos criarem e coordenarem o Grupo de Estudos Lelit – Ler Literatura, incluindo mais duas alunas de Pedagogia. Desse modo, em abril de 2011, surgia um projeto literário no Oeste do Pará, o Lelit. (Paixão, 2016, p. 17)

Ao ler documentos (O notícias 01 da FNLIJ, entrevistas de membros da FNLIJ) não poucas vezes a fundação faz referência ao Lelit, o que evidencia essa proximidade entre o nosso grupo de pesquisa e a instituição. O Lelit, por sua vez, tem como centro de suas atividades, desde novembro de 2012, a Biblioteca Bartolomeu Campos de Queiroz, atualmente denominada Biblioteca Moronguetá, localizada ao lado do auditório Wilson Fonseca, Campus Rondon, da Universidade Federal do Oeste do Pará - Ufopa. Tendo como madrinha da biblioteca, Elizabeth D’ Angelo Serra, secretária executiva da FNLIJ.

Nossa biblioteca, que hoje conta com uma média de 8.000 exemplares de livros infantojuvenis, nas categorias: infantil, juvenil, imagens, poesia, amazônicos, quadrinhos, teóricos. Tem como mantenedora a FNLIJ, por meio do trabalho realizado pelo Professor Percival Britto, enquanto leitor-votante. Como já afirmamos durante a seleção do prêmio anual Fnlij, as editoras encaminham aos leitores-votantes, um exemplar de cada livro produzido e publicado no ano anterior que vão concorrer ao prêmio. Após o processo de seleção, o Professor encaminha os exemplares para a biblioteca.

Por meio do trabalho de voluntários (membros do Lelit - alunos da graduação, geralmente do Curso de Pedagogia e do Curso de Letras da Ufopa e pesquisadores dos Programas de Pós-graduação em Educação – PPGE e PGEDA e do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL), catalogam e promovem a circulação dos livros por meio de empréstimos tanto para graduandos, quanto para estudantes de escolas da rede pública de ensino de Santarém, principalmente dos arredores do Campus Rondon.

O Lelit, por meio de seus professores e pesquisadores, realiza um trabalho efetivo de formação de leitores, sobretudo nas áreas de literatura infantil, exemplos disso, encontramos no clube de leitura – “Ler, interagir e Viver”, no “Levar a ler em lugares distantes”, coordenado pelo Professor Zair Henrique e nas práticas em sala de aula com os alunos de graduação, conforme podemos confirmar no relato de Paixão (2016, p. 8)

Conheci o LELIT através do professor Luís Percival quando foi ministrar a disciplina literatura infantil para minha turma. No primeiro dia de aula, professor Percival chegou à sala com uma caixa cheia de livros e deixou livre para que todos pudessem ler, falando que nossa avaliação durante a disciplina seria ler os livros disponíveis no LELIT e escrever depoimentos de leitura.

O nosso objeto empírico encontra-se catalogado na Biblioteca Moronguetá. Portanto, entendemos que faria sentido pesquisá-lo, uma vez que estamos num Programa de Pós-Graduação com ênfase para os estudos relacionados à Amazônia, estando o nosso objeto dentro do espaço da Universidade Federal Oeste do Pará - Ufopa, uma universidade nova, criada pela Lei nº 12.085 de 5 de novembro de 2009, que tem um pouco mais de 13 anos de existência. Tem como campo de estudo a literatura, mais especificamente a literatura infantil, podemos estabelecer um diálogo proveitoso no que diz respeito aos aspectos teóricos literários e os elementos históricos, políticos, culturais e artísticos presentes nos livros para crianças.

Pesquisar sobre as tendências da produção editorial de livros para crianças, nos livros com selo de “Altamente Recomendável”, pode contribuir com aquilo que o Lelit já promove ao longo de sua existência, favorecer ao professor em formação, seja ele da pedagogia ou do curso de letras, cada um nas suas especificidades de trabalho com crianças em idades e fases diferentes, um olhar crítico em relação à escolha dos livros para fomentar a leitura com crianças. Sobre isso, Paixão (2016, p. 7) nos oferece uma excelente contribuição.

[...] o LELIT mudou a concepção que eu tinha de literatura infantil, me fez repensar minha prática docente, mostrou-me que enquanto professora em formação devo ser mais criteriosa, pois a função do professor vai muito além de apenas repassar conteúdo, ele deve promover a leitura em sala de aula e, eu, enquanto pedagoga em formação, devo estar atenta e ser criteriosa ao trabalhar com a literatura, se busco formar um aluno leitor, crítico e questionador que tanto se fala nos dias de hoje.

Assim, os livros para crianças que estamos investigando fazem parte das produções 2019, 2020 e 2021, selecionados na premiação anual da Fnlij, nos anos 2020, 2021 e 2022, respectivamente, instituição que corresponde à seção brasileira do IBBY, catalogados na Biblioteca Moronguetá, do grupo de Pesquisa, estudo e intervenção em leitura, escrita e literatura - Lelit, inserido no Instituto de Ciências da Educação - ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará.



*Ilustração de Maria Helena Valdez*

*A literatura, por não ignorar a fantasia, por nascer da necessidade de perguntar ao leitor sobre as questões que afligem a vida, torna o sujeito mais atento e refinado diante do mundo. Bartolomeu Campos de Queirós*

#### **4 O LIVRO PARA CRIANÇA: O ENTRELAÇAR ENTRE BEM SIMBÓLICO CULTURAL E PRODUTO MERCADOLÓGICO**

Ao longo de nosso tecido, perseguimos o entendimento sobre o objeto livro para criança, na dialética de ser este ao mesmo tempo um bem simbólico cultural e um produto mercadológico da indústria editorial, como nos aponta Bourdieu (2007). Esta questão torna-se importante nesta pesquisa, por tratarmos das tendências da produção editorial dos livros para crianças, cujo *corpus* delimitamos - os livros que contém o selo “Altamente Recomendável” da Fnlij, especificamente, das categorias “Melhor livro para Criança” e “Melhor livro tradução/adaptação para criança”.

As reflexões aqui construídas tem o interesse de compreender como esse universo da produção editorial se comporta ao produzir um bem tão valioso, direcionado ao público infantil. Não temos o interesse de demonizar tal indústria, mas contribuir com um olhar para que possíveis ajustes sejam realizados, pensando, sobretudo, em quem se torna leitor a partir deste produto. Portanto, é importante refletir como os interesses do capital influenciam e impactam no processo de criação, produção, publicação e circulação do livro, assim como compreender o uso do selo “Altamente Recomendável” pelas editoras brasileiras.

Os primeiros pontos a serem enredados se deram na perspectiva pontuada por Miceli (2007, p. VIII) ao construir a introdução intitulada “A força do sentido” da obra “A economia das trocas simbólicas” de Pierre Bourdieu. Ao tratar da forma mais abrangente de conceituar cultura, numa dualidade que de um lado tem a problemática kantiana, que “considera a cultura – e por extensão todos os sistemas simbólicos, como a arte, o mito, a linguagem etc. – em sua qualidade de instrumento de comunicação e conhecimento responsável pela forma modal de consenso” em relação aos significados dos signos e do mundo; de outro lado tem a concepção da tradição marxista que compreende “a cultura e os sistemas simbólicos em geral como um instrumento de poder, isto é, de legitimação da ordem vigente”.

Para nossas reflexões os dois olhares são complementares, na medida em que estamos tratando de um objeto com a presença de duas artes – a literatura e a ilustração, cuja linguagem, na maioria dos livros, vem construída com elementos estéticos que remetem à memória e à imaginação. Para Vigotski (2009, p. 20) “toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa”. Isso estabelece comunicação com os leitores e promove conhecimento.

Como podemos pontuar em “O sopro do leão”, escrito por Marcos Bagno e ilustrado por Simone Matias, da categoria criança, da seleção de 2022, uma história que dá ênfase aos laços e valores familiares e tem como temática principal a perda do avô e como pano de fundo o medo que tinha o garoto Leonardo, a perda e o medo encontram-se ao longo da narrativa nas palavras “O sopro do meu avô me mantinha à tona, não me deixava afundar, era o que me dava segurança para enfrentar o medo que eu tinha da água”. (Bagno, 2021) e na ilustração vem representados nas imagens em que o avô enche a boia (conforme as figuras que seguem), ação que resulta na piora da doença do avô e o leva à morte.

**Figura 6:** O avô enchendo a boia



Fonte: Livro O sopro do Leão

**Figura 7:** O avô cansado após a boia cheia



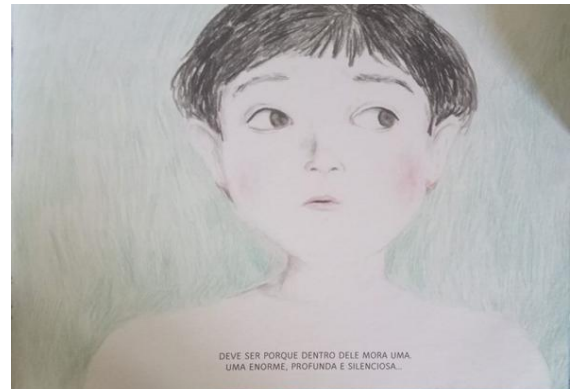
Fonte: Livro O sopro do Leão

Em “Menino baleia” da escritora Lulu Lima e da ilustradora Natália Gregorini, da categoria criança, seleção 2021, a comunicação e o conhecimento estabelecido com o leitor vem em torno da história do garoto Roger que tem autismo. Por meio do texto literário, a autora aborda o tema, utilizando metáforas e alegorias de modo leve e harmonioso; simbolicamente expressas em: “olhos de baleia”, “baleia”, “oceano”; traz conhecimentos importantes, caracterizando o autismo por meio da arte, como nos trechos “Roger tem olhos de Baleia. Deve ser porque dentro dele mora uma. Uma enorme, profunda e silenciosa...”, “A baleia que mora em Roger tem vontades que os meninos não têm”. “Roger gosta mais de ouvir o silêncio”. (Lima, 2021).

O projeto gráfico do livro traz uma ilustração muito potente, cujas ações da narrativa são representadas de modo significativo por meio das imagens. Desde a capa, ocorre uma espécie de convite para outra realidade, como ocorreu na experiência de Fittipaldi (2008, p. 94) “outro estado de realidade, onde se podia transitar nas fronteiras, curvas e dobras do real e do imaginário”. Com as imagens abaixo, observamos um modo de materialidade da narrativa.

**Figura 8:** Capa do livro

Fonte: Menino Baleia

**Figura 9:** Personagem Roger

Fonte: Menino Baleia

**Figura 10:** Alegoria Roger e a baleia

Fonte: Menino Baleia

**Figura 11:** A baleia

Fonte: Menino Baleia

Em “O pai da mamãe” da escritora Cristiana Gomes, ilustrado por Odilon Moraes, da categoria criança, da seleção 2021, encontramos a relação de imagem e texto, na qual há uma narrativa visual que garante ao leitor um momento de passeio na praia realizado pela neta e seu avô. O ilustrador nos garante um roteiro que retrata o caminhar dos dois em direção à praia, não faltam elementos visuais estéticos capazes de possibilitar um enredo, as roupas das personagens, bolsa, brinquedo, o guarda-sol, a cor clara de areia, a imensidão de mar na cor azul, os dois organizando o guarda-chuva, a cadeira, as brincadeiras. E, o registro de imagens segue dando conta de uma história de um dia de praia, efetivando o papel da ilustração que Fittipaldi (2008, p. 103) afirma “Toda imagem tem alguma história para contar. Essa é a natureza da narrativa da imagem”.

Para o leitor que teve experiências de convivência com os avós, é perfeitamente possível que a fruição por estas imagens remeta à memória, emoções e afetos construídos nas relações familiares. Conforme acrescenta Fittipaldi (2008, p. 103) “Suas figurações e até mesmo formas abstratas abrem espaço para o pensamento elaborar, fabular e fantasiar”.

Em relação à literatura, a autora traz um diálogo entre neta e avô, uma conversa simples, que tem como desfecho o momento de descoberta da neta sobre o fato de ser seu avô, o pai de sua mãe. Da forma como o livro foi organizado, o texto escrito, o diálogo parece ser um complemento da história visual, a conversa que tiveram ao longo daquele momento de passeio na praia. Uma relação dialógica entre texto e imagem em que uma arte não se sobrepõe a outra.

Além das discussões temáticas, dos elementos estéticos observados tanto por meio da literatura, quanto por meio da ilustração, cabe a reflexão em torno dos aspectos estruturais dos dois livros, cujo projeto gráfico dá conta do uso de materiais de excelente qualidade, livros de capa dura ou de outros tipos de papéis adequados para esta finalidade, folhas de papel vergê e couchê, com as imagens distribuídas em páginas abertas, textos situados de modo harmonioso com a imagem, além da perfeita combinação de cores. Todo esse conjunto provoca o olhar do consumidor de modo imediato. Daí, o diálogo com a reflexão em torno dos sistemas simbólicos como estrutura de poder, na visão da tradição marxista. As crianças, público previamente definido como leitores, certamente merecem um produto cultural de excelente qualidade, em todos os sentidos, na tríade – texto, imagem e projeto gráfico.

No entanto, algumas questões precisam ser postas, dentre elas, apontamos: Que crianças têm acesso aos livros desta qualidade? As listas de livros premiados no Brasil, publicadas e amplamente divulgadas na internet, influenciam nas escolhas realizadas por programas de políticas públicas de distribuição de livros. No entanto, em uma compra para distribuição em larga escala, observa-se que a produção dos mesmos títulos é produzida com uma qualidade inferior, vale dizer, não em preços menores, muito pelo contrário, geralmente em maior preço. O que justifica a menor qualidade no livro para criança produzido para distribuição nas escolas públicas brasileiras?

E, embora pelo senso comum, essa diferença no material não tenha nenhum impacto no que diz respeito à experiência leitora e de fruição artística, esbarramos de imediato a pontos que merecem a crítica: as crianças são cidadãos brasileiros, filhos de adultos contribuintes, são seres humanos que tem na lei a garantia de direitos iguais. Portanto, não há justificativa para que crianças de diferentes infâncias tenham acesso a produtos com qualidade diferente, principalmente porque o livro comprado por programas governamentais são pagos com recursos públicos, dos adultos contribuintes que já nos referimos.

Para compreender essa produção e distribuição em massa, voltamos para o século XVIII, que segundo Bourdieu (2007, p. 100) com a “dissolução da corte e da arte cortesã” há uma mudança de comportamento na aristocracia, que se junta com a burguesia e adota suas concepções artísticas e modos de pensar a arte, além das instâncias que difundem a arte em busca de “uma legitimidade propriamente cultural”. Entre acordos e desacordos em torno da busca de autonomia, foi na revolução industrial que esse movimento acelerou-se intensamente. Nesse sentido, o autor dar ênfase ao fato de

[...] o desenvolvimento de uma verdadeira indústria cultural e, em particular, a relação que se instaura entre a imprensa cotidiana e a literatura, favorecendo a produção em série de obras elaboradas segundo métodos semi-industriais [...], coincide com a extensão do público resultante da generalização do ensino elementar, capaz de permitir às novas classes (e às mulheres) o acesso ao consumo cultural (Bourdieu, 2007, p. 102).

Assim como, a evolução de outras áreas da humanidade, a materialidade dos bens culturais avança e consigo registra avanços na educação – “generalização do ensino” e nas estruturas sociais – “novas classes (e as mulheres)”. Oportunamente, vale o diálogo com a seção em que tratamos da literatura infantil, sobretudo, em relação ao surgimento do suporte livro, como instrumento de registro desta literatura, uma vez que a condição de indústria do livro para criança carrega em si a dialética entre o concreto e o abstrato, conforme problematiza Coelho (2000, p. 64 – 65), sendo a literatura “Produto da imaginação criadora do homem” é abstrata por ser construída, a partir de “ideias, sentimentos, emoções, experiências de várias naturezas...”, mas é concreta em pelo menos duas situações – quando transformada em palavras e quando estas são registradas no suporte físico (o livro). Nós acrescentamos mais uma possibilidade de materialidade, quando o leitor ao acessar este suporte, efetiva a leitura.

Com o surgimento da indústria cultural, a literatura enquanto arte sai da condição de produção artística e passa para o lugar em que Alambert (2015, p. 45) define com sendo

A arte como mercadoria é parte das relações econômicas e sociais da modernidade capitalista que se constituíram ao individualizar o sujeito produtivo e o sujeito que lucra ao explorar o sujeito que produz, colocando a produção de mercadorias no centro deste sistema.

O universo da indústria cultural desde sua origem esteve atrelada à diversidade de público para os quais os produtores destinam e que Bourdieu (2007, 102 – 103) traz outra dualidade “– mercadorias e significações -, cujo valor propriamente cultural e cujo valor mercantil subsistem relativamente independentes”. Para o autor, a constituição de “um mercado de obra de arte” possibilita escritores e artistas, por meio de suas práticas e representações, não reduzir a obra de arte a uma simples mercadoria, garantindo a “singularidade da condição intelectual e artística”.

Encontramos em Coelho (2000, p. 65) um exemplo claro, desse processo evolutivo em relação à complexa engrenagem que envolve o homem como um ser criador, um ser produtor e um ser leitor; pela autora definido como: “a invenção, a palavra e o livro”, exemplificado em “O Patinho Feio”, de Andersen, conforme descreve

A julgar pela visão de mundo patente na história, pode-se imaginar que, em certo momento, Andersen, o contador de histórias, tocado pela ideia de que a essência do ser, a potencialidade ou as qualidades intrínsecas do indivíduo são muito mais importantes do que sua aparência física ou sua classe social, Anderson inventa uma situação simbólica que, atraindo a atenção das crianças e divertindo-as, lhes ensinasse essa grande lição de vida. Portanto, ao inventar a história O Patinho Feio [...], esse grande escritor dinamarquês criou, para sua ideia, uma linguagem literária que se transformou na alegre mensagem de esperança e confiança no valor intrínseco do ser humano. [...] Hans Christian Andersen era um grande contador de histórias: amava inventá-las para as crianças com quem convivia, e depois as escrevia para publicação na imprensa ou em livro. Tivesse ele se limitado a apenas contar tais histórias ao seu pequeno auditório fascinado e o mundo não teria conhecido a grande literatura infantil por ele criada e, hoje, universalmente celebrada. (Coelho, 2007, p. 65 – 66)

Antes de avançarmos o olhar sobre esta constatação de Coelho, entendemos importante dizer que embora a autora diga que o artista atrai a atenção das crianças e as diverte e ensina-lhe uma lição de vida, não está aqui à essência da literatura, não está aqui à finalidade maior da literatura infantil de Andersen, embora tais possibilidades ocorram em “O Patinho Feio”. Precisamos atentar para o fato de que o autor inventava e contava histórias para crianças de seu convívio, portanto suas histórias tinham em sua essência os valores humanos, dos humanos de sua realidade. Merece destaque, no registro da autora, a importância da indústria cultural de registro das palavras – imprensa e os livros, a importante contribuição para o registro, promoção e circulação da arte literária.

De outro modo, paralelos aos positivos, avanços da indústria cultural, surge o crescimento gigantesco desta produção e a voraz busca por um consumidor, que pela velocidade evolutiva, fica muito claro que a busca é exatamente pelo consumidor, não necessariamente pelo leitor. Muitos são os recursos utilizados para que cada vez mais pessoas comprem livros, no entanto, nem sempre há a diversidade de recursos por esta indústria, inclusive, no sentido de formar os seres humanos, por meio da leitura. Colocando de forma mais didática, nos apoiamos no que Bourdieu (2007, p. 5) classifica em dois campos: “o campo de produção erudita” – produção destinada para produtores culturais; “o campo da indústria cultural” – produção para o grande público, recrutado em diferentes classes sociais.

O livro para criança está exatamente neste segundo campo, e quando apontamos que se buscam consumidores e não necessariamente leitores, remetemos nosso olhar para o público – crianças – que ainda estão condicionadas a ter acesso ao livro, única e exclusivamente, por meio da escola. É importante dizer, que isso não seria problema, se as escolas públicas brasileiras, que recebem os livros de literatura infantil, principalmente por meio das políticas públicas de compra e distribuição dos livros, estivessem estruturadas – com bibliotecas, com profissionais formados para efetivamente garantir às crianças o direito à leitura, conforme aponta Daher e Farias (2023, p. 68)

[...] é fundamental a criação e a consolidação de políticas estruturais, que garantam escolas, bibliotecas e profissionais com infraestruturas adequadas e boas condições de trabalho, para que todas as pessoas – crianças, jovens e adultos – compreendam a leitura como bem e possam ter acesso a livros.

No entanto, há estudos, pesquisas e a realidade escancarada tanto nos sites oficiais do governo – editais de compras de livros de literatura, quanto nas escolas – onde os livros até chegam, porém, muitos deles vão parar num espaço que mesmo muitas vezes sendo chamado de biblioteca, é na verdade um depósito de material didático e paradidático, estando incluso o livro literário. Nesta situação, há efetivamente o consumidor – o governo, mas não temos a garantia do leitor – a criança, não por sua inexistência e desinteresse, mas sim por pura negligência em relação ao direito à leitura.

Ainda tratando do campo da indústria cultural, é importante retratar que está nesse universo chamado por Bourdieu de “grande público”, além de outras pessoas, crianças pertencentes a classes sociais de poder aquisitivo suficiente para aquisição de quantos livros quiser, condições de estruturar suas próprias bibliotecas. Estão as crianças de famílias de classe média, cujas necessidades contemporâneas, apegam-se cotidianamente aos recursos disponibilizados pelas editoras e por instituições promotoras de leitura – “Listas, listas e mais listas. Prêmios, muitos prêmios. Sem falar nos blogues, youtubers e clubes do livro, que oferecem assinaturas em que os consumidores recebem um ou mais títulos por mês” (Daher & Farias, 2023, 34), para aquisição de livros, muitas vezes, com o pretexto de estimular a leitura das crianças.

Sem generalidades, há neste entrelaçado dois pontos a serem vistos com desconfiança: 1) o estímulo à leitura torna-se estímulo à posse; muitas vezes, chegam tantos livros nas residências das crianças, que elas sequer têm o tempo necessário para lê-los; 2) o suposto estímulo à leitura, não passa da intencionalidade dos adultos, de ocuparem o tempo das crianças com a leitura, o que muitas vezes, torna-se uma obrigação, planejando tempo livre para outras ocupações consideradas importantes.

Estes são fatores que podem contribuir de modo significativo para que os interesses do capital possam dominar o universo da indústria editorial. Sem negar que há nesse trançar a promoção e divulgação de autores, artistas e profissionais que garantem sua vida econômica nesse universo. Sobre isso, as autoras apontam que “Se por um lado cria um ambiente fecundo e de visibilidade para a produção editorial para crianças, por outro aponta um movimento de mercado que vem engolindo muitas boas intenções”. (Daher e Farias, 2023, p. 34).

#### **4.1 As tranças históricas da produção editorial**

No entrelaçar até aqui construído, utilizamos por diversas vezes a expressão “produção editorial”. A partir deste momento, trouxe os pontos fortalecedores de nosso trançado, uma vez que somos seres históricos e nos construímos com essa história. Foi na origem que buscamos alguns entendimentos que amarram alguns fios soltos, não devemos amarrá-los com “nós” cegos, desamarráveis. As amarras, neste caso, devem ser possíveis de serem desamarradas quantas vezes forem necessárias para seu aprimoramento, mas precisam ser seguras e consistentes, como o exercício de uma pesquisa exige.

A produção editorial surge em consonância com o surgimento do livro, como o suporte que conhecemos atualmente. Assim como a escrita perpassou pelo registro nas pedras, na argila, no papiro, o pergaminho, o códice – este surgiu na Grécia, aprimorado em Roma e constituiu o primeiro modelo do chamado “livro moderno”. Segundo Lajolo & Zilberman (2007, p. 16) a origem desta indústria está diretamente ligada ao papel da criança na sociedade a partir do século XVIII, o que motiva “o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro)”, além de novos ramos da ciência voltados para o estudo da infância. As autoras chamam atenção para o fato de que o papel social das crianças “é apenas de natureza simbólica”. Para nós interessa o fato de que esse papel social simbólico exercido pela criança influencia na origem da chamada literatura infantil e conseqüentemente na produção editorial desta literatura.

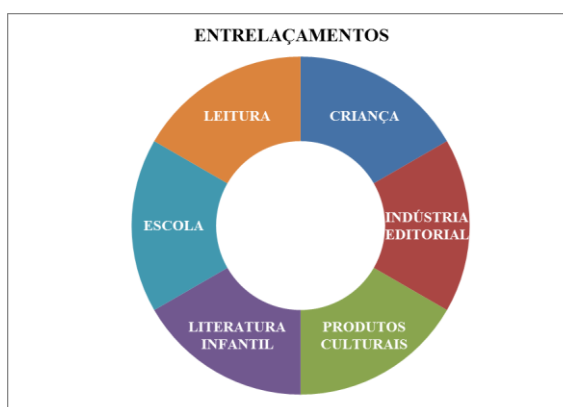
Eis que surgiu a imprensa e junto com ela “a figura do editor”, que em inglês “a palavra publisher é a denominação dada ao editor, como aquele profissional que organiza, seleciona, normaliza, revisa e faz a supervisão dos originais (textos ainda não editados) de uma obra”. (Coletto e Barcellos, 2016, p. 14) Ampliando a definição sobre os editores, Daher e Farias (2023, p. 38) afirmam “que são aqueles que trabalham como um maestro, avaliando ideias, discutindo textos, articulando imagens e formatos e até mesmo em muitos casos, as estratégias de divulgação do livro”. As duas definições diferem quanto à concepção, mas se completam em relação ao trabalho dos editores.

Está inserido no contexto de origem da produção editorial, relacionado ao papel que a sociedade determina às crianças deste século, a escola de modo estrutural para receber essas crianças, como afirma Lajolo & Zilberman (2007, p. 16) “a escolarização converte-se aos poucos na atividade compulsória das crianças, bem como a frequência às salas de aula, seu destino natural”. Vale lembrar o que já tratamos na seção anterior em relação ao surgimento da literatura infantil para fins didáticos.

Aos poucos, a pesquisa foi nos mostrando que esta origem foi marcada por muitos fios, interligada por interesses da sociedade dos adultos, direcionando os produtos para crianças, dentre elas a literatura infantil, a escola, o livro, a indústria editorial, como muito bem apontam as autoras e nós demonstramos no gráfico que segue a citação.

Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria. No século XVIII, aperfeiçoa-se a tipografia e expande-se a produção de livros, [...]. Por outro lado, porque a literatura infantil trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem estas passado pelo crivo da escola. Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (Lajolo & Zilberman, 2007, p. 17)

**Gráfico 1:** Os entrelaçamentos do objeto



Os entrelaçamentos aqui identificados, a nossa maneira, surgem de modo paralelo e inter-relacionados, cujas intenções estão claras, sobretudo ao modelo de produção do capital que se consolida enquanto sistema econômico e consolidam-se da seguinte forma:

No Brasil, o surgimento “do impressor-editor” se dá de modo clandestino, dada as exigências da coroa portuguesa, de que as “obras produzidas fossem impressas na Europa”. No final do século XVIII, com apenas duas livrarias, os títulos que chegavam ao Brasil eram de medicina ou religiosos, importados ou clandestinamente. No início do século XIX, com a chegada da família real portuguesa esse cenário modificou-se, sendo inaugurado em 1.808, o “modelo brasileiro de prensa de tipos móveis”, sendo marcos deste momento histórico do Brasil:

[...] a publicação de um livreto de 27 páginas que acompanhava a Carta Régia, [...] a primeira editora oficial – a Imprensa Nacional, o primeiro livro - o romance Marília de Dirceu, em 1810, de Tomás António Gonzaga, a fundação da Biblioteca Nacional, em 29 de outubro de 1810. (Idem)

Enquanto na Europa a indústria editorial surge de maneira mais consistente no século XVIII, no Brasil, somente na segunda década do século XX, a indústria editorial teve um avanço significativo, cujo principal marco foi à obra de Monteiro Lobato. Conforme Lajolo & Zilberman (2007, p. 21) “[...], quando se começa a editar livros para a infância no Brasil, a literatura para crianças, na Europa, apresenta-se como um acervo sólido que se multiplica pela reprodução de características comuns”.

A indústria editorial de livros para a criança no âmbito nacional teve investimento por parte dos empresários do ramo no sentido de consolidar o referido mercado, de tal modo, que Lobato, famoso enquanto escritor passa a atuar no outro lado da estrutura, como empresário, “investe progressivamente na literatura para crianças, de um lado como autor, de outro como empresário, fundando editoras, como a Monteiro Lobato e Cia., depois a Companhia Editora Nacional e a Brasiliense, e publicando os próprios livros”. (Lajolo & Zilberman, 2007, p. 44).

No final dos anos 30, com o governo de Getúlio Vargas, com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) a indústria cultural passou por momentos de censura, só era publicado o material autorizado pelo governo, que registrou maior impacto nos materiais didáticos. Embora tenham escritos referindo a prisão de Monteiro Lobato à sua produção de Literatura Infantil, confirmamos em mais de um documento, inclusive no site oficial da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) São Paulo, que sua prisão se deu em decorrência da crítica ao Estado Novo, por conta da política de governo de exploração do petróleo, área em que o escritor abriu várias empresas de exploração do petróleo.

Vale dizer que por muitos longos anos, a produção editorial brasileira esteve no controle das ditaduras nos diferentes momentos históricos do Brasil, mesmo assim, o primeiro Curso de Graduação de Produção Editorial do Brasil foi implantado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1971 e em 1972 a universidade de São Paulo (USP) criou o curso de Editoração. Mesmo com as demandas por profissionais do mercado editorial serem crescentes no final do século XX, somente no início do século XXI foi criado o primeiro curso de Produção Editorial numa região fora do eixo sudeste, no Nordeste, na Faculdade Hélio Rocha, em Salvador, na Bahia.

Os diferentes momentos históricos vivenciados pelo país impactam e influenciam na indústria editorial. Sobre isso, Lajolo & Zilberman (2017, p. 57 - 58) nos trazem o cenário histórico, político e cultural que o Brasil experimentou no final do século XX e início do século XXI, a partir da redemocratização (1985), da nova Constituição (1988), do sistema econômico pautado pelo neoliberalismo, das imposições do mundo globalizado, da ampliação do parque industrial, da implantação do plano real, dentre tantos outros acontecimentos que nortearam e norteiam a vida dos brasileiros neste período.

Segundo as autoras, os impactos sociais referentes às transformações citadas foram percebidos pela sociedade brasileira na primeira década do século XXI, com o aumento da empregabilidade, com a ampliação da educação escolar, alcançando mais crianças e jovens. Uma sociedade mais reivindicadora de seus direitos, como: educação, saúde, segurança, saneamento, transporte público, meio ambiente e cultura. Além do aumento de créditos, do poder de compras e do fortalecimento de uma nova classe média.

Nesta nova organização da sociedade brasileira, os impactos chegam à cultura em seus processos e produtos, nas diferentes artes, nos apoios à produção estética, além da proliferação de espaços e eventos que promovem a circulação e o consumo de criações artísticas. Em relação à arte literária, as autoras constata

No que respeita à literatura, cresce consideravelmente o número de livros impressos, em especial das obras - didáticas e literárias - destinadas a crianças e jovens. Livros para crianças e jovens exibem espetacular desenvolvimento quantitativo e qualitativo, propondo, desdobramentos e consolidando novas formas de produção e difusão. (Lajolo & Zilberman, 2017, p. 58)

Em relação às características da produção editorial brasileira, pesquisas apontam um mercado em crescimento, com avanços acelerados no campo de novas tecnologias, o que exige dos profissionais que atuam na área adaptação rápida para novas modalidades da produção, assim

O campo profissional é cada vez mais amplo: em editoras, com a criação de materiais impressos como livros, revistas e periódicos, o produtor editorial é responsável pela escolha de obras a serem publicadas e pelo preparo das mesmas; algumas empresas, e cada vez mais as grandes editoras do mercado tradicional, focam na produção de e-books, revistas digitais e em produtos para dispositivos portáteis. (Lajolo & Zilberman, 2007, p. 44)

Compõe esse campo da economia brasileira, as editoras, as livrarias, os sites especializados em venda, entrelaçadas com instituições de pesquisa, como as Universidades, as instituições de fomento ao livro e à leitura como a Biblioteca Nacional, a Câmara Brasileira do Livro, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, que atuam como fomentadoras, reguladoras e promotoras das políticas de acesso ao livro e da promoção de leitura. No campo da produção editorial do livro para criança, a indústria editorial e estas instituições atuam por meio de parcerias consolidadas, garantindo a realização de eventos como as bienais, os concursos de seleção de livros, discussões que fomentam a pesquisa nessa área.

No tecido em que se constroem os livros para criança, publica-os, os faz circular tem um grande emaranhado de profissionais que aqui destacamos: escritores, ilustradores, cientistas, pesquisadores, artistas, tradutores, revisores, designers, diagramadores, bibliotecários, os editores, os divulgadores, os mediadores, os vendedores, dentre outros. Fruto do esforço de muita gente, Daher e Farias (2023, p. 37) defendem que

Os livros não são objetos mágicos e sagrados, mas sim um produto da invenção e do trabalho humano e, como tal, carregam suas marcas. Seus valores sociais e culturais muitas vezes deixam na sombra seus processos de criação, produção e circulação, bem como os pesquisadores, artistas e profissionais que deles participam. É importante que as crianças saibam que muito trabalho é necessário para que uma ideia ou uma história se transforme em um livro.

De algum modo, incomodou-nos o fato de perceber na pesquisa, ou melhor, por meio dela, a percepção quase que sagrada em relação ao autor, principalmente da obra literária, que aprende a sentir, acredito que mais acentuadamente ao longo do curso de graduação em Letras. Aos poucos fui compreendendo o que Bojunga (2008, p. 13) disse em “Feito à mão”, “Fiquei um pouco no tal desconforto que a gente fica quando escorrega do sonho pra real”, um processo de desconstrução necessário em relação aos escritores, o que nos remeteu para as seguintes reflexões: Em que medida, os livros de literatura para a infância são artes? Até que ponto os escritores, ao se profissionalizar, conseguem manter a arte presente em suas produções?

O fato é que na indústria editorial da atualidade, os autores (escritores) fazem parte do que Lajolo & Zilberman (2017, p. 62) chamam de “cadeia do livro” - termo oriundo da área de economia, que coloca os sujeitos que escrevem livros, inclusive os literários, na condição de iguais em relação aos outros profissionais que fazem parte do processo de produção do livro. Ao discorrer sobre o assunto, as autoras materializam o tema utilizando a fala do escritor Luiz Antônio Aguiar, da qual destacamos: “Escrevo sob encomenda.[...] Eu sou um escritor profissional”.

Para as autoras, isso enfraquece a literatura que, segundo elas, por muito tempo a produção era chancelada ao autor. Esse enfraquecimento ocorre por diversos fatores, dentre eles, porque em caso de produções por encomenda a partir de demanda, em certa medida, pode colocar os escritores numa condição de falta de liberdade artística e assim transformar a produção, chamada de literária, em livros informativos, fomentando a didatização dos livros para criança. Ao refletir sobre a função dos escritores de livros para criança, é possível que na dialética do “bem cultural” e o “produto mercadológico” há certa tensão em relação aos papéis dos que o fazem.

Ao construir esta reflexão, nossa memória nos levou para uma das primeiras leituras que realizamos em que Bartolomeu Campos de Queiróz afirmava que ao escrever não se preocupava com o público para o qual seu texto se destinava e se assim o fizesse, sua escrita deixara de ser literatura. Lembramos também de Nilma Lacerda em suas “Cartas de São Francisco” ao apontar que para ser escritor de literatura, o autor precisa se preocupar com o público a quem se destina, entendemos que vem cercado de um olhar para a criança como um ser social.

Em ambas perspectivas encontramos preocupação com a arte, esta como “uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora o ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser” (Vigotski, 1998, p. 315). Embora Vigotski aponte a arte como técnica, vislumbramos em seu olhar o valor da obra de arte relacionada ao fazer artístico. Sobre isso, Duarte (2010, p. 151) ao analisar os pensamentos de Lukács afirma que “O trabalho criativo do artista é tão mais valorizado quanto mais se compreenda que a obra de arte trabalha com a unidade dialética entre essência e aparência”. Confrontar o escritor na condição de profissional que produz conforme demanda da indústria editorial de livros é importante para que assim possamos perceber as possibilidades, os limites e as contradições que cercam tais questões.

Para prosseguirmos, duas questões precisam ser esclarecidas: 1) não entendemos que os escritores - artistas devam produzir literatura e não ter retorno financeiro com isso; sendo estes homens e mulheres que vivem num país, cujo sistema capitalista rege todo o movimento econômico. Logo, suas produções artísticas, sendo resultado do seu trabalho, de seu intelecto, de seu repertório artístico-cultural precisa ser justamente remunerado. 2) não se trata de desmerecer ou diminuir o trabalho dos demais profissionais no processo de produção. O que estamos pontuando está centrado no que Lajolo & Zilberman (2017, p. 65) “[...], quando autores e livros tornam-se meros objetos de consumo, midiaticamente promovidos e especularizados”.

Com o devido cuidado para sermos críticos, não levianos a ponto de condenar uma prática ou outra, o fato é que na indústria editorial de livros como um todo, aqui para nós, a de livros para crianças, com a sede de obter lucros, uma parte significativa dessa produção disponibiliza ao consumidor um produto pouco ou nada cultural, muito menos simbólico, sem valor artístico, com preços às vezes menores, que ao encontrar um público de pouca cultura leitora adquire-os e com isso o que chega para as crianças são livros de péssima qualidade.

O processo de seleção do Prêmio Anual da FNLIJ nos sinaliza isso de modo bem claro; nos três anos do *corpus* de nossa pesquisa, a fundação recebeu em 2020 - 580 livros, 2021 - 477 livros e 2022 - 546 livros para serem avaliados pelos leitores-votantes. Destes, receberam o selo “Altamente Recomendável”, em 2020 apenas 14,65% (85 livros); já em 2021, somente 20% (94 livros) e em 2022, 27% (146 livros). Considerando que a seleção dos livros é realizada por especialistas experientes, os números nos mostram que a quantidade de obras com qualidade artística e editorial produzidas no Brasil é muito pequena; por outro lado, é possível perceber significativa melhoria, uma vez que anualmente houve crescimento gradual no número de livros que recebeu o selo.

Escritores e livros como “meros objetos de consumo” contribuem diretamente para a perpetuação de uma sociedade sem senso crítico, da negação de direitos da criança de acesso ao bem cultural de qualidade, de crianças e posteriores adultos manipuláveis; além da exclusão de experiências estéticas de literatura. Tais consequências tornam-se injustas, agressivas e perigosas, uma vez que

[...], todas as crianças devem ser assistidas integralmente, com atendimento a todas as suas necessidades e a promoção de seus direitos, mesmo aqueles que podem parecer secundários sob determinados pontos de vistas, concorrendo para seu pleno desenvolvimento. (Daher & Farias, 2023, p. 19)

## 4.2 O tear em números da produção editorial

Estabelecer discussões sobre a produção editorial do livro para criança não é falar somente do processo de produção, ela está inserida em uma estrutura mercadológica fortemente regida pelo capital. Por isso, consideramos oportuno trazer alguns dados referentes à produção e a comercialização do produto no Brasil, com base nas seguintes pesquisas: Produção e venda do setor editorial brasileiro - Ano base 2022 - desenvolvida pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e Nielsen BookData; Painel do Varejo de Livros no Brasil - Resultados 2022 x 2021 - realizada pelo Nielsen BookScan e pelo SNEL e Retratos da Leitura no Brasil - 5ª edição/ 2020 - coordenada pelo Instituto Pró-livro.

A pesquisa Produção e venda do setor editorial brasileiro - Ano base 2022 - realizada pela Nielsen BookData, consiste no retrato da indústria de livros, é a mais longa da América Latina do setor, no país e na América Latina, é o cenário atual, que somado aos anos anteriores permite-nos perceber a evolução e as mudanças desse setor econômico. Nos destaques gerais, a pesquisa aponta crescimento nominal de 3% nas vendas, resultado dos preços vigentes no ano da pesquisa; os livros didáticos e as obras gerais tiveram um crescimento de 5,8% e os religiosos tiveram crescimento de 6%. Os científicos, técnicos e profissionais (CTP) foram os únicos que tiveram decréscimo nominal, um recuo de 10%. Em relação aos locais de venda, as livrarias exclusivamente virtuais têm maior participação nos orçamentos das editoras, 35,2%. Outro dado relevante é que pela primeira vez a Feira do Livro/Bienal aparece como um dos cinco principais canais de venda dos livros gerais.

Em relação à produção do setor, faremos a demonstração dos dados por meio do recorte do material da própria pesquisa:

Figura 12 – Produção de livros 2022



Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros

Os números da produção são bastante significativos, identificamos que milhões de exemplares são produzidos, e dessa produção, apenas 16% correspondem a novos títulos. Nosso objeto de pesquisa, os livros para criança com o Selo “Altamente Recomendável” da FNLIJ estão dentro destes 16%, uma vez que se trata de livros publicados em 1ª edição no ano que antecede à premiação.

Em relação às vendas no setor, o relatório apresenta os seguintes dados:

**Figura 13 – Vendas de livros 2022**



Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros

Voltando as nossas discussões a respeito das compras e distribuição de livros realizadas pelo governo, os dados referentes ao ano de 2022, demonstram que tanto o quantitativo de exemplares, quanto de faturamento correspondem a uma fatia bastante expressiva no que diz respeito às vendas para este segmento. Embora não tenhamos a intenção de aprofundar sobre os dados referentes às compras de livros pelo governo, não nos furtaremos de estabelecer reflexões sobre o acesso das crianças brasileiras aos livros produzidos para elas.

Em uma rápida pesquisa pelos sites oficiais do governo federal, identificamos que atualmente há um único programa da política pública de compra e distribuição de livros - o Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD, cuja legislação vigente ocorre por meio da Resolução nº 11, de 16 de agosto de 2023, que dispõe das normas de condutas do referido programa. Segundo este documento, no Artigo 1º, Inciso IV, o programa abrange os recursos educacionais:

[...] livros e demais obras didáticas, pedagógicas e literárias, de uso individual ou coletivo, acervos para bibliotecas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros recursos de apoio à prática educativa, incluídas ações de qualificação de materiais para a aquisição descentralizada pelos entes federativos. (BRASIL, 2023)

Ao ler o inciso em destaque, o uso do termo “material” causa um entendimento dúbio, pois embora inicie utilizando a palavra “livros”, um pouco mais a frente observa-se o uso de “materiais” por três momentos no texto, acompanhado de o reforço e a correção de fluxo, a formação e a gestão escolar. Ao aprofundar as leituras, constatamos que diferente da Resolução/CD/FNDE nº 42, de 28 de agosto de 2012, que garantia às escolas públicas de educação básica, livros didáticos, obras literárias, obras complementares - livros para alfabetização, correção de fluxo, educação de jovens e adultos e dicionários.

O Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017 altera completamente o que até então vem sendo chamado de PNLD, apesar de não alterar o nome, provavelmente por estratégia, estabelece no Art. 1º “O Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD, executado no âmbito do Ministério da Educação, será destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa” (BRASIL, 2017).

Isso dificulta analisarmos o quanto dos R\$ 1.188.736.914,21 (Hum bilhão, cento e oitenta e oito milhões, setecentos e trinta e seis mil, novecentos e quatorze reais e vinte um centavos) divulgados na página do Fundo Nacional de Desenvolvimento de Educação, no campo “Dados Estatísticos” efetivamente comprou-se de livros, embora venha claro na tabela abaixo, o título da coluna “exemplares”, referente ao PNLD 2023:

**Figura 14** – Descrição detalhada da compra de livros 2023

Etapa de Ensino	Escolas Beneficiadas	Alunos Beneficiados	Total de Exemplares	Valor de Aquisição
Educação Infantil	49.629	2.445.855	2.464.623	R\$ 46.745.188,27
Ensino Fundamental - anos iniciais	81.558	11.548.222	74.048.926	R\$ 789.217.754,57
Ensino Fundamental - anos finais	47.306	10.066.299	12.981.858	R\$ 170.499.734,52
Ensino Médio	20.470	6.672.998	13.078.100	R\$ 182.274.236,85
<b>TOTAL</b>		30.733.374	102.573.507	R\$ 1.188.736.914,21

Fonte: site oficial do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Claramente identifica-se uma mistura de finalidades, o que dificulta a análise dos dados em relação à compra de livros pelo governo para a educação, seja ele didático ou não, não garantindo a transparência necessária que tanto se exige de qualquer órgão governamental. Além de enfraquecer uma política pública consolidada no âmbito da educação básica. Outra confusão identificada por meio do próprio nome “Programa do Livro e do Material Didático” (PNLD), contraditoriamente no corpo do documento da última resolução aparece “livros e demais obras didáticas, pedagógicas e literárias”.

Pois bem, se o Programa é voltado para livros e materiais didáticos, não há o que justifique no mesmo programa incluir, por exemplo, obras literárias. Os livros de literatura, sejam eles da literatura dita de adulto, sejam da literatura para crianças, não são livros didáticos, são obras de arte, da arte da palavra e da ilustração, devem estar disponíveis nas escolas, nas bibliotecas escolares, circulando para que os leitores tenham acesso total a esse bem cultural. Da maneira como está a política pública, não é possível compreender em que medida o governo investe e fomenta a arte literária nas escolas públicas brasileiras, além de servir de instrumento da banalização da literatura, colocando-a como algo dispensável e desnecessário no âmbito da educação básica.

O senso comum pode nos levar a crer que essa contradição é eliminada quando o governo lança mão do chamado “PNLD Literário”. Isso não só reafirma a contradição, como os dados disponíveis referentes ao último demonstrativo deixam bem claro o descaso com os estudantes das escolas públicas em relação ao direito à literatura, defendido por Candido e tantos outros estudiosos da área.

**Figura 15** – Estudantes projetados pelo Censo Escolar

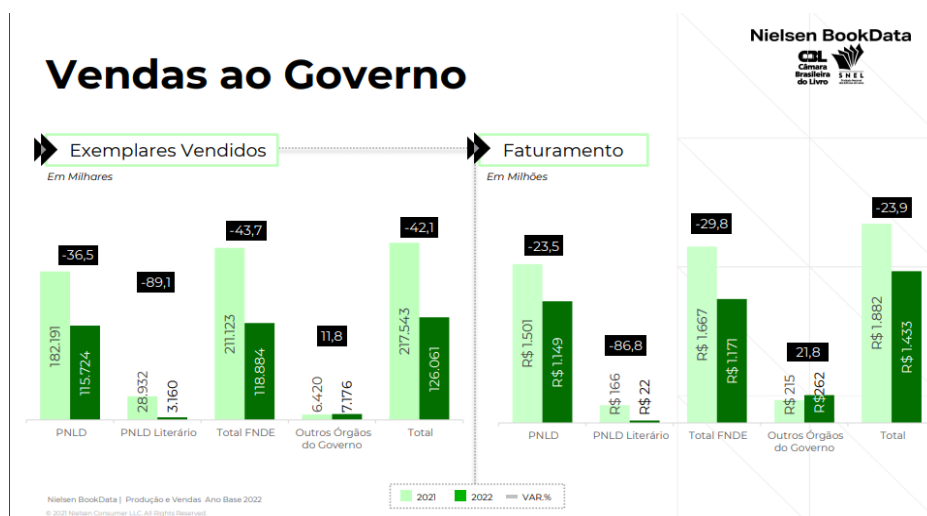
2023 - PNLD LITERÁRIO				
Para o atendimento em 2023, houve à reposição de livros de literatura dos anos finais do ensino fundamental (PNLD 2020 Literário) e aquisição de livros de literatura para o ensino médio (PNLD 2021 Objeto 5). Os quantitativos abaixo refletem a quantidade de estudantes projetada do Censo Escolar:				
Etapa de Ensino	Escolas Beneficiadas	Alunos Beneficiados	Total de Exemplares	Valor de Aquisição
Ensino Fundamental - anos finais	47.306	10.066.299	9.941.193	R\$ 101.945.713,36
Ensino Médio	20.470	6.672.998	18.577.499	R\$ 230.702.009,77
		<b>TOTAL</b>	<b>28.518.692</b>	<b>R\$ 332.647.723,13</b>

Fonte: site oficial do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)

Em um país, cujo número de estudantes matriculados na educação básica corresponde a 47,4 milhões, segundo dados do Censo Escolar 2022, divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Os números apresentados referentes ao PNLD Literário 2023, ainda que com a finalidade parcial de reposição de livros, o total de exemplares comprados deve beneficiar apenas 16.739.297 estudantes. Mesmo assim, o valor do que deveria ser um investimento, fica nas casas dos milhões. No entanto, que garantia há de que as crianças, os jovens e os adultos, matriculados nas escolas beneficiadas terão efetivamente acesso a estes livros? Considerando ser comum, encontrá-los nas escolas, ainda nas caixas, muitas vezes num depósito, que infelizmente muitos agentes da educação ousam chamar de biblioteca.

Os gráficos que seguem expressam bem o que estamos arguindo até o momento em relação à compra de livros por meio do PNLD.

Figura 16 – Vendas de livros 2023



Fonte: Site oficial do Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

Os dados desta pesquisa mostram uma queda significativa nas compras governamentais de livros em 2022 em relação a 2021. Relacionando-a com os dados oficiais do governo é possível perceber uma mudança positiva no ano de 2023, que aqui exemplificaremos com o PNLD Literário em quantitativo de exemplares: 2021 (28.932 milhões), 2022 (3.160 milhões) e 2023 (28.518 milhões), ainda não ultrapassa a quantidade de livros comprados em 2021, mas apresenta um aumento consistente em relação a 2022.

Em relação às temáticas de produção, temos os seguintes dados:

Figura 17 – Temáticas de Produção 2021 e 2022

**TEMÁTICAS**  
Produção

2021 → 2022

	Exemplares Total	Participação %	Exemplares Total	Participação %	Variação %
Didáticos	212.413.225	54,38	184.010.675	56,82	-13%
Religião	60.852.342	15,58	53.025.483	16,37	-13%
Literatura Adulta	22.774.417	5,83	20.004.113	6,18	-12%
Literatura Infantil	26.092.329	6,68	15.699.225	4,85	-40%
Literatura Juvenil	24.420.154	6,25	14.055.538	4,34	-42%
Autoajuda	10.111.425	2,59	8.469.198	2,62	-16%
Economia, Administração, Negócios e Adm. Pública	5.031.926	1,29	4.196.037	1,30	-17%
Literatura Jovem Adulto	3.060.191	0,78	3.470.495	1,07	13%
Ciências Humanas e Sociais	3.547.777	0,91	3.341.809	1,03	-6%
Psicologia e Filosofia	3.679.321	0,94	3.260.964	1,01	-11%
Direito	3.480.455	0,89	3.123.978	0,96	-10%
Biografias	2.800.682	0,72	1.787.178	0,55	-36%
Medicina, Farmácia, Saúde Pública e Higiene	1.633.382	0,42	1.431.083	0,44	-12%
Educação e Pedagogia	1.680.930	0,43	1.128.155	0,35	-33%
Línguas e Linguística	1.044.691	0,27	930.799	0,29	-11%
HQs	1.070.849	0,27	911.885	0,28	-15%
Artes	857.663	0,22	890.495	0,27	4%
Engenharia e Tecnologia	691.126	0,18	392.334	0,12	-43%
Matemática, Estatística, Lógica e Ciências Naturais	632.835	0,16	373.434	0,12	-41%
Dicionários e Atlas Escolares	323.594	0,08	303.245	0,09	-6%
Gastronomia e Culinária	279.889	0,07	192.056	0,06	-31%
Informática, Computação e Programação	243.453	0,06	137.041	0,04	-44%
Educação física e Esportes	173.412	0,04	128.304	0,04	-26%
Arquitetura e Urbanismo	292.190	0,07	117.445	0,04	-60%
Agropecuária Veterinária e Animais de Estimação	162.003	0,04	69.774	0,02	-57%
Turismo e Lazer	111.231	0,03	35.764	0,01	-68%
Outros	3.113.000	0,80	2.344.852	0,72	-25%
<b>Total</b>	<b>390.574.490</b>	<b>100</b>	<b>323.831.361</b>	<b>100,00</b>	<b>-17%</b>

iebsen BookData | Produção e Vendas Ano Base 2022

Fonte: Site oficial do Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

Em meio à diversidade dessa produção, observamos que existem quatro categorias de livros literários: Literatura adulta, literatura infantil, literatura juvenil e literatura jovem adulto. Exceto a literatura jovem adulto, todas as outras categorias têm dados que apresentam queda nas vendas. Ainda em relação ao cenário de vendas, o relatório mensal do “Painel do Varejo de Livros no Brasil” apresenta leve queda nas vendas de livros das categorias infantil, juvenil e educacional, -1,4 pontos percentuais. Mesmo assim, esses gêneros continuam ocupando mais de 20% do faturamento em relação à produção editorial vendida.

A pesquisa intitulada “Painel do Varejo de Livros no Brasil – Resultados 2022 x 2021” realizada pela *Nilsen BookScan*, encomendada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros monitora mensalmente as vendas em lojas físicas e virtuais, sem incluir as vendas das editoras para outros canais, como a direta ao consumidor, aos distribuidores, ao governo e às bibliotecas. A mesma apresenta dados gerais referentes ao volume de venda, ao faturamento, ao ISBN, ao preço médio e aos descontos, e aqui, serão demonstrados pelo gráfico da própria pesquisa:

**Figura 18** – Comparativo de venda de livros entre 2021 e 2022.

Nielsen BookScan

**Comparativo 13º Período – 2022 x 2021**

2021		2022	Variação
5.432.792	<b>VOLUME</b>	5.767.600	<b>6,16%</b>
R\$235.007.166,44	<b>VALOR</b>	R\$270.691.679,71	<b>15,18%</b>
154.292	<b>ISBN</b>	152.900	<b>-0,90%</b>
R\$43,26	<b>PREÇO MÉDIO</b>	R\$46,93	<b>8,50%</b>
21,92%	<b>DESCONTO MÉDIO</b>	20,79%	<b>-1,13 p.p.</b>

T. Mercado – Período 13 2021 (06/10/2021 a 02/09/2022) x 2022 (06/10/2022 a 01/09/2023)  
Fonte: Nielsen BookScan / Nielsen BookScan  
© 2023 Nielsen BookScan. Todos os direitos reservados.

Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros

Os dados da pesquisa demonstram que no ano de 2022 o mercado editorial de livros continua aquecido em relação a 2021, com variação positiva em valor de 15,18% e em volume de 6,16%. Cenário que prevalece em 2023, embora demonstre queda em relação a 2022, os resultados continuam positivos.

**Figura 19** – Comparativo de vendas de livros 2022 e 2023

Nielsen BookScan

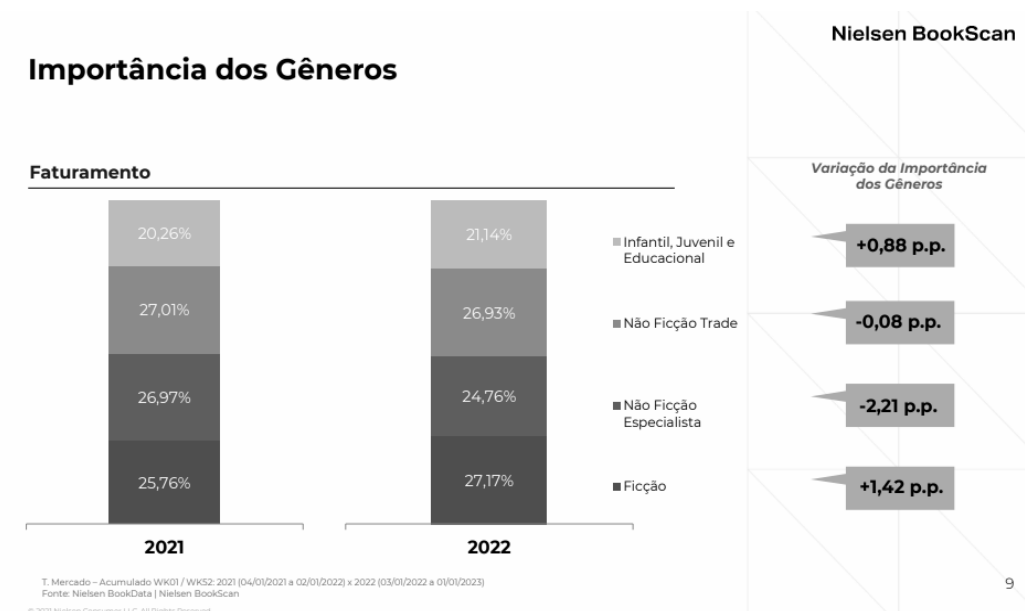
**Comparativo 13º Período – 2023 x 2022**

2022		2023	Variação
5.767.600	<b>VOLUME</b>	4.993.943	<b>-13,41%</b>
R\$270.691.679,71	<b>VALOR</b>	R\$263.398.101,15	<b>-2,69%</b>
152.900	<b>ISBN</b>	155.491	<b>1,69%</b>
R\$46,93	<b>PREÇO MÉDIO</b>	R\$52,74	<b>12,38%</b>
20,79%	<b>DESCONTO MÉDIO</b>	17,58%	<b>-3,21 p.p.</b>

Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros

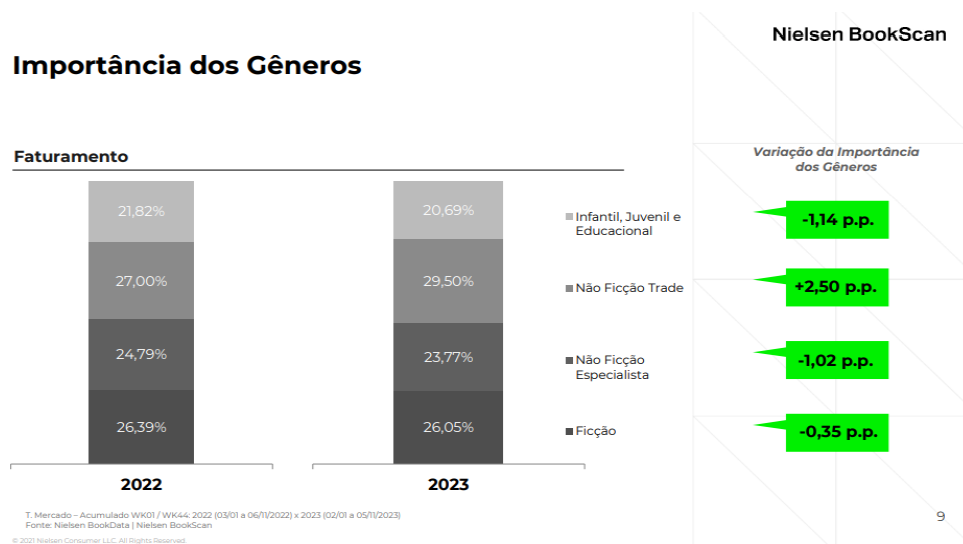
Em relação aos gêneros, vamos comparar os dados referentes aos anos 2021, 2022 e 2023, conforme os gráficos:

**Figura 20** – Comparativo de venda considerando os gêneros dos livros 2021 x 2022



Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros

**Figura 21:** Comparativo de venda considerando os gêneros dos livros 2022 x 2023



Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros

Nos dados referentes aos gêneros, chamamos atenção para o percentual significativo que ocupam os livros infantojuvenis e educacionais. Em 2022, o percentual de 21,14%, o segundo maior gênero em aumento de venda, +0,88 pontos percentuais. No entanto, quando observamos os dados referentes ao ano de 2023, identificamos uma queda de -1,14 pontos percentuais, mesmo assim, a venda de livros destes gêneros continua ocupando mais de 20% do faturamento.

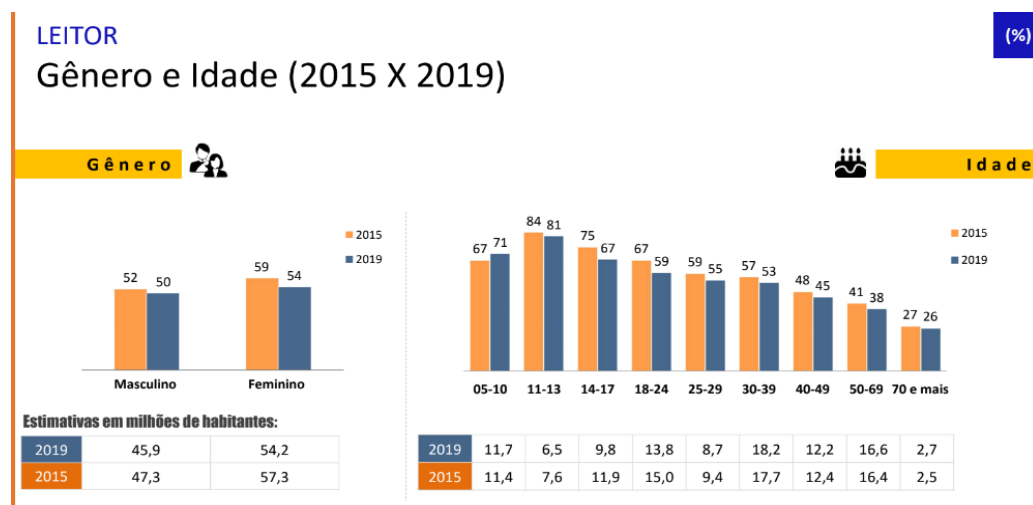
Interessante observar que ao juntar os livros dos gêneros infantil, juvenil e educacional e os considerados de ficção, o percentual fica aproximado aos 50% com algumas variáveis importantes a serem observadas, sobre as quais abordamos em relação aos livros didáticos. Os dados até aqui apresentados nos levam compreender um pouco melhor como funciona a engrenagem que gira em torno do livro como produto mercadológico.

Seguimos nossas tranças, tentando compreender se os livros vendidos realmente chegam ao leitor, por meio da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, do Instituto Pró-livro, no que consiste às edições (5ª edição - 2019), em Bibliotecas Escolares (4ª edição - 2016) e em Eventos literários e do livro (Bienal do Livro SP – 2022 e FLUP e Bienal RJ – 2019). Nossas análises ocorreram a partir dos relatórios oficiais publicados tanto no site do Instituto Pró-livro, quanto no site do Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Estas escolhas se deram por se tratar de material produzido por instituições relevantes no universo da produção editorial e da leitura.

Ao observarmos a série histórica da pesquisa que inicia em 2000, identificamos que em 2015 houve inovação em relação aos temas pesquisados, sendo inserido “Bibliotecas, Uso da internet e leitura digital” e em 2019 a novidade vem por meio da investigação do “perfil do leitor de literatura - livro e outras plataformas”. A pesquisa contou com uma amostra de 8.076 entrevistas, realizada em 208 municípios, com abrangência nacional, teve como público alvo - brasileiros residentes com 5(cinco) anos e mais, alfabetizada ou não, coletada no período entre outubro/2019 a janeiro/2020 e teve como método de coleta - entrevistas domiciliares face a face, com registros das respostas em tablets.

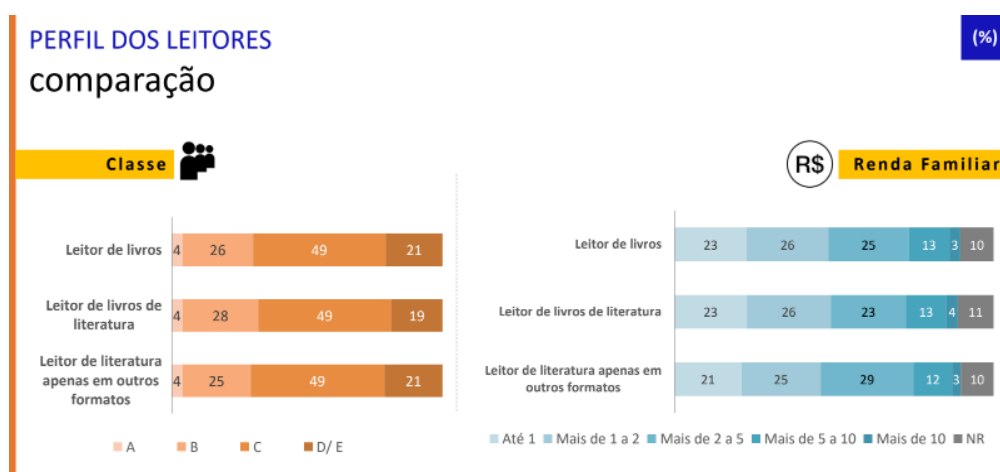
Dentre os diversos aspectos pesquisados, nos atentamos para os dados relacionados ao nosso objeto, foram considerados leitores aqueles que leram inteiro ou em partes 1(hum) livro nos últimos três meses; já os não leitores foram aqueles que declararam não ter lido nenhum livro no mesmo período. Em relação ao gênero, as mulheres são as que mais leem - 54%, já em relação à idade, são às crianças, adolescentes e jovens os que mais leem, conforme indica o quadro abaixo:

Figura 22 – Perfil do leitor por idade



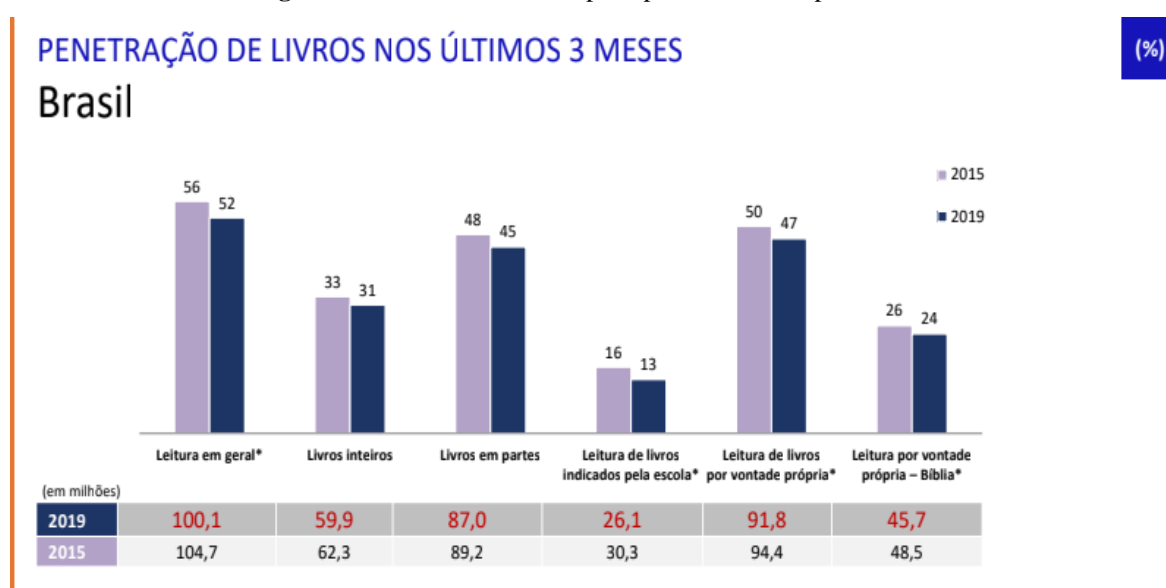
Possivelmente este público aparece como maior número de leitores porque está em idade escolar, o que favorece o entendimento da importância da escola na vida das crianças e dos jovens brasileiros. Esta hipótese se confirma, quando observamos os dados referentes aos estudantes, 81% estavam estudando na ocasião da pesquisa. Já em relação à raça, o contraste das classes sociais mais uma vez grita aos nossos olhos, 55% dos leitores são de cor branca, 52% de cor parda e 48% de cor preta. Este dado dialoga com outro elemento da pesquisa, em relação às classes sociais, conforme gráfico abaixo:

Figura 23 – Perfil dos leitores por classe social



De acordo com estas informações o maior número de leitores está na chamada classe C. Ao olhar para a renda familiar estão na mesma média o quantitativo de leitores de até 1(hum), mais de 1(hum) a 2(dois) e 2(dois) a 5(cinco) salários mínimos, portanto sujeitos que estão inseridos em sua maioria em escolas públicas ou em escolas particulares de menor custo. No entanto, um dado revelado pela pesquisa nos provoca reflexões profundas sobre os bilhões investidos na compra de livros para distribuição nas escolas públicas, trata-se das iniciativas dos leitores, na qual apenas 13% foram às leituras de livros indicados pela escola.

**Figura 24** – Perfil dos leitores por tipo de iniciativa para leitura



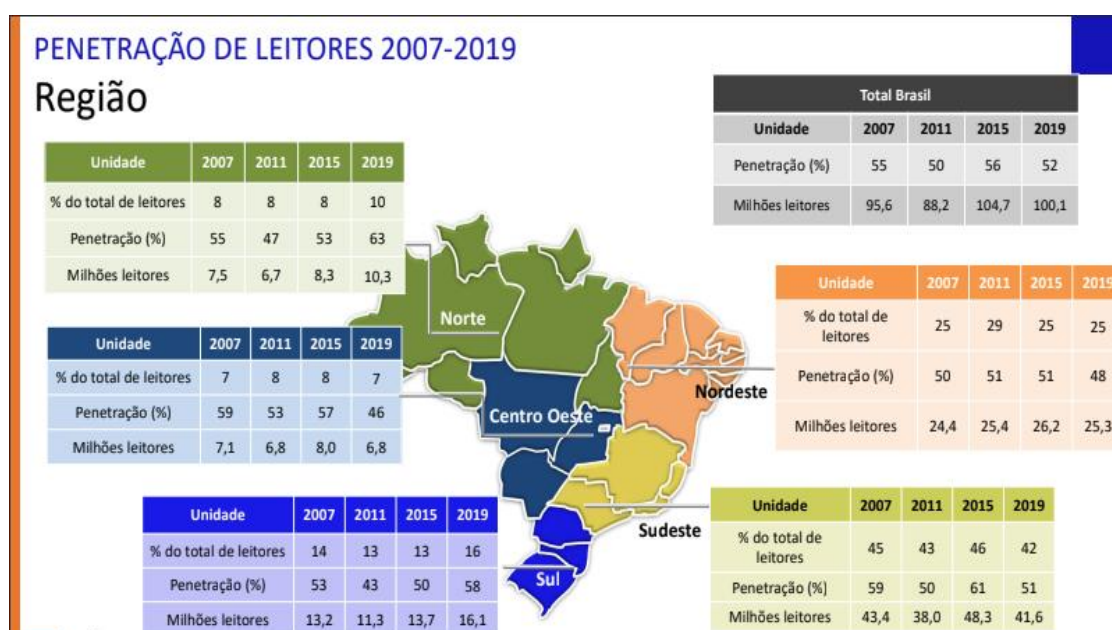
Fonte: Site Instituto Pró-livro

Por outro lado, a pesquisa nos revela um aspecto positivo, 47% da leitura de livros se deu por vontade própria. Essa autonomia é bastante interessante para que um país avance em relação ao maior número de leitores. Ainda tratando destes dados, verifica-se que as leituras da bíblia por vontade própria são quase o dobro maior que as indicadas pela escola, ou seja, a religião influencia muito mais os leitores do que a escola. O lugar em que por ofício se busca conhecimento, claro que há muitas formas de aprender e ensinar, mas a leitura é uma das ferramentas mais potentes para estabelecer o processo de ensino-aprendizagem, é o espaço em que menos se indica leitura.

Daí nos perguntamos, qual o nível de ensino e aprendizagem das escolas públicas, se minimamente indica leitura para seus estudantes? Esta não é uma pergunta de fácil resposta, acreditamos na escola pública e de qualidade, mas não podemos fechar os olhos para dados que retratam uma realidade dura e difícil do pouco incentivo à leitura por parte das mesmas. Um gargalo que prevalece há séculos na história do nosso país.

Ao observarmos os aspectos em relação à “penetração de leitores” por região, identificamos que a região Norte do país é a que teve maior inserção, algo que nos alegra em saber, pois historicamente, é uma região cujos indicadores de educação demonstram baixa escolaridade, baixo aprendizado, alto índice de analfabetos. Por outro lado, esta constatação deve nos acompanhar com desconfianças, que livros estão lendo lidos pelos nortistas? Os livros religiosos também são os mais lidos? O gráfico abaixo demonstra bem essa penetração nas diferentes regiões do país. Vale dizer que estes percentuais são analisados considerando também o número de habitantes da região.

**Figura 25** – Leitores por região do país.



Fonte: Site Instituto Pró-livro

Saindo dos dados mais gerais da pesquisa, vamos para os dados referentes à leitura de literatura, o relatório destaca que “entre os leitores de literatura, 38% leram o último livro de literatura por gosto”. Em relação aos fatores que influenciam nas escolhas dos livros, são influenciados pela capa, das crianças de 5(cinco) a 10(dez) anos - 29%, as crianças que estudam o Fundamental 1 - 21% e os leitores de literatura - 15%.

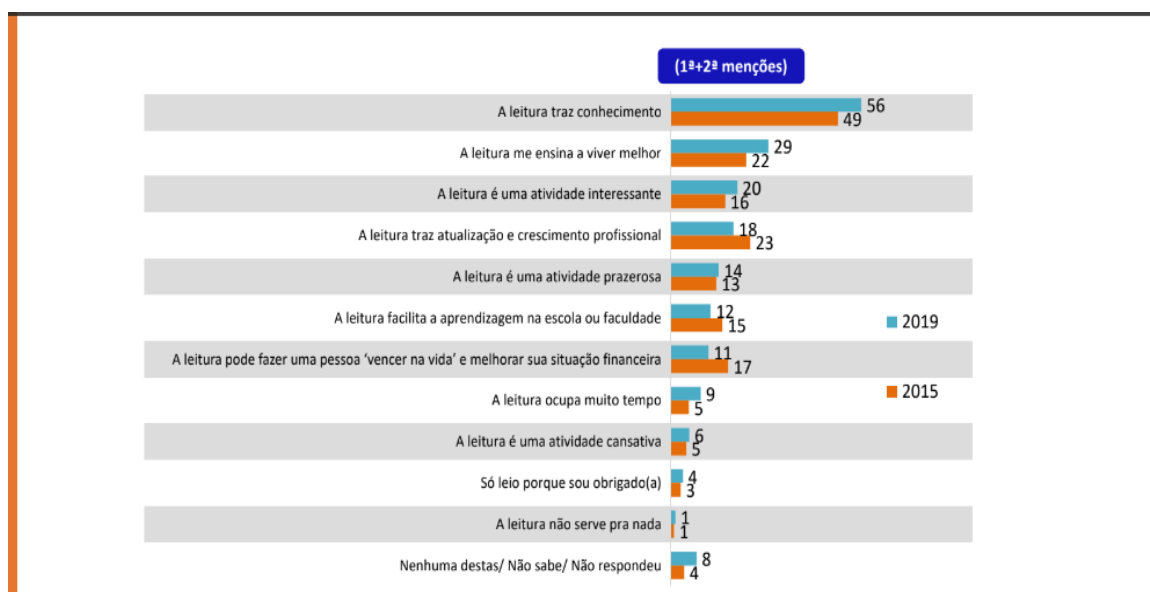
Lembramo-nos do que disse Márcia Leite, nosso primeiro contato com o livro se dá por meio da capa. Por outro lado, a pesquisa também destaca que há tendência de decréscimo na frequência de leitura, especialmente os livros de literatura por vontade própria e os livros didáticos indicados pela escola. O que significa um sinal de alerta para todos que entendem a leitura como um instrumento essencial para a formação de uma sociedade crítica, associada à leitura de literatura que como diz Candido, Todorov e Britto, por meio dela nos humanizamos.

Em relação à frequência de leitura de literatura por vontade própria, os que leem todos os dias, ou ao menos uma vez na semana, em maior percentual são as crianças e os adolescentes, um percentual médio de 25% em cada faixa etária de idade de crianças entre 5(cinco) e 10(dez), 11(onze) a 13(treze) e 14(quatorze) a 17(dezessete) anos. Porém, na outra ponta do fio, é entristecedor perceber que um percentual médio de 30% das crianças e adolescentes na mesma faixa etária de idade não lê. Os mesmos comportamentos e percentuais se repetem quando se trata de leitura de literatura estimulada pela escola.

Quando se faz a verificação em relação aos lugares que os leitores costumam ler, a maioria declara que lê em casa, um segundo grupo declara que lê em sala de aula e um terceiro grupo declara lê em biblioteca, os demais leem em vários outros lugares. Em relação aos que fazem leitura em bibliotecas, o relatório descreve os seguintes dados: 15% na biblioteca da escola ou da faculdade, 7% em bibliotecas públicas e 3% em bibliotecas comunitárias. Interessante que ao comparar os anos 2007, 2011, 2015 e 2019, o percentual de leitores que buscaram as bibliotecas como lugar de ler foi aumentando gradativamente. Pode ser que se o quantitativo de bibliotecas aumentar, cresce o número de leitores que terão acesso aos diversos livros, inclusive aos literários.

A pesquisa verificou também sobre os motivos para não ter lido mais, a maioria respondeu que falta tempo, quase metade dos leitores. Se olharmos para nossa realidade observamos que um país em que os trabalhadores gastam grande parte do seu tempo trabalhando ou locomovendo-se para ir e vir do trabalho, em condições precárias para garantir um ganho que, às vezes, não dá nem para as necessidades básicas, dificilmente a leitura será algo prioritário. Fabíola Farias constantemente nos provoca reflexões sobre um país em que muitos não têm os direitos básicos garantidos, imagina o direito à leitura.

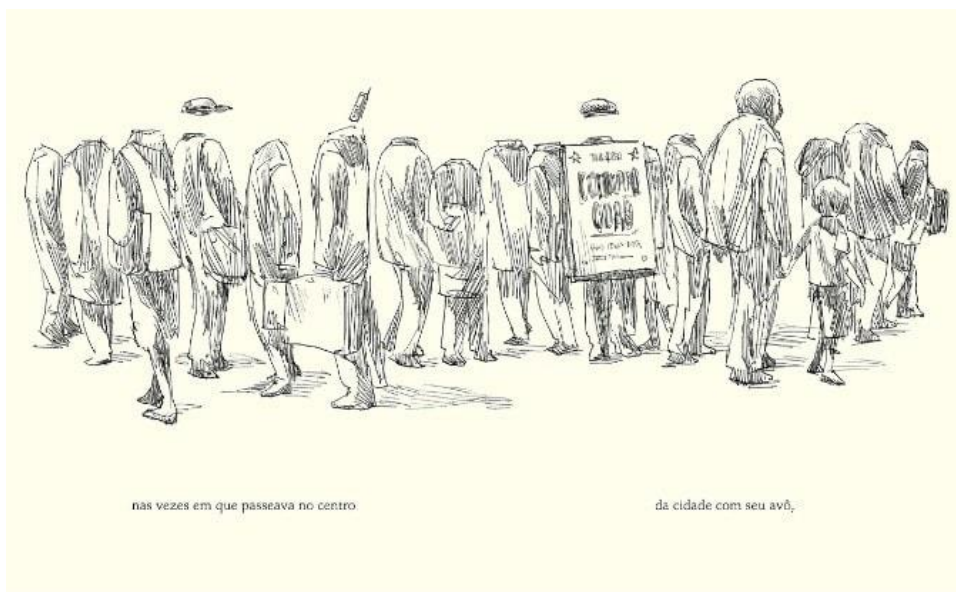
Ao verificar sobre a influência na formação leitora, os dados apontam que os maiores influenciadores são professores e as mulheres - mães ou responsáveis mulheres. Já em relação às representações sobre leitura, o quadro abaixo apresenta dados bem interessantes:

**Figura 26** – Influência da formação leitora

A maior parte dos respondentes vê na leitura possibilidades associadas ao aprender, adquirir conhecimento, aprimoramento profissional, poucos a entendem como entretenimento ou com uma função salvadora. A pesquisa trouxe muitos outros dados para retratar a leitura no Brasil, nós escolhemos estes por entendermos que trazem a dimensão de onde está inserido o nosso objeto de pesquisa. Verificamos que embora a comercialização de livros esteja em crescimento, isso por si só não garante que estes sejam efetivamente lidos.

Compreendemos também que somente a compra e distribuição de livros não garante o acesso a eles, nem tampouco o direito à leitura. Algo mais precisa ser feito, pois “a leitura é um direito de todas as pessoas, que deve ser garantido de forma descentralizada e gratuita” (Daher & Farias, 2023, p. 77). O Brasil, como um todo, precisa de ações estruturantes que garantam a compra, a distribuição, a construção e manutenção de bibliotecas públicas, escolares ou não, além de reconstituição de um sistema escolar público em que a leitura seja um princípio, um eixo prioritário dentro do fazer educacional das crianças, dos jovens e adultos estudantes de nosso país.

Os valores investidos na compra de livros não seriam considerados altos, se isso reverberasse na efetivação de leitura pelos estudantes das escolas públicas, mas infelizmente os dados são precisos em relação ao baixo estímulo à leitura por parte das escolas. Muito pelo contrário, os investimentos precisam ser maiores, no entanto precisamos da qualificação desta política pública por parte das diferentes esferas governamentais, promovendo a formação dos profissionais, incentivando a pesquisa, constituindo as bibliotecas escolares, dentre outros.



*Ilustração de Odilon Moraes*

“uma criança, um  
livro e um adulto”  
Yolanda Reyes

## 5 DO TEAR AO TECIDO

O entrelaçar até aqui tecido passou por muitas nuances e reflexões. A partir daqui nossa dedicação será em refletir, discutir, apresentar o resultado de um tecer cheio de idas e vindas. Retomamos o modo de definição do *corpus* da pesquisa, de modo processual, no modo aprender, desaprender, reaprender, construir e desconstruir pontos fundamentais para seguirmos em busca de responder nossa problemática - Quais as tendências da produção editorial do livro para crianças no Brasil? Muitas outras questões surgiram para refletirmos e tentarmos uma resposta, não inacabada, mas consistente o suficiente para que novas questões sejam problematizadas, por nós e por outros, que por ventura, queiram costurar, tecer, trançar por esse universo tão rico que são os livros para criança.

Dentre as questões surgidas, destacamos - qual será nosso corpus de pesquisa? Processualmente, vivenciamos o seguinte movimento: Primeiro, tínhamos claro que iríamos focar na literatura infantil; compreendemos que teríamos uma pesquisa em dois campos de estudo: a literatura infantil e a produção editorial. Definimos também que seriam os livros da seleção anual da FNLIJ, por razões que já detalhamos, um pouco mais pra frente, definimos serem os livros da referida seleção, mas com o selo “Altamente Recomendável” e somente no período da coleta de dados dos livros, também em diálogo com os pares, vimos que tínhamos condições de responder nossa inquietação, utilizando as categorias: Crianças e Tradução/Adaptação Criança. Deste modo, o *corpus* de pesquisa são os livros para criança, que contém o selo “Altamente Recomendável” do Prêmio Anual da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), das categorias - Criança e Tradução/Adaptação Criança, dos anos 2020, 2021 e 2022.

Seguimos o constante perguntar na pesquisa: Que conceitos irão embasar nossas discussões? Dada às experiências dos pares que foram importantíssimos nesse processo, num trançar lento e cuidadoso, ponto-a-ponto, compreendemos que o percurso perpassaria por Livro, Livro para criança, Literatura, Literatura Infantil, Leitura, Ilustração, Estética, Criança e Infância e Produção Editorial. Nesse universo, apontaremos as tendências dessa produção, analisando os dados coletados nos livros das categorias definidas.

As listas dos livros com o selo “Altamente Recomendável”, nas duas categorias do recorte, nos anos de 2020, 2021 e 2022 são compostas por um total de 118 livros (64 - categoria criança e 54 - categoria tradução/adaptação criança). Publicados por 39 editoras, no

ano anterior à seleção. Escritos e ilustrados por artistas experientes, premiados e outros iniciantes. Deste universo, definimos nosso *corpus* de análise, conforme quadro abaixo:

**Quadro 5 - Livros lidos e analisados**

ANO	CATEGORIA	QUANTIDADE	TÍTULOS
2020	Criança	10	O colecionador de chuvas Greg: o menino que morava em um trem Labirinto de histórias O livro maluco das poções mágicas O livro das palavras Lua noite e dia A outra história de Peter Pan Palavras sapecas Pinóquio: o livro das pequenas verdades Tantãs.
	Tradução/Adaptação Criança	01	Na terra dos livros
2021	Criança	14	Bia e o elefante A caçada Céumar Marcéu O coração de plástico Eu nem ligo Mágica! Nina e Ludovico O menino que virou chuva Maremoto Nanão O pai da mamãe Passarinhos Sagatrisuinorama Um belo lugar Menino baleia.
	Tradução/Adaptação Criança	04	Clara e o homem da janela Crianças Meu bairro Mexique: o nome do navio
2022	Criança	09	Abrapracabra no mundo Achou? Amor, o coelho As aventuras de um cão chamado Petit Gaspar e o rio Os invisíveis Irmãs da chuva O sopro do leão A travessia de Anatole.
	Tradução/Adaptação	09	As aventuras da família Raton Um dia de neve Eu falo como um rio Os livros de Maliq Madeline Finn e o cão de terapia

	Criança		O que o crocodilo diz? Rio, o cão preto Segredo Urso e caixa.
--	---------	--	--

Dialogando com as discussões que tratamos sobre literatura, Umberto Eco (2011) ao abordar sobre “Algumas funções da literatura” afirma que a “literatura mantém em exercício, antes de tudo, a língua como patrimônio coletivo. [...] contribuindo para formar a língua, cria identidade e comunidade” (Eco, 2011, p. 10). Nesse sentido, os livros das categorias que analisamos, são todos escritos em Língua Portuguesa ou tem versão traduzida para ela.

**Quadro 6 - Idioma original dos livros da Categoria Tradução/Adaptação Criança**

<b>Título</b>	<b>Tradutor(a)</b>	<b>Idioma original</b>
Na terra dos livros	Claudia Cavalcanti	Alemão
Clara e o homem da janela	Lenice Bueno	Espanhol/Argentina
Crianças	Carla Branco	Espanhol/Chile
Meu bairro	Carla Branco	Espanhol/México
Mexique: o nome do navio	Carla Branco	Espanhol/México
As aventuras da família Raton	Catarina Bessel	Francês
Um dia de neve	Julia Bussius	Inglês/EUA
Eu falo como um rio	Julia Bussius	Inglês/EUA
Os livros de Maliq	Isabella Marcatti	Italiano
Madeline Finn e o cão de terapia	Lenice Bueno	Inglês/EUA
O que o crocodilo diz?	Daniela Padilha	Inglês/Reino Unido
Rio, o cão preto	ARA Cultural	Coreano
Segredo	Cláudia Ribeiro Mesquita	Espanhol/México
Urso e caixa	Áine Menassi	Inglês/Reino Unido

Em relação aos livros analisados da Categoria Tradução/Adaptação Criança, no recorte aqui realizado, observamos que a maior produção que chega ao Brasil vem da própria América latina. Seguidas de obras traduzidas do Inglês, publicadas nos Estados Unidos, algumas da Europa.

Chegamos à parte do tecido, que enquanto artesãos, devemos escolher o trançado mais bonito, mais alegre e mais chamativo de nossa arte de tecer. Longe, bem longe de nós, a

pretensão de sermos críticos literários de livros para criança, o que nos propomos neste momento do tecido é encadear os resultados de uma “leitura especialmente alerta, atenta ao tom, ao estado de espírito, ao andamento, ao gênero, à sintaxe, à gramática, à textura, ao ritmo, à estrutura narrativa, à pontuação, à ambiguidade” (Eagleton, 2021, p. 12). Por meio destes elementos estruturais coletados nos livros, trançamos pontos em relação à estética presente nestes, considerando os aspectos artísticos, culturais, históricos e políticos intrínsecos na produção editorial de livros para crianças no Brasil.

O nosso olhar sobre esta produção foi construído a partir de diversas estratégias e experiências, foi um processo de costura, no qual alinhavamos e desalinhavamos muitas vezes. Ao identificar o quantitativo de livros, cujos dados seriam coletados, nos questionamos: Que dados iremos coletar? Onde e como iremos registrar? Não esperamos por muito tempo e seguimos os pontos em busca de respostas. Conforme já apontamos em nossas tranças procedimentais, foi na leitura de três artigos que tratam e fazem análise de livros de literatura para a infância que encontramos os elementos a serem tecidos no instrumento de coletas de dados. Com ele, definimos as informações a serem coletadas e nele registramos os dados.

No entanto, ao iniciar a coleta dos mesmos, nos encontramos com alguns “pontos”, oriundos da vida de pouca leitura, que ao longo do processo tornaram-se “nós”. Estes provocaram muitas angústias para desatá-los e depois de alguma procrastinação compreendemos que a nossa “Casa de Palavras”, o nosso repertório de experiência leitora era praticamente inexistente, diante da dimensão da nossa problemática, ou seja, vivenciamos o que Reyes (2021, p. 26) defende “[...] para nos entendermos, pensar na essência da linguagem literária supõe voltar ao centro de cada um de nós”.

Foi nesse contexto que descosturamos a coleta de dados e nos dedicamos à leitura dos livros de modo mais intenso, um exercício aos olhos, à mente e à memória. Processo que nos trazia novas angústias, mas permitimo-nos ganhar um pouco mais de familiaridade com nosso objeto, compreendendo que “cada ser humano vai construindo sua própria casa de palavras, vai se apropriando do código por meio de suas experiências vitais e que costuma atribuir seus significados em um tecido complexo de relações e de histórias” (Reyes, 2021, p. 27). Esse momento foi experimentado no contraditório exercício da autonomia e liberdade para a leitura e a obrigatoriedade e rigor exigido pela pesquisa.

Paralelo à leitura dos livros, permanecemos com as leituras para suporte e embasamento teórico. Vale o destaque de algumas expressões que nos causavam sentimentos

contraditórios, de tristeza e alegria, de dúvidas e esclarecimentos, de passado e futuro. Os apresentamos na ordem de leitura e assim o fazemos para dar ciência do quanto à pesquisa pode ser significativa em nossas construções de sentido. A escrita que segue não trata de transformar a pesquisa em retrato da vida pessoal, mas de nos colocarmos por inteira na intensidade que ela exigiu de nós.

Recebemos carinhosamente, encaminhado pela querida Fabíola Farias, “O livro das perguntas”, de sua autoria e de Juliana Daher, na escrita de sua apresentação, intitulada “Onde meus pés pisam”, Daher (2023, p. 13) se vale de grande simplicidade para dizer ao leitor o que é o livro para si,

[...], os livros para as infâncias seguiram como companheiros. Neles encontrei espaço para sempre voltar às lembranças que me faziam reconhecer que num vasto mundo, repleto de gente, aquelas narrativas me uniam ao coração mais precioso pra mim: o do meu irmão Rodrigo, que assim como eu, também amava a chamada literatura infantil.

Ao ler esta afirmativa senti a tristeza e a alegria trazida pela memória, por duas razões: a falta de acesso à diversidade de livros da chamada literatura infantil e de gostar de ler. Só lembrei-me de um paradidático chamado “Renato e Celina”, não lembro a autoria, mas lembro de que tratavam de pequenas histórias daqueles dois personagens, lembro do formato do livro que tinha capa azul e as imagens das personagens nas páginas de fundo branco e texto em letras pretas. Lembrei também, que li muitas vezes aquelas mesmas histórias. A memória me trouxe que quem vivenciava comigo esta experiência leitora não era ninguém de minha família, era uma moça chamada Marluce, que morava conosco, nos ajudava cuidando da casa, de nós e estudava. Lembro que ela sempre me tratou com muito carinho e demonstrava orgulho e alegria porque eu muito pequena sabia ler.

Ainda no “Livro das Perguntas”, Fabíola Farias (2023, p. 15) nos apresenta por meio do texto intitulado “Eu ‘mexo’ com livros”, o que vou chamar de “virada de chave” em relação ao seu entendimento sobre os livros para criança.

Foi na disciplina *Criança e suas leituras*, com vinte e poucos anos, que compreendi que os livros escritos e publicados para crianças poderiam ser mais que distração pedagógica, com transmissão de valores morais, e instrumento para o ensino da leitura e da escrita.

Enquanto Daher provocou minha memória para levar-me à infância, Fabíola fez minhas lembranças voltarem-se para os meus vinte e poucos anos, quando cursei a graduação

em Letras pela Universidade Federal do Pará, Campus de Santarém, onde hoje, é o Campus Rondon da Universidade Federal do Oeste do Pará. Senti profunda tristeza pela ausência, acho que fica melhor, pela inexistência de nada, nem disciplina, nem textos teóricos, muito menos livros de literatura para a infância, absolutamente nada no currículo do curso, que a princípio tinha o objetivo de me formar como Professora de Língua Portuguesa.

Hoje, pergunto-me como proporcionaria ao meu aluno de 6º e 7º ano, crianças, no geral, de 11 e 12 anos, experiências leitoras significativas de livros de literatura para a infância? Ficou o vazio e a angústia. Mas, surgiu esperança, com o conhecimento adquirido por meio da pesquisa compreendo que vale a luta por estimular a leitura dessa literatura, bem como o estudo sobre ela e as obras que a compõem.

Ao mesmo tempo em que os fios saíam do tear e a tecitura ampliava-se, nos encontramos com Lygia Bojunga em suas obras: “Livro – um encontro” e “Feito à mão”, que por meio de uma linguagem poética nos trouxe profundas reflexões sobre a convivência com os livros, de modo especial com a mensagem da autora, intitulada “Livro: a troca”, em 1982 para o Dia Internacional para o Livro Infantil, a pedido do IBBY, que por ser totalmente significativa, escolhemos trazer na íntegra:

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa, eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas.

Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação comia, comia e comia; e, de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca gostosa que – no meu jeito de ver às coisas – é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais me dava.

Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeí um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros e levantar a casa onde ela vai morar. (Bojunga, 2007, p. 8 – 9)

A intensidade das metáforas utilizadas pela escritora novamente contribuíram para que em minha memória viessem lembranças potentes da infância, como por exemplo, os incontáveis dias em que chegava da escola, por volta de onze horas da manhã e eu corria para o final da varanda de minha casa, onde ninguém me perturbasse, carregando comigo o livro de Português com as histórias que nele continham e concentrava naquilo que me dava muito prazer em fazer.

Minha dedicação era tanta, que eu não sentia vontade de comer, minha mãe pedia aos demais da casa que inventassem algo para eu fazer na cozinha para que não se esquecessem de mim na hora do almoço. É engraçado, mas quando minha avó viajava, isso ocorria com certa frequência, pois numa família que tinha cinco crianças, todas eufóricas pela comida, a pessoa que servia o almoço até lembrava de mim, mas provavelmente dizia, depois coloco sua comida, era menos uma para tamanha euforia. Trago estes detalhes porque neles está a intensidade com a qual experimentei meus primeiros momentos com a leitura.

“O Livro – a troca” nos remeteu à infância e nos provocou reflexões, enquanto Bojunga traz seus avanços na relação com os livros, modificando-se conforme ganhava intimidade com eles. Aspecto que dialoga com o que Machado (2012, p. 17) afirma sobre a relação das crianças com os livros, que no início aprendem textura, cores, tamanhos, etc.; mas, com o passar do tempo, o livro vai ganhando novos significados.

Eu me vi em meio às lembranças e a falta de acesso, uma vez que naquela ocasião o meu contato com as histórias se dava única e exclusivamente por meio do livro didático, isso não tinha importância pra mim, meu desejo era ler, mas hoje, pergunto-me porque Fabíola Farias, Juliana Daher, Lygia Bojunga e tantos outros tiveram acesso aos livros de literatura infantil e puderam experienciá-los desde criança, enquanto eu vivia a escassez deles por praticamente toda a minha infância? Ela se repete na vida de tantas outras crianças, muitas vezes os adultos davam grande valor ao livro, mas as condições para garantir esse bem às crianças eram mais escassas. Santos (2016) em sua autobiografia ao registrar seu início com o universo da leitura, deixa claro o estímulo por parte dos avós, o avô lia e a avó atribuiu o valor, pois acreditava que os livros poderiam mudar a vida do neto.

Voltando ao questionamento do parágrafo anterior, é uma questão que traz em si muitas possibilidades de respostas, algumas constatações e outras inúmeras perguntas. Os contraditórios sentimentos surgem novamente; no passado, estavam as alegrias da leitura livre dos textos do livro didático e paradidático; no presente, o incômodo de constatar que inúmeras crianças continuam sem acesso aos livros de literatura infantil. Sobretudo estes, de excelente

qualidade que podem marcar para sempre a vida de uma criança. Também está, no presente, a alegria de conhecer as pessoas que citei por meio dos livros ou por meio digitais e, no caso, de Fabíola Farias, contar com sua generosidade em contribuir com minhas reflexões. Já no futuro, as expectativas de continuar nossas reflexões em torno deste objeto, cujo encanto renasceu de forma muito mais amadurecida; o comprometimento de lutar junto com os que há tempos estão nessa batalha para consolidar o que Santos (2016) vem discutindo sobre “levar a ler em lugares distantes”.

Talvez, se todas as crianças tivessem seu direito de acesso aos bens culturais respeitados, os livros e outros, ainda que somente por meio da escola. Se as experiências de leitura literária - “o encontro com livros reveladores que não se leem somente com os olhos ou com a razão, mas também com o coração e com o desejo, sejam hoje mais necessários do que nunca como alternativas para a construção dessas casas interiores”. (Reyes, 2021, p. 30) E, mesmo concordando com a autora de que a literatura por si só não muda o mundo, ela nos proporciona diversas possibilidades, permite que nos compreendamos a partir da experiência de outros. É nessa perspectiva de que a arte nos humaniza, que

Necessitamos da literatura porque a experiência dos demais nos ajuda a entender como outros procederam para que nós possamos experimentar também. Esse grande livro escrito a muitas mãos que é a literatura – experiência humana tecida de linguagem -, pode favorecer a educação sentimental e ajudar a empreender essa antiga tarefa do “conhecer-te a ti mesmo” e do “conhecer aos demais”. (Reyes, 2021, p. 31)

É com esse olhar que vamos trazer nossos achados e vamos trançando esse tecido, numa cadeia que tem várias pontas, já não tão soltas, numa combinação de cores, letras, palavras e materiais que se bem acabados podem trazer novas perspectivas de estudo em relação aos livros para criança. De algum modo, nossas reflexões seguintes possam provocar em nós comportamentos como o de Bojunga (2008, p. 9)

É que sempre usei livro pra tudo: pra saber ler, pra altear pé de mesa, pra aprender a usar a imaginação, pra enfeitar sala quarto a casa toda, pra ter companhia dia e noite, pra aprender a escrever, pra sentar em cima, pra rir, pra gostar de pensar, pra ter apoio num papo, pra matar pernilongo, pra travesseiro, pra chorar de emoção, pra firmar prateleira, pra jogar na cabeça do outro na hora da raiva, pra me-abraçar-com, pra banquinho pro pé, eu sempre usei livro pra tanta coisa, que a coisa que mais me espanta é ver gente vivendo sem livro.

Vamos ao nosso trançar mais bonito, ao encontro de tantas narrativas, escritas e desenhadas de diversas maneiras, não temos um padrão técnico, mas vamos construindo com cuidado a essencialidade de nossa pesquisa sobre os livros, por meio deles próprios. Inspirados em Bojunga (2008, p. 47) faremos o movimento de ligar a memória, pegar “agulha, linha e lã”, caprichar no tapete, no bordar “o pano de mesa todo em cruz”, preparar a tela, tricotar, crocheter e alinhar o pano para entregarmos um tecido criativo, inacabado, mas consistente.

### 5.1 Os entrelaçados paratextuais

Já afirmamos que as tecituras desta produção perpassam por várias nuances, dada à riqueza de dados que o livro objeto livro oferece. Uma das discussões que levantamos em nossa revisão bibliográfica é referente ao uso da palavra “Literatura” na categorização dos mesmos, em suas fichas técnicas. Para Cellard (2008, 296), ao tratar da utilização de documentos, o pesquisador “deve localizar os textos pertinentes e avaliar a sua credibilidade, assim como a sua representatividade”. Por isso, ao levantar dados dos livros com o selo “Altamente Recomendável da FNLIJ”, compreendemos que eles se materializam por meio das narrativas escritas e visuais, da leitura, do projeto gráfico e dos elementos paratextuais.

Estão no escopo dos paratextuais dos livros destinados ao público infantil, todos os elementos que antecedem e sucedem os textos, com a finalidade de identificação e utilização. Ou seja, consiste na materialidade documental do livro: capa, orelhas, lombadas, ISBN, miolo, página de rosto, ficha técnica, equipe técnica, ficha catalográfica, responsabilidade autoral, direitos de produção, sinopse, apresentação e/ou prefácio, posfácio, dedicatória, epígrafe, informações autorais e do(a) ilustrador(a).

Baseados em Genette (2009), Ramos, Furtado e Valentin (2021) apontam a amplitude dos paratextos, seus discursos não se limitam a serem informações, eles são parte da leitura, eles influenciam no modo como a obra é recebida pelo leitor, na maneira de apresentação do contexto de produção do livro. Na obra, “Rio, o cão preto”, de *Suzy Lee*, da Categoria Tradução/Adaptação para criança, publicado em 2021, a autora apresenta no posfácio a situação em que produziu o livro.

Alguns momentos devem ser registrados imediatamente. A história de Rio foi um deles. Ao olhar para a pilha de desenhos de nosso querido cachorro, meu filho e minha filha (Montanha e Mar) choraram. Quando o livro ficou pronto, eles disseram: “Vamos ficar bem a partir de agora”. Sei que eles não

vão ficar, mas também sei que as memórias ao lado de Rio ficaram guardadas com eles.

A autora deixa claro sua motivação para a escrita deste livro, a escolha dos personagens, a intencionalidade. Aspectos que podem contribuir para um melhor entendimento sobre a narrativa. É também no posfácio que Lulu Lima, escritora de “Menino Baleia”, livro da Categoria Criança, da seleção 2022, apresenta a razão de sua escolha temática sobre o Autismo.

Quando nadava por 2020, me surpreendi ao encontrar, nas correntes da vida, a delicadeza do autismo. Descobri esse mundo, a partir de um olhar de amor, evocou o desejo de despertar em cada pessoa este encanto pelo que é diferente, incapturável. Autismo não é fraqueza, mas riqueza na vida - ela que não gosta de fórmulas repetidas, que nos convida sempre a algum mistério. Quanta abertura nós temos para escolher e apreciar o novo? Lembremo-nos do oceano: de tão maior, só nos resta mergulhar.

Nas dedicatórias, associadas às narrativas, encontramos o entrelaçamento da tendência da produção editorial, no que diz respeito à materialidade discursiva presente nos livros destinados às crianças. Consideramos relevante trazer a lista de dedicatórias encontradas nos livros analisados, para que assim possamos proporcionar maior visualidade à nossa afirmativa:

**Quadro 7** - Lista de dedicatórias nos livros da Categoria Criança

<b>TITULO</b>	<b>DEDICATÓRIAS</b>
<b>Menino Baleia</b>	Para Rafael Abud e o seu amor tamanho baleia. Para Dra. Andrea Bahia, que nadou comigo neste projeto. Para todos os pais e amigos que sabem ser oceano. (Lulu Lima) Para Simone, generosa admiradora das baleias. Para Ionit, companheira das travessias. (Natália Gregorini)
<b>Abrapracabra no mundo</b>	Para os amados tia Lulu e tio Walter, que adoravam viajar pelo mundo.
<b>Lua noite e dia</b>	Para Eduardo Santos, amigo de muitas crescentes e minguantes. (Fábio Monteiro) Para Rogério Rorato, Lua em pleno dia. (Luciano Pontes)
<b>O sopro do leão</b>	Ao meu pai, Aloar, por tanta coisa boa que tem soprado em meus ouvidos. (M. B) À Sophia e à Luna, que tem coração de leão. (S. M)
<b>O Livro Maluco das Poções</b>	De Leo para Marta Lagarta e Henrique Rodrigues, gurus de magia e

<b>Mágicas.</b>	trocadilhos.  De Mariana para Angela Bellonia.
<b>A Caçada</b>	Este livro é dedicado ao Vicente, em especial a cena da zebra, seu animal predileto.
<b>Maremoto</b>	Para o Pedro, antes. Para a Helena, depois. Agora, Flávia Reis. Para Marina, minha tia. Elisa Carareto.
<b>Sagatrisuinorana</b>	Para Pri. (João)  Para todos que são de Bento. Para todos que são de Bruna. (Nelson)
<b>Pinóquio: o livro das pequenas verdades.</b>	Ao meu pai, em memória, pelas conversas que finalmente hoje temos o que guardo aqui comigo. Porque compreendo neste instante, neste agora em que me vejo refletido. (Alexandre Rampazo)
<b>Tantãs</b>	Este livro é dedicado aos Bules que não servem chá (nem café). (Eva Furnari)
<b>GREG: O menino que morava em um trem.</b>	Para Phil
<b>As Aventuras de um cão chamado Petit.</b>	Para Renata. Para Lydia Vainer, in memoriam. Agradeço a Luiza Del Monaco pelo estímulo e amizade, a Raissa Pala Veras pela sensível troca de ideias e especialmente a Jenemy Murphy por suas sugestões.
<b>O pai da mamãe</b>	Para meu pai, avô das minhas filhas, Helena e Luíza (CG)
<b>O menino que virou chuva</b>	Para Martin e nossos dias de chuva. (Y.F)
<b>Amor, o coelho</b>	Este livro é dedicado aos amores todos.
<b>O coração de plástico</b>	Para Lorena, Gabriel e Mateus. (Lido Loschi)  Para Thales e Olívia que fizeram o infinito caber dentro do meu coração. (Anita Prades)
<b>Um belo lugar</b>	Para Helio, que antes de seguir para um belo lugar, tornou aquele outrora agora, um bom lugar para se estar.
<b>Passarinhos</b>	Eles vieram a este mundo para me ensinar a voar. A eles dedico este livro, meus filhos passarinhos, Bernardo e Benjamin. (C.C)
<b>Céumar Marcéu</b>	Para Lucca.
<b>O que o crocodilo diz?</b>	Para Debbie, que amou esta história, e Ruggero, que a inspirou.
<b>Irmãs da chuva</b>	Para minha ancestrais, em especial minha avó materna, Gabriela Terra, que me ensinou saberes de chãos e águas. (G.R.)  Para Laurita, minha querida amiga, irmã da Chuva, irmã do sol. (A.L.)

**Quadro 8** - Lista de dedicatórias dos livros Categoria Tradução/Adaptação Criança

<b>TÍTULO</b>	<b>DEDICATÓRIAS</b>
<b>Segredo</b>	Para Dominga e Martin. (Francisco Xavier Olea)
<b>Os livros de Maliq</b>	Ao meu pai e à mãe dele, às casas sonhadas.
<b>Eu falo como um rio</b>	Este livro é para meu pai, Roy Scott (J. S) Para o meu filho, Salvador. (S. S)
<b>Madeline Finn e o cão de terapia</b>	Para os cães de terapia da minha Biblioteca de Quakertown. Vocês e seus tutores continuam a me inspirar. E, para Sandy, o <i>golden retriever</i> que trouxe tanto amor ao mundo. (L. P)
<b>Clara e o homem na janela</b>	Esta é a história da minha mãe e de seu amigo Juan, e de como ela descobriu os livros, e ele, a luz do dia. (Maria Teresa)
<b>Mexique: o nome do navio</b>	Às crianças de Morelia. E a todos que emigram em busca de uma vida sem medo.
<b>Um dia de Neve</b>	Para Tick, John e Rosalie.
<b>As linhas no rosto de Nana</b>	Para a minha maravilhosa avó Croce.
<b>Meu bairro</b>	Dedicado a todas as mulheres que desfrutam de sua idade e que, sem se importar com o que aconteça, continuam mantendo suas atitudes.
<b>Crianças</b>	A Pedro Novakovich. A Pablo Athanasiu. E à memória das crianças executadas e detidas desaparecidas durante a ditadura chilena.


Antes de pontuarmos os alinhavados presentes neste item, vale o registro de que um quantitativo pequeno de livros para criança não tem esse elemento paratextual. No geral, as dedicatórias vêm cheias de significados, simbolismos, representatividade, memória e afeto. Por meio delas, muitos autores apresentam a temática do livro, como por exemplo, “Menino Baleia”, “Abrapracabra pro mundo”, “Lua noite e dia”, “Um belo lugar”, “Meu bairro”, “Mexique, o nome do navio” e “Crianças.

As dedicatórias trazem muito afeto, os autores ao dedicarem aos filhos, aos pais, aos avós, aos amigos, às crianças, às mulheres comunicam algo que Daher (2023, p. 13) chama de “Território dos afetos”. Em sua maioria, elas estão dedicadas aos familiares ou amigos. Por meio delas, a criança leitora pode observar os gestos de carinho entre autor e/ou ilustrador(a) e aqueles para quem dedica o livro, como em “Pinóquio: o livro de pequenas verdades”, de Alexandre Rampazo: “Ao meu pai, em memória, pelas conversas que finalmente hoje temos o que guardo aqui comigo. Porque compreendo neste instante, neste agora em que me vejo refletido”.

Outra característica evidenciada na dedicatória é a presença de muitas metáforas, como em “amor tamanho baleia”, “nadou comigo nesse projeto”, “sabem ser oceano”, “companheira das travessias”. Outras, os dedicadores aproveitam e apresentam a temática do livro, como em “Para os amados tia Lulu e tio Walter, que adoravam viajar pelo mundo”, em “Abrapracabra pro mundo”, de Fernando Vilela.

As fichas técnicas constituem um conjunto de informações que retratam de modo resumido e sistematizado o processo de produção editorial em si, título, direitos editoriais e autorais, os profissionais envolvidos, os dados bibliográficos, o ISBN, os códigos universais, os registros gráficos, a autoria, os dados referentes à publicação, os dados da editora, conforme observamos na imagem abaixo:

**Figura 27** - Ficha Técnica do Livro “Meu Bairro”

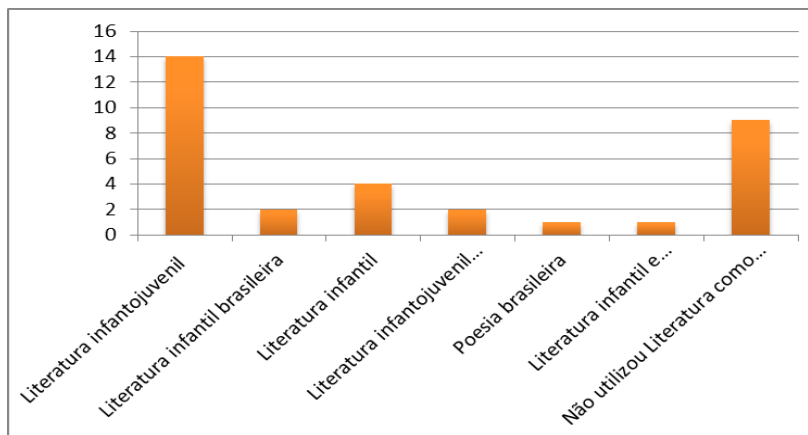
<p><b>COPYRIGHT © ALBOROTO EDICIONES, MEXICO, 2018</b>          Título original: Mi barrio          Todos os direitos reservados</p> <p><b>EDITORAS</b>          Cristina Fernandes Warth          Mariana Warth</p> <p><b>COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO</b>          Daniel Viana</p> <p><b>TRADUÇÃO</b>          Carla Branco</p> <p><b>REVISÃO</b>          Léia Coelho</p> <p>Este livro segue as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.</p> <p>Todos os direitos reservados à Fernandes &amp; Warth Editora e Distribuidora Ltda. É vetada a reprodução por qualquer meio mecânico, eletrônico, xerográfico etc., sem a permissão por escrito da editora, de parte ou totalidade do material escrito.</p> <p>Este livro foi impresso na Gráfica Eskenazi, em São Paulo, em setembro de 2020.          O papel de miolo é o offset 150g/m<sup>2</sup>, e o de capa é o cartão 250g/m<sup>2</sup>          A fonte utilizada é a Caecilia LT Std.</p>	<p><b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>  <b>Angélica Ilacqua CRB-8/7057</b></p> <hr/> <p>F419mc          Ferrada, María José, 1977-          Meu bairro/ María José Ferrada; ilustrações de Ana Penyas. – Rio de Janeiro, RJ: Pallas Míni, 2020.          28 p.: il., color.</p> <p>ISBN 978-65-86983-02-9          Título original: Mi barrio</p> <p>1. Literatura infantojuvenil 2. Comunidade - Literatura infantojuvenil 3. Terceira idade - Literatura infantojuvenil I. Título II. Penyas, Ana, 1987-</p> <p>20-3201</p> <p>CDD 028.5          CDU 087.5</p> <hr/> <p><b>Pallas Míni</b>          Rua Frederico de Albuquerque, 56 - Higienópolis          cep 21050-840 - Rio de Janeiro - RJ          Tel./fax: 21 2270-0186          www.pallaseditora.com.br          pallas@pallaseditora.com.br</p>	
--	---	---

Fonte: FERRADA, Maria José (2020)

Da ficha técnica, destacamos a ficha catalográfica e o Índice para Catálogo Sistemático. A primeira, porque constam as palavras-chave que categorizam e classificam o livro dentro de um campo de estudo, de um gênero, de uma temática. Identificação importante para o público adulto (comprador) e criança (leitor). Para as discussões em torno desta parte do livro, realizamos o levantamento sobre o uso da palavra “Literatura”, verificamos como ela está presente tanto na ficha catalográfica, quanto no índice de catálogo sistemático, conforme os gráficos abaixo:

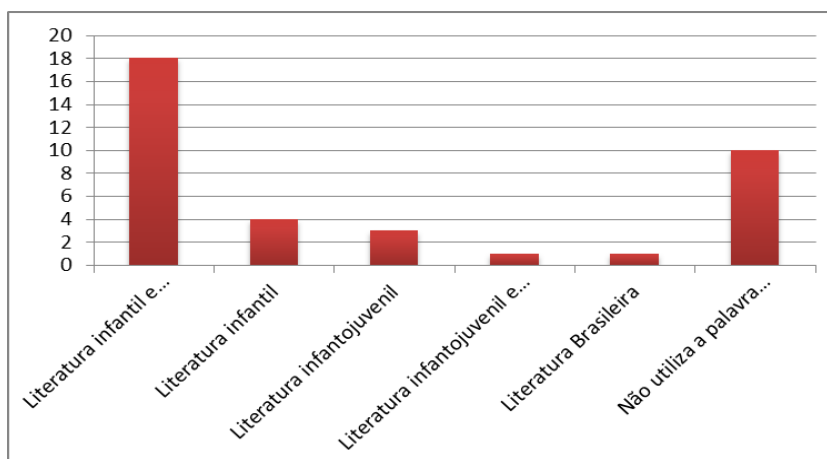
## CATEGORIA CRIANÇA

**Gráfico 2 -** Palavras-chave das fichas catalográficas



Fonte: Gráfico de própria autoria (2024)

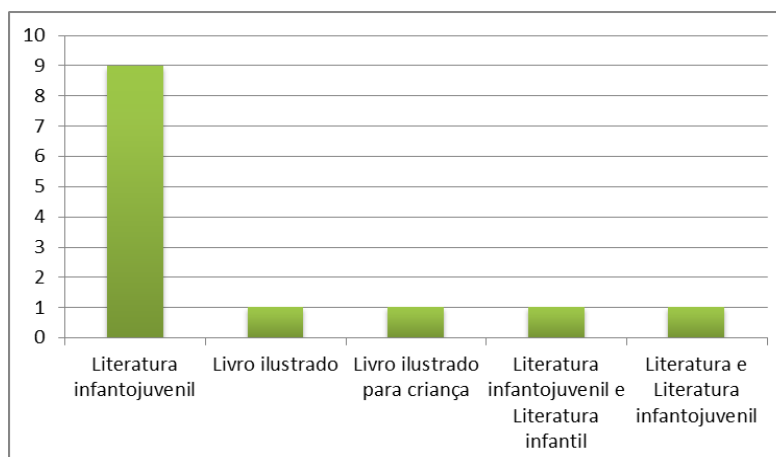
**Gráfico 3 -** Categorização dos livros no Índice para Catálogo Sistemático



Fonte: Gráfico de própria autoria (2024)

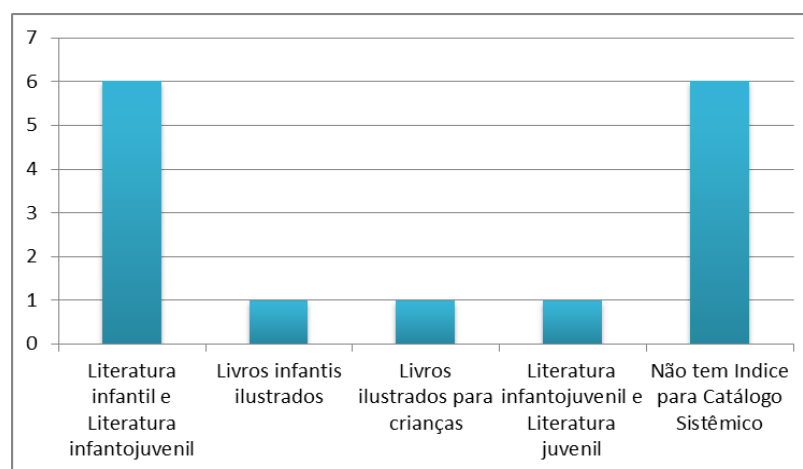
## CATEGORIA TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO CRIANÇA

**Gráfico 4 -** Palavras-chave das fichas catalográficas



Fonte: Gráfico de própria autoria (2024)

**Gráfico 5** - Categorização dos livros no Índice para Catálogo Sistemático



Fonte: Gráfico de própria autoria (2024)

Para Cellard (2008, p. 298), “os documentos mais reveladores se escondem, às vezes, em locais insuspeitos”. Fazendo uma analogia ao Registro Geral dos cidadãos brasileiros, a ficha catalográfica seria esse documento de identidade do livro. Portanto, os dados presentes nela contribuem e influenciam diretamente na escolha feita pelos leitores, uma vez que ao buscar referência de que trata o livro, ele procura dentro dos elementos paratextuais, considerando como informação oficial os dados bibliográficos existentes nas fichas catalográficas.

Fomos buscar na biblioteconomia informações necessárias para explorarmos de modo mais adequado possível os dados existentes neste elemento paratextual. Em diálogo informal com uma bibliotecária, a mesma me esclareceu que a ficha catalográfica é o resumo das informações mais relevantes do livro; já o índice para catálogo sistemático está para a catalogação nas bibliotecas, deu ênfase de que estas funções não são restritivas e que há outras utilidades em torno destes dados. Para Shera & Egan (1969, p. 12) há diversas formas de organização, uma delas se dá “pelo próprio arranjo do catálogo por grandes assuntos, para benefício de quem desconhecesse autor ou título de um bom livro na especialidade de seu interesse”.

Ao observar sobre o uso da palavra “Literatura” neste dois instrumentos, identificamos que a maioria está classificado pelo grande assunto “Literatura”, em maior quantidade, conforme os gráficos, a “Literatura infantojuvenil”. Vamos esmiuçar esses dados para compreender esse uso no contexto dos livros com o selo “Altamente Recomendável”. Em diálogo com nossa revisão bibliográfica e com nossa problemática, decidimos problematizar

porque a maioria dos livros para criança é classificada como Literatura infantil, literatura infantojuvenil ou literatura juvenil?

Nossa hipótese é de que se tratando de um objeto que ao mesmo tempo é bem cultural simbólico, é um produto mercadológico, o uso da palavra “Literatura”, sobretudo no uso de “literatura infantojuvenil” está associado à finalidade comercial. Conforme, Reyes (2021, p. 111) “os livros chamados ‘infantojuvenis’ se classificam em duas categorias: os que se dirigem à escola e os que visam os ‘trade’: o rótulo é eloquente para os livros vendidos [...] ao lado de outros produtos de consumo, para compra por impulso”. Para esta discussão, voltamos a olhar para nosso objeto de análise: Os livros para criança com o selo “Altamente Recomendável” da Seleção Anual da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, das Categorias Criança e Tradução/Adaptação Criança.

Partindo do pressuposto de que temos na mesma premiação, categorias para criança e categorias para jovem, então supomos que há livros destinados especificamente para crianças, bem como, para jovens. Na teoria literária há uma discussão sobre o limite entre cada uma destas literaturas. Coelho (2000), ao iniciar seu livro “Literatura infantil: teoria, análise e didáticas”, traz uma nota intitulada “Uma questão de terminologia” que trata da questão terminológica, associada a uma classificação dos leitores, “[...] os livros infantis (destinados a pré-leitores, leitores iniciantes e leitores em processo), [...], os infantojuvenis (para leitores fluentes) e os juvenis (para leitores críticos)”.

Nos gráficos apresentados, os dados mostram que a maioria dos livros estão identificados como literatura infantojuvenil, mesmo quando são classificados com infantis, raras vezes, não são também classificados como infantojuvenis. Para nós, a questão não se trata apenas de terminologia, e na forma como Coelho classifica, algumas perguntas são necessárias: a criança não é capaz de ler fluente e criticamente? As experiências leitoras entre as crianças seguem um padrão de desenvolvimento a ponto de determinar seu ser criança e juvenil?

Não podemos negar que o desenvolvimento cognitivo da criança passa por etapas de amadurecimento, e que ao identificar o livro literário como de Literatura infantojuvenil pode causar no adulto que favorece o acesso à leitura para criança, incerteza, insegurança por temer que por estar direcionada também ao juvenil, a criança tenha acesso inapropriado ou complexo demais para sua(s) criança(s).

Estamos diante de um emaranhado em que os pontos para trançar a reflexão nos levam a pelo menos dois tipos de tecer. Um, pode estar associado “a responsabilidade por serviços

bibliográficos específicos vem sendo relegada a órgãos centrais, talvez para disseminação mais generalizada até mesmo comercial” (Chera & Egan, 1969, p. 18). Outro, refere-se à complexidade em torno de estabelecer um limite entre o infantil e juvenil na literatura como arte. Marilda Castanha ao tratar de três obras, a saber: *Crianças, Mexique: o nome do navio e Coisas para deslembrar*, sendo os dois primeiros, parte do nosso *corpus* de análise, nos leva aos pontos em que autora afirma serem

livros com temas, abordagens e concepções corajosas e ousadas. [...], se revelam como genuínas obras literárias e atemporais, que não se restringem a faixas etárias classificatórias e indiscutivelmente nos inquietam, afetam, emocionam. (Castanha, 2022, p. 311)

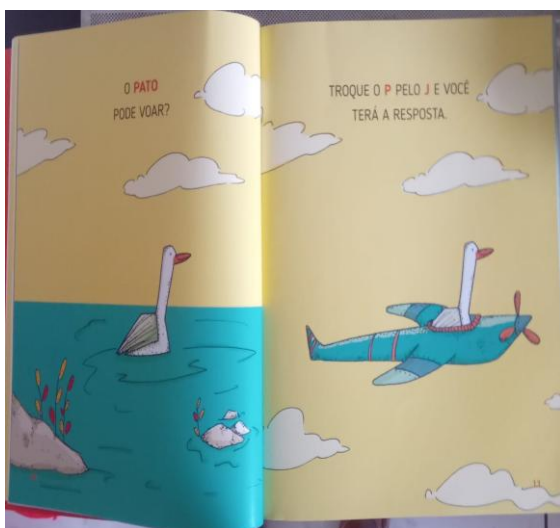
Acrescenta-se nessa problemática o fato de que há livros que são identificados como literatura infantil, mas não tem traços suficientes que justifiquem tal uso. Dentre os livros que analisamos, dois deles nos chamaram atenção, por seu viés pedagógico está muito mais acentuado do que propriamente elementos estéticos literários. Utilizamos como exemplo, dois livros, parte do nosso objeto: “O livro das palavras” e “Palavras sapecas”.

“O livro das palavras”, da categoria Criança, publicado em 2019 e selecionado como “Altamente Recomendável” em 2020. Voltando a sua ficha catalográfica, está categorizado como literatura infantil. Os elementos estéticos estão organizados de modo a estimular os alunos muito mais para uma intervenção pedagógica, do que propriamente para uma experiência de leitura literária. O livro traz as letras do alfabeto, dando indicativo de quais palavras iniciam com aquela letra. Na relação entre a linguagem verbal e não-verbal observa-se que o autor/ilustrador imprime humor em diversos trechos: “e surpreende também a mamãe.../...quando é arte que eu fiz”, humor que é fortalecido com a ilustração com traços exagerados nas aparências dos personagens, como por exemplo, olhos arregalados, cabelos arrepiados, etc. Ao longo das páginas com texto verbal, o autor traz elementos do cotidiano, ditados populares e frases feitas. Provoca alguma reflexão, mas a estrutura em que destaca as letras do alfabeto aproxima-se de um livro instrucional, com características evidentes de cunho pedagógicos, do que propriamente uma literatura infantil.

O livro “Palavras Sapecas” de Katia Canton, publicado em 2019, foi selecionado em 2020 pela FNLIJ, na lista dos livros com selo “Altamente Recomendável”, pela categoria Criança, identificado em sua ficha catalográfica como literatura infantil. O colorido das letras no título, o modo que introduz o texto, “- Chega de lugar comum! Queremos novos sons e sentidos! - Disseram, um dia, as palavras sapecas”. A escrita do texto todo com letras

maiúsculas, as trocas de letras (destacadas) para formar novas palavras (destacadas), como no trecho “Quer dirigir um jarro? É só trocar o J pelo C”. No final do livro há uma espécie de glossário, intitulado “Por dentro das palavras sapecas: se você ficou em dúvida, consulte as respostas abaixo”, conforme a figura 29.

**Figura 28** - Estrutura textual



**Figura 29** - “Por dentro das palavras sapecas”



Fonte: Livro Palavras Sapecas

Pelos dados observados neste livro, visualizamos que há muitos elementos relacionados à função pedagógica, mas pouco ou nada se vê de literário. Assim sendo, por sua identificação bibliográfica, está sendo oferecido no meio editorial um livro dito de “literatura infantil”, mas que na verdade, trata de um objeto que apresenta uma estratégia diferente para formar as palavras. Este é um olhar a partir dos dados levantados na pesquisa, que para nós fica claro o uso da expressão “literatura infantil” de modo equivocado, inadequado, que talvez precise de uma adequação em sua identificação.

É importante dizer que ambos os livros têm seu valor enquanto bem simbólico, tem uma proposta alegre, bem humorada, colorida, uma ilustração que complementa o entendimento sobre as palavras, há um teor de brincadeira. Portanto, perfeitamente adequados para utilizá-los como suporte em estratégias de ensino no processo de alfabetização, “o ensino da leitura e escrita na fase inicial de escolarização de crianças” (Mortatti, 2019, p. 28).

Quando tratamos os dois livros como não-literários, embora identificados como tal, é porque não identificamos neles o que Reyes (2021, p. 31) diz sobre “a literatura - experiência humana tecida de linguagem” que contribui para a experiência da criança em conhecer a si mesma e aos outros. Não encontramos aquela aparente ordem, que ao longo do texto é

deslocada, perturbada, abalada (Eagleton, 2021, p. 28). E, que pode provocar incômodo no leitor, a ponto de se emocionar, pensar e até mesmo criticar, ainda que este seja a criança.

Ainda nos paratextuais, cabe a análise sobre o que os livros analisados trouxeram sobre seus autores e ilustradores. Segundo, Reyes (2021, p. 29) “Quem escreve estreia as palavras e as reinventa a cada vez, nelas imprimindo sua marca pessoal”. Com raras exceções, em algum lugar do livro, geralmente nos elementos finais, muitos deles na orelha da quarta capa, um breve texto sobre os artistas. Há registros escritos por eles mesmos, mas há outros registrados pela edição. O que traremos é um breve panorama sobre os escritores e ilustradores, no sentido de contextualizar o universo dos artistas da produção editorial de livros para criança na contemporaneidade no Brasil.

No que diz respeito às formações acadêmicas e profissionais dos escritores e ilustradores, temos uma diversidade de profissões - jornalistas, documentaristas, educadores, designer, artistas visuais, artistas gráficos, atrizes, professores, arquitetos, neuropsicóloga, graduados em Letras, Direito, publicitários, dentre outros. Ao realizar este levantamento, chamou-nos atenção em relação à forma de escrita bem marcada. Quando o texto é feito pelo artista para falar de si e quando é feito pela edição, consolidando o que Reyes (2021, p. 29) afirma sobre a relação entre autor e leitor, trata-se de um “processo complexo” que envolve as experiências, as histórias, as leituras, a imaginação de cada um.

Cristiana Gomes (2020), escritora de “O pai da mamãe” registra:

Os livros sempre fizeram parte da minha vida, desde que eu era criança e os adultos liam para mim. Quando eu cresci, quis ser professora e passei a ler para meus alunos. Logo depois, para minhas filhas. Um dia, percebi que gostava também de inventar histórias. Na convivência diária com as crianças e nas memórias da minha infância, busco inspiração para escrever, contar e compartilhar essas histórias. Esse é meu segundo livro.

A editora Pallas Mini (2020) ao falar da escritora Maria José Ferrada em “Meu Bairro”, diz:

É graduada em Comunicação Social pela Universidade Diego Portales, no Chile. Estudou Linguística Aplicada à Tradução na Universidade de Santiago do Chile e cursou mestrado em Estudos Asiáticos na Universidade de Barcelona. Entre suas obras constam **Crianças, Mexique** - também editados pela Pallas Mini - e **O idioma secreto**, vencedor do **Prêmio Orihuela**.

Essas duas construções textuais se assemelham aos discursos presentes nos outros livros, cuja situação se repete. Já afirmamos que a produção editorial de livros para criança é uma engrenagem constituída por muitos profissionais, já dissemos também que os elementos paratextuais contribuem em diversos aspectos com o leitor. No primeiro texto nos deixam claro, a leveza, as lembranças, a construção de afetos e a importância do livro na vida da escritora. No texto produzido pela própria editora, o discurso é rigorosamente profissional, como um currículo apresentado aos leitores.

Sem esgotar as possibilidades de investigação, mas por necessidade de consolidar os critérios de análises, traremos o último elemento paratextual - a quarta capa. Pelo quantitativo de livros analisados não será possível trazer todos, abaixo traremos a imagem da quarta capa de alguns livros, em que se encontram sinopses ou algum trecho da obra, como um importante instrumento para situar o leitor, principalmente quando adquire o livro. Identificamos que todos os projetos editoriais utilizam esse recurso, possivelmente para oferecer ao leitor uma prévia do que vai encontrar no miolo do livro.

**Figura 30** - Quarta capa de Abrapracabra no mundo



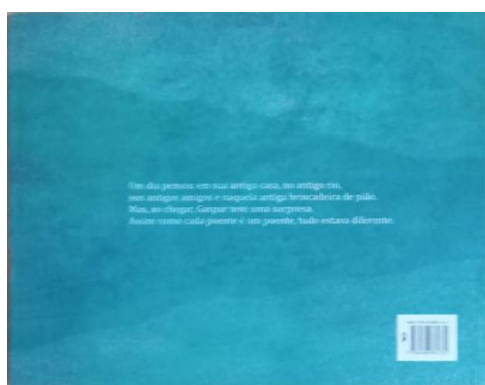
Fonte: Livro Abrapracabra no mundo

**Figura31** - Quarta capa de Achou?



Fonte: Livro Achou?

**Figura 32** - Quarta capa de Gaspar e o Rio

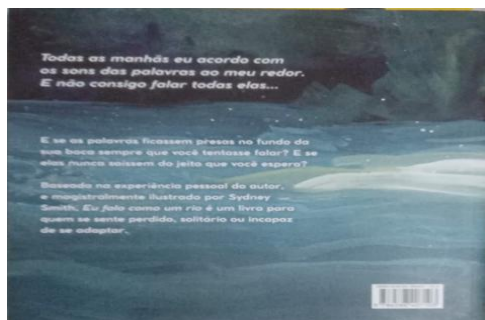


Fonte: Livro Gaspar e o Rio

**Figura 33** - Quarta capa de Nanão



Fonte: Livro Nanão

**Figura 34** - Quarta capa de “Eu falo como um Rio”

Fonte: Livro Eu falo como um Rio

**Figura 35:** Quarta capa de “Crianças”

Fonte: Livro Criança

## 5.2 Os entrelaçamentos estéticos

Nosso *corpus* de pesquisa oferece inúmeras possibilidades para tecermos da forma mais bonita e adequada, associando as artes e a ciência. Para os teceres seguintes, pedimos licença ao artista André Neves, pois na obra “Lua noite e dia”, da categoria criança, selecionada em 2020, encontramos o texto, que escolhemos colocar na íntegra porque entendemos o alinhamento discursivo entre ele e nossos objetivos de pesquisa.

### IMAGEM E IMAGINAÇÃO EM LUA NOITE E DIA

Eu moro em Porto Alegre.  
Fábio vive em São Paulo.  
Luciano está em Recife,  
onde nascemos e nos conhecemos há muitos anos.

Em um reencontro no Sul do Brasil, entre conversas literárias, mostrei-lhes um livro que não aconteceu. As imagens soltas, bagunçadas e dispersas no chão do ateliê estavam sem texto, mas possuíam unidade e remeteram ao imaginário possíveis sequências narrativas.

Por acreditar na força de nossos reencontros, propus que encontrassem palavras para outras possibilidades literárias.

Aceito o desafio, eles reposicionaram as imagens, de acordo com o que seus olhares pediam, fotografaram e deram início a possíveis ideias.

Nós nos encontramos com maturidade, sabíamos a delicadeza do processo que nos desafiava como artistas da palavra e da imagem. Nosso elo de amizade se fortaleceu pela criatividade e fantasia em cada um. Éramos, somos e sempre seremos artistas.

Eu sabia, não podia ser diferente.

Fábio e Luciano apresentaram com total liberdade suas palavras, sensações, descobertas e múltiplas leituras dentro do dia, da noite, noite e dia. E não foi

preciso juntar duas histórias em uma. Ambas as narrativas reorganizaram meus ânimos em um novo projeto.

Um novo livro e duas histórias.

Uma para vocês, leitores.

E outra para nós, entre tantas que já vivemos. Histórias feitas de encontros, reencontros, risos, conversas, lágrimas, tristezas, alegrias, decepções, dúvidas, brigas, respeito e muita poesia em dias e noites ávidas por luas. Para que todos percebam que a amizade é assim.

O tempo sempre vem nos dizer que mesmo distantes nunca estivemos sós.

*André Neves*

Nossa escolha justifica-se por encontrarmos neste significativo relato, algo dito pelo próprio artista sobre uma forma de produzir o bem cultural livro, de outra maneira, que difere do habitual. O senso comum nos leva a pensar de modo homogêneo de que num livro em que há a linguagem verbal e a visual, surge primeiro a narrativa escrita, depois a ilustração. André Neves apresenta que o contrário também ocorre, “Aceito o desafio, eles reposicionaram as imagens, de acordo com o que seus olhares pediam, fotografaram e deram início a possíveis ideias”.

No entrelaçar a partir daqui vai e volta neste texto, assim como em outros que já apontamos, o que o artista registrou está alinhado com o que afirma Mortatti (2023), todo livro tem uma história, nem sempre linear e planejada. Neves (2019) materializa isso perfeitamente, as palavras surgindo a partir das imagens. Deste modo, seguiremos este entrelaçar enfatizando aspectos referentes ao estético, ao modo de fazer, dialogando teoricamente para estabelecer nossa análise.

Sendo o livro um bem cultural simbólico, o uso dos vocábulos pelos autores possibilita ao leitor conhecimento de várias culturas, comunica-se com a criança, ampliando repertório linguístico e cultural. O livro “Abrapracabra no mundo”, do autor e ilustrador Fernando Vilela, da Categoria Criança, seleção 2022, por exemplo, utiliza ao longo da narrativa, em que a personagem Eusébia, ao viajar por diversos países, tem contato com as diversas culturas.

O conhecimento sobre a cultura de outros países ocorre pela apresentação de pontos turísticos conhecidos mundialmente, na história, as culinárias dos diversos lugares em que a cabra Euzébia e seus amigos passaram, em conformidade com o que Chauí (2009, p. 28) define como cultura “produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos

instrumentos e das formas, do trabalho, dos modos da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais”.

Tal constatação está materializada no livro, por meio de expressões como “- *La chèvre*”, “*Gardes*” - A cabra e guardas, respectivamente, em francês; ou no trecho - “*May i help you?* - Posso ajudá-la?, em inglês; em vocábulos como - “*guiorza*”, “*yakisoba*”, “*Fujisan*” - que traduzidos correspondem a pastel tradicional japonês, macarrão muito consumido no Japão e Monte Fuji, um famoso vulcão no Japão; nas palavras “*Merhaba*”, “*Durduruldu*”, - Olá e - Fiquem parados, respectivamente, em Turco.

Com o retorno da cabra Euzébia para casa, o autor traz por meio da linguagem, elementos específicos da cultura do sertão nordestino como: “carne-seca”, “arroz com pequi”. Interessante à forma que Vilela utilizou para levar o leitor em uma viagem pelo mundo, permitindo o contato com outras culturas, compreendidas como “produção e criação da linguagem” (Chauí, 2009, p. 28). Por isso, reafirmamos que as crianças-leitoras, ao viajarem junto com a cabra Euzébia, têm a possibilidade de ampliar seu repertório linguístico e cultural, na medida em que tem acesso a expressões de outros idiomas, de vocábulos utilizados numa determinada região do país, neste caso, o Nordeste.

É também, com o uso da linguagem que o autor constrói uma das alegorias da história - ABRAPRACABRA, parte do título da obra, é a palavra mágica que faz com que lâmpada leve a cabra Euzébia e seus amigos para os diversos lugares no mundo. Vale dizer, que as expressões em outros idiomas vêm traduzidas ao longo das páginas do livro, num glossário, o que pode favorecer significativamente na ampliação de conhecimento aos leitores que têm acesso a ele.

As leituras dos livros nos levaram a compreender as expressões iniciais, as primeiras palavras, que segundo Eagleton (2021, p. 17) “nenhum começo literário é realmente absoluto. Toda leitura supõe uma boa dose de preparação de cena”. Com esse olhar, verificamos nos livros em inícios, como “DIA e NOITE”, do livro “Lua noite e dia” de André Neves, escrita em caixa alta os dois substantivos, diferenciando-se do restante do texto. Em “Gaspar e o Rio”, de Flávia Azevedo e Alexandre Rampazo, o início da narrativa escrita ocorre com o nome “Gaspar” disponibilizado no texto sozinho, na primeira linha, “parece brotar de uma espécie de silêncio” (Eagleton, p. 17).

Somos seres históricos e culturais e nos construímos como tais por meio da arte, de todas as artes, aqui interessa-nos a “arte da palavra”, na qual “O tempo inteiro os homens e as mulheres se narram e constroem sua história de narrar” (Britto, 2003, p. 110). Assim sendo,

analisaremos as expressões iniciais em dois momentos distintos da literatura infantil: século XIX - Contos dos Irmãos Grimm e na atualidade (Livros com selo “Altamente Recomendável” nos anos 2020, 2021 e 2022).

O entrelaçar comparativo se dá em decorrência de verificar quais foram as mudanças estéticas em relação ao modo de iniciar os textos dos livros de literatura infantil. Assim como os homens, a maneira de escrita da arte literária também se modifica, novas formas de construção do sentido surgem, o que prevalece é o sentido da arte literária, pois o sentido da palavra na arte ultrapassa o tempo passado, presente ou futuro dos homens, ela segue seu tempo se renovando sempre.

Para uma leitura mais didática, apresentaremos o quadro abaixo, as palavras iniciais de alguns livros, em momentos distintos da história da literatura infantil:

**Quadro 9 - Palavras iniciais em dos momentos da literatura infantil**

<b>CONTOS DE FADAS DOS IRMÃOS GRIMM</b>	<b>LIVROS PARA CRIANÇAS COM SELO “ALTAMENTE RECOMENDÁVEL” DA FNLIJ.</b>
“Certa vez...” “Nos tempos antigos...” “Diante de uma grande floresta...” “Um pai tinha dois filhos...” “Era uma vez...” “Havia uma vez...” “Irmãozinho tomou sua irmãzinha...” “Havia um homem...” “Há muito, muito tempo...” “Em uma aldeia...” “Em uma manhã de verão...” “Uma viúva tinha duas filhas...” “Um homem tinha sete filhos...” “Um homem tinha um burro” “Pouco a pouco...” “Um sapateiro...” “Um homem pobre...” “Um camponês...” “Há muito tempo...” “Um rei tinha uma filha...” “Em um tempo muito distante...” “Um cão pastor...” “Certo dia...” “O lobo tinha a raposa...”	“Há muito tempo...” “Deve ser porque...” “Era uma vez...” “Com fome...” “Na nossa casa...” “Aqui não se encontra...” “Bia e o elefante...” “Num salto incrível...” “- Vovô...” “Eu tinha muito medo...” “Chamava-se Maliq...” “Nonada...” “Na Rua do Sol...” “Se...” “Mamãe, papai, podemos ir...” “O menino chorava...” “Bento e Manu...” “Neno, o carneiro...” “Quando Pinóquio...” “Greg morava...” “Os pequenos elefantes...” “Numa manhã de inverno...” “Aonde anda...” “- Feliz aniversário, Star...” “Gaspar” “Esta história...” “Esse aí é o Nanão”

Contextualizando nossa escolha, “Os contos de fadas dos Irmãos Grimm”, é uma das obras presente na lista dos livros com selo “Altamente Recomendável” da 48ª edição do

Prêmio Anual da FNLIJ, ano 2022, traduzida por Vera Barkow. Partindo da coleta de contos da tradição das narrativas orais, no início do século XIX, iniciaram a pesquisa dos contos de fadas europeus. Barkow (2021, p. 12) afirma

Saído do ato de contar do povo, o conto de fadas popular não perdeu sua conexão com o modo de narrar do povo. Por essa razão, também é objeto do folclore. Em sua maneira de narrar é captado o mundo todo: tudo está em seu devido lugar. De forma simples e ingênua, o conto de fadas popular, coletado pelos Irmãos Grimm, é um domínio narrativo, fechado em si, do mundo.

Numa passagem rápida pelos contos de fadas dos irmãos Grimm, identificamos que prevalecem as expressões iniciais “Certa vez...”, “Nos tempos antigos...”, “Era uma vez...”, “Havia uma vez”, “Há muito, muito tempo...”, que embora na tabela acima não se repitam, as encontramos reiteradas vezes. Notadamente este uso linguístico remete à marcação de tempo passado, um passado bastante distanciado do momento de registro da narrativa, no conjunto das expressões iniciais, observamos o distanciamento do narrador em relação ao momento do ato narrado, há prevalência do narrador onisciente. No caso dos contos em questão, o tempo da narrativa tem um sentido que marca a própria história da literatura infantil, a passagem da narrativa oral para o início da produção escrita, estando atrelada aos contos orais, narrativas que eram passadas pelos mais velhos às crianças.

Em outras expressões iniciais dos contos em análise, como “Um pai tinha dois filhos...”, “Uma viúva tinha duas filhas...”, “Um homem tinha sete filhos...”, “Um homem tinha um burro”, “Um rei tinha uma filha...”, “O lobo tinha a raposa...”, ocorre o que Eagleton (2021, p. 17) afirma “Quase todas as obras de literatura começam com palavras que já foram usadas inúmeras vezes”. Nos casos aqui apresentados, cabe a constatação da utilização da mesma estrutura sintática a partir dos mesmos recursos morfológicos: Artigo + substantivo + verbo + numeral + substantivo, sintaticamente organizados em sujeito + verbo + predicado, a forma mais simples de organização da oração, por meio da qual observamos a simplicidade impressa na linguagem dos contos dos Irmãos Grimm. O fato de serem narrativas coletadas da tradição oral colabora para que compreendamos as repetições da mesma forma de uso da linguagem, além de demonstrar o repertório daqueles que contavam as histórias.

As iniciais, “Irmãozinho tomou sua irmãzinha...”, “Um sapateiro...”, “Um homem pobre...”, “Um camponês...” e “Um cão pastor” prevalece à apresentação da personagem que protagonizará a narrativa, uma forma também recorrente nos contos em estudo. O relevante é que em todas elas identificamos o silêncio, um aguçar natural ao imaginário do leitor, pois

“parece brotar de uma espécie de silêncio, visto que inaugura um mundo fictício que não existia antes”. (Eagleton, 2021, p. 17).

Nossas tranças continuam a partir da tabela, agora olhando para algumas das expressões iniciais da narrativa escrita dos livros para criança com o selo “Altamente Recomendável” da atualidade. As expressões iniciais que marcam a temporalidade como “Há muito tempo...”, “Era uma vez...” continuam presentes nesta produção, no entanto, com uma frequência muito menor, quase inexistente. Em algumas histórias prevalece marcado o tempo da narrativa para iniciá-las, porém verifica-se a diversidade na forma de escrita, essa diversidade ocorre principalmente com o uso dos verbos, aqui destacamos “Há”, “Era”, “tinha”, “Chamava-se”, “chorava”, “morava”.

Em muitas delas encontramos uma espécie de apresentação dos personagens, como em “Bia e o elefante”, “- Vovô...”, “Chamava-se Maliq”, “Bento e Manu”, “Neno, o carneiro”, “Quando Pinóquio”, “Greg morava”, prevalecendo os protagonistas das narrativas. Nelas, encontramos as marcas do silêncio, do aguçar a curiosidade junto ao desconhecido, quem são esses personagens? O que as narrativas apresentam sobre eles, ou por meio deles? Assim como o início de algumas histórias remete ao tempo, estas que remetem imediatamente aos personagens fazem parte do “vaivém sempre instável e, de alguma forma, inédito, entre o que se deixa escrito e o que é silenciado”. (Reyes, 2021, p. 126)

Outra forma recorrente de iniciar as histórias nestes livros nos remetem às situações do cotidiano, “Deve ser porque...”, “Com fome...”, “Na nossa casa...”, “Aqui não se encontra...”, “Num salto incrível...”, “Eu tinha muito medo...”, “- Feliz aniversário, Star...”. São expressões que externam de algum modo, características propriamente humanas, uma dúvida afirmativa, uma necessidade física, o seu ambiente mais familiar, alguma constatação, algum sentimento, ou mesmo as relações entre humanos. Neste sentido, recorremos novamente ao que afirma Reyes (2021, p. 127) “Usar uma língua (ou reinventá-la) para iniciar uma conversa com o que ainda não foi dito (e talvez, em parte, seja indizível) é a essência do convite que nos foi feito pela literatura desde o começo de nossa história”.

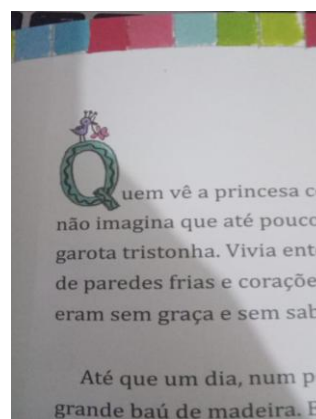
Nossa análise aponta que os dados referentes às expressões iniciais nos mostram aspectos recorrentes em relação às primeiras produções escritas de livros para crianças nos “Contos dos Irmãos Grimm”, bem como verificamos uma diversidade maior na forma de iniciar as narrativas nos livros atuais, fator que pode estar ligado ao fato de que as histórias de hoje, em sua maioria, fogem da estrutura de contação oral e são criadas já por meio da cultura escrita.

Para além dos discursos presentes nas primeiras palavras da narrativa escrita, há nas produções atuais uma preocupação com a forma, materializando o projeto gráfico como um instrumento de estabelecimento de estética, a presença da arte visual na estrutura da arte verbal, como observamos em “Irmãs da Chuva” de Gabriela Romeu e em “O Livro maluco das porções mágicas” de Léo Cunha e Mariana Massarani, em que as letras capitulares compõem a ilustração.

**Figura 36** - Expressão inicial do livro “Irmãs da Chuva”      **Figura 37** – Expressão inicial de “O Livro maluco...



Fonte: Livro Irmãs da Chuva



Fonte: O livro maluco das porções mágicas

Retomando o que Chartier (1998, p. 8) trata sobre a materialidade do livro, sendo necessário atentar para os “dispositivos, técnicos, visuais e físicos” como elementos que norteiam a leitura, no momento em que a escrita se torna livro. Nos livros com o selo “Altamente Recomendável”, observa-se uma diversidade de estrutura em relação ao projeto gráfico. Claramente, as editoras investem alto em tecnologia, recursos que favorecem projetos gráficos arrojados, criativos, inovadores, capazes de prender a atenção do consumidor, nem sempre leitor.

Rampazo (2023), enquanto ilustrador e escritor, ao tratar da materialidade do livro, diz da importância de utilizá-la a favor da narrativa. Contextualizando, este artista aparece em nosso corpus com 07 ilustrações, sendo 04 delas - de autoria e ilustração, a saber “Coisas perdidas”, “A história do pássaro e o realejo”, “Um belo lugar” e “Pinóquio: o livro das pequenas verdades”. Este último, premiado na Seleção Anual de 2020, com o prêmio Ofélia Fontes - O melhor livro para criança e o Prêmio Glória Pondé - Melhor Projeto Editorial.

Não por acaso, esta foi a escolha dos leitores-votantes da FNLIJ em 2020. É importante uma breve e necessária descrição do livro, assim como uma visita ao nosso imaginário. O título já vem com uma curiosidade, no senso comum, a figura do “Pinóquio” -

personagem bastante conhecido das histórias orais - é um personagem travesso, cheio de mirabolâncias, trapaceiro, um inventor de inverdades. Rampazo (2019) faz uma releitura e emplaca já no nome do livro, disposto na capa, em cor branca, “Pinóquio: o livro das pequenas verdades”. A forma como o autor utiliza uma espécie de subtítulo “o livro das pequenas verdades” remete para dois personagens: o boneco de madeira (já presente no nosso imaginário) e o próprio livro.

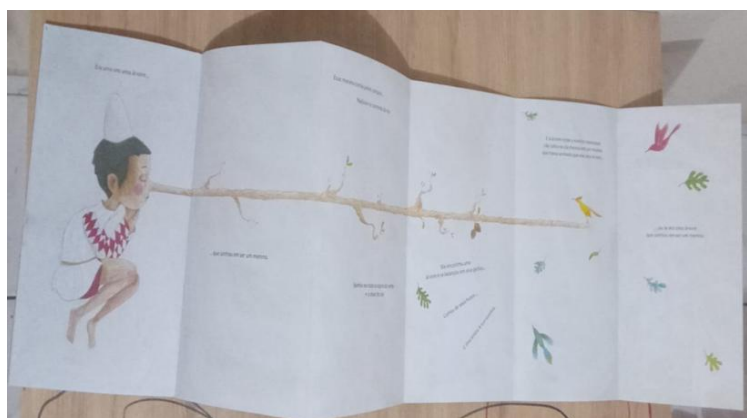
Leite (2021) ao tratar da produção editorial do livro infantil diz que a primeira coisa que chega ao leitor é a capa. E, de fato, as capas dos livros analisados, em sua maioria são muito criativas, cheias de simbologias, sem sombra de dúvida, aguçam a curiosidade do leitor. A capa do livro “Pinóquio: o livro das pequenas verdades” é um exemplo disso, o material utilizado é um papel bem duro, que tanto a cor, quanto a textura remetem nosso imaginário à madeira, bem ao centro, há a ilustração do boneco “Pinóquio”, todo na cor preta, com traços finos ao longo do corpo, alguns traços nas mangas da blusa que lembram forma geométrica, e claro, seu nariz comprido. Ou seja, a capa vem repleta de simbologia e estabelece o diálogo entre o que já existe no imaginário da criança sobre o referido personagem e inova quando provoca reflexões com a expressão “pequenas verdades”.

Será que estamos diante de um boneco redimido? Seguimos o projeto gráfico, no verso da capa, há uma imagem que lembra o xadrez, nas cores vermelha e marron, na contracapa, mais curiosidade, “Pinóquio” surge como um anjo voador. A narrativa textual inicia “Quando Pinóquio parou em frente ao espelho”, o autor já apresentou a alegoria “o espelho”, o qual vem retratado na forma de organização do texto e das imagens nas páginas. De modo que, o livro estando aberto - na página à esquerda, a narrativa vem com algum pensamento de “Pinóquio” sobre si mesmo, ou melhor, o que ele seria se fosse algo diferente de um boneco de madeira. Já na página à direita, há uma estrutura na forma como está organizada a narrativa escrita e visual, que nos leva a perceber um espelho. Nele, estão as constatações, as “pequenas verdades”, como por exemplo, “Se Pinóquio fosse o Grilo Falante, não seria mais somente um boneco de madeira” e as reflexões proporcionadas a partir da história.

A cada página, o livro vai ganhando camadas de significados, cuja mais forte materialidade ocorre a partir da imaginação de “Pinóquio” em ser uma árvore que sonhava, de modo genial, há uma potência de encontros entre a Literatura (pequeno conto) sobre a tal árvore sonhadora, a Ilustração - “Pinóquio” agachado, pensativo, e de seu nariz cresce um galho de árvore (uma belíssima alegoria). No projeto gráfico chama atenção quando o texto e

as imagens estão ao longo de uma página que vai se abrindo como uma sanfona, o que estabelece um movimento de abrir a página, como se estivesse expandindo a própria imaginação da criança, diferente do folhear. No percurso da dobradura, o galho que sai do nariz de “Pinóquio” vai crescendo e ao redor dele surgem espalhados nas páginas, folhas, pássaros e partes do texto que parecem sobrevoar o espaço. Uma estética que associa leveza, criatividade, inovação, releitura, profunda capacidade criativa, capaz de fazer surgir uma nova versão do “Pinóquio”, que não perde sua graça e ganha uma nova forma, o Pinóquio pensativo.

**Figura 38** - Camada física que traz em si uma nova história



Fonte: Livro Pinóquio: o livro de pequenas verdades

Em “Nanão” de Gustavo Piqueira, há um exemplo claro do que Rampazo (2023) aponta em relação à materialidade a favor da narrativa. Neste livro, o jogo de encontros se dá entre o conjunto de cores, os traços em formas geométricas variadas e coloridas, o contraste do branco e do amarelo. A capa, por exemplo, traz o efeito sanfonado, que estando aberta, em seu verso, junto com a contracapa apresenta tanto o título do livro como o personagem “Nanão”, curioso observar que entre um e outro há um traço preto, estruturado como se estivesse subindo.

O passar das páginas fica nítido a marcação do tempo, as páginas em branco, marcam o momento de pensar do “Nanão” antes de dizer “não”. O roteiro é definido da seguinte forma: Primeiro, a página com o texto; em seguida, a página com a imagem de “Nanão”, mudando de posição conforme o livro vai seguindo. O restante da página em branco comunica ao leitor uma pausa, uma expectativa, a curiosidade; depois, uma página totalmente em branco, provocando o ápice da expectativa, qual será a resposta dele? É, como se Piqueira esteja brincando com seu leitor, levando-a pensar na possibilidade de “Nanão” mudar de ideia

e dar uma resposta diferente do “Não” e por fim, o “Não” com o “Nanão” na última página dessa estrutura de camadas, que constituem todo o restante do livro.

A estrutura do projeto permanece, mas a estrutura da narrativa ganha uma nova maneira no livro, a partir do trecho:

ENTÃO, DEPOIS DE TANTOS  
NÃO, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO,  
NÃO, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO,  
TODOS DESISTIRAM DE  
CONVIDAR NANÃO PARA  
FAZER ALGUMA COISA.  
ATÉ QUE, UM DIA, ALGUÉM  
PENSOU: E SE O PROBLEMA  
NÃO ESTIVER NA RESPOSTA?  
E SE A GENTE É QUE NUNCA  
FEZ A PERGUNTA CERTA?  
(Piqueira, 2020)

Com três simples perguntas “Nanão, você gosta de ficar sozinho?”, “E de sentir a barriga vazia?” e “De passar o dia todo trancado em casa?” A narrativa ganha um novo rumo, um novo olhar e as páginas, assim como a vida de “Nanão” ganha um novo jeito, um lindo colorido. Ou seja, aqui temos o que Leite (2021) nos aponta ser a materialidade “o resultado de um processo” que estabelece a relação entre quem o produz e quem lê, referenciando o que já afirmou Sandroni (2001) em que a história é contada pelo escritor, pelo personagem e pelo leitor, no caso, dos livros para crianças, acrescentamos o ilustrador.

Em “Gaspar e o Rio”, escrito por Flávia Azevedo e ilustrado do Alexandre Rampazo, o projeto gráfico é de uma beleza ímpar, capa dura, papel off set, com as camadas do enredo, o tempo na narrativa sendo representado por meio de uma folha de papel vegetal com o uso de palavras-chave, a saber, “pensar”, “planejar”, “partir”, “fluir”, “voltar” e “mudar”, os verbos marcam as ações do personagem Gaspar, marcam os momentos de maior intensidade e reflexão.

Nos livros apresentados confirmamos o que Moraes (2008, p. 49 - 50) aponta em relação ao projeto gráfico, este tem finalidade importantíssima nos livros de literatura infantil, pois influencia na leitura pelo passar das páginas marcando o tempo, de ritmo, o entrelaçamento entre o texto e a imagem, o modo como estes são distribuídos e organizados nas páginas, a escolha de todo o material utilizado - papel, tinta, pincel, dentre outros, bem como o formato, fonte e tantos outros elementos.

Diante da diversidade dos projetos, nos chamou atenção, além dos que já apontamos, o designer do livro “Passarinhos”, de Caroline Carvalho. A capa consiste numa caixa, dentro dela vem o miolo em forma de sanfona, com a presença de texto e imagem, conforme as figuras abaixo:

**Figura 39** - capa/caixa aberta



Fonte: Livro Passarinhos

**Figura 40** - Miolo do livro



Fonte: Livro Passarinhos

Seguimos ajustando os pontos em direção às narrativas, dado o quantitativo de livros, não temos condições de trazer os achados de todos. Vamos materializar nossas reflexões por meio da diversidade no meio de um conjunto.

“Os invisíveis”, escrito por Tino Freitas e ilustrado por Odilon Moraes, selecionado em 2022, provoca o imaginário do leitor por meio das ações narradas, dos personagens serem do núcleo familiar e a representatividade do mundo externo retratando a invisibilidade. Os invisíveis estão presentes nos diferentes momentos do menino. A alegoria construída com os

“superpoderes” provoca reflexões sobre o fato de o menino ser uma criança em processo de desenvolvimento, ser o único a percebê-los.

O livro traz visibilidade aos invisíveis, como diz Daher & Farias (2023, p. 33) “As histórias humanizam e proporcionam às crianças possibilidades únicas de pertencimento do grande coletivo humano [...]”. Assim ocorre no livro, Tino Freitas e Odilon Moraes apresentam uma narrativa, cujas camadas ocorrem por meio das fases da vida do menino, retratando a infância “Era uma vez um menino com superpoder: na sua família, só ele via os invisíveis. A juventude, “E assim o tempo passou... Ele foi para a faculdade, conseguiu um emprego e conheceu o amor”. Interessante observar que na juventude o tempo passa mais rápido, o tempo de criança foi mais longo.

Uma história bem simples em sua forma de contar, mas muito marcante do ponto de vista reflexivo. A cor preta e branca utilizada em toda a ilustração, bem como em todo o projeto gráfico, associado à estética presente na ilustração é algo extraordinário de ver, toda ela feita com traços de rabiscos, os invisíveis estão todos sem a cabeça, o que nos leva a imaginar os invisíveis em nosso cotidiano, ou melhor, a invisibilidade em suas diversas formas, no outro, nele e no próprio passar dos anos.

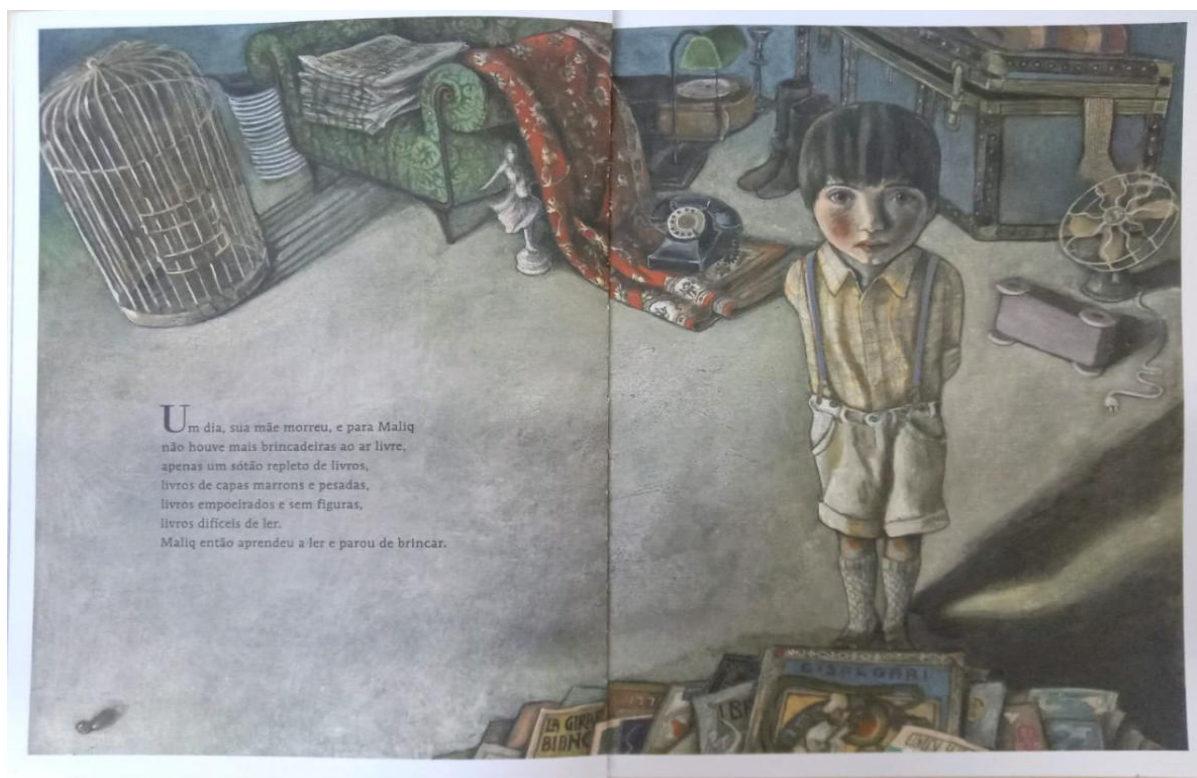
Em “Os livros de Maliq” da escritora Paola Predicatori, ilustrado por Anna Forlati, ambas italianas, traduzido por Isabella Marcatti, publicado em 2021, da categoria tradução/adaptação criança, selecionado em 2022, materializa a concepção de criança e a definição de livro. A princípio, talvez por vício automático, pensamos em trazer trechos do texto que representam essa materialidade. No entanto, na exata ocasião deste registro percebemos que não alcançaríamos transmitir a potência de significados que o livro apresenta. Assim sendo, optamos por trazer um recorte de algumas partes da obra, não que ainda assim garanta, mas possivelmente aproxima mais.

**Figura 41** - Capa



Fonte: Livro “Os livros de Maliq”

**Figura 42** - Morte, criança, livro e leitura



Fonte: Livro “Os livros de Maliq”

A seriedade, o medo, a angústia, a tristeza que visualizamos tanto no trecho da história, quanto na imagem nos comunicam a concepção de criança da autora. O brincar fazia parte da infância de Maliq, até a morte de sua mãe. Interessante como a narrativa traz a morte de forma natural na escrita do texto, no entanto, morre com a mãe de Maliq a sua infância “não houve mais brincadeira ao ar livre”; “Maliq aprendeu a ler e parou de brincar”.

Nestes trechos, nossa memória nos levou para o que Constantino Bértolo (2014) define como o “ato de ler” sobre o qual já mencionamos, mas que aqui reafirmamos. Ele é um ato exigente, que exige esforço, concentração, dentre outras habilidades. Também nessa parte da narrativa é possível identificar a caracterização dos livros, “livros de capas marrons e pesadas, livros empoeirados e sem figuras, livros difíceis de ler”. Aqui, voltamos a refletir sobre a existência de um livro para criança e um livro para o adulto.

**Figura 43 - O sonho e a realidade**



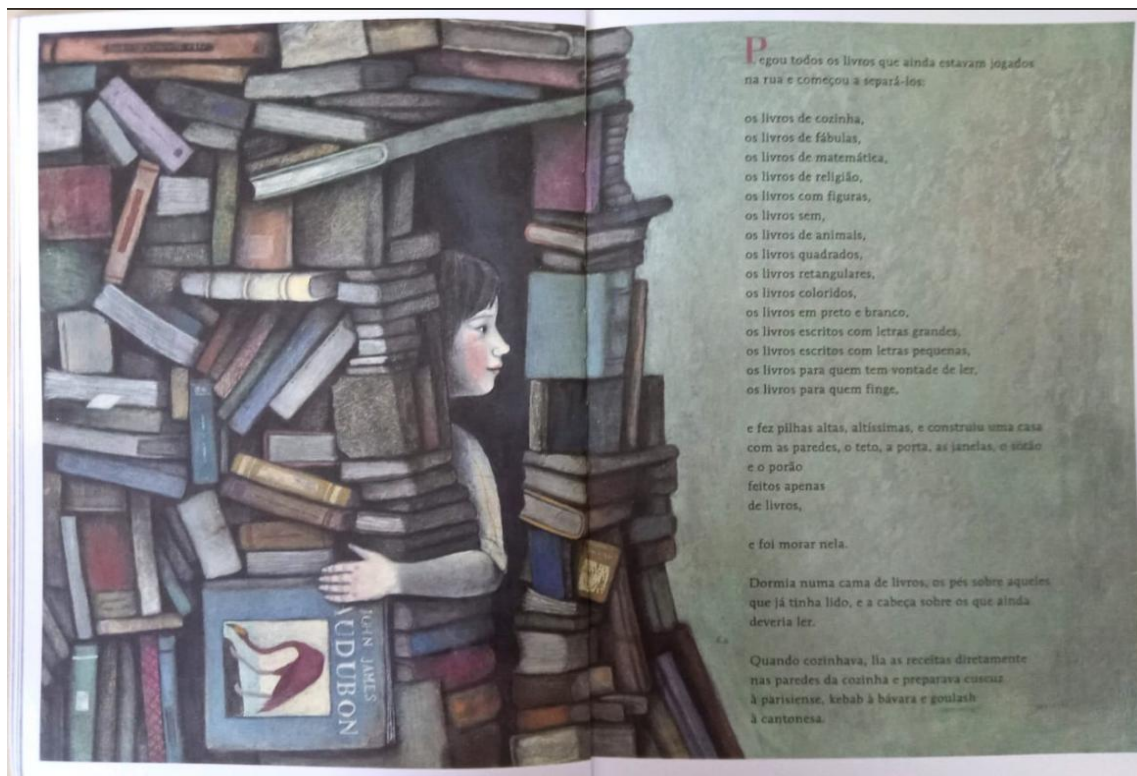
Fonte: Livro “Os livros de Maliq”

Ao iniciar este trecho da narrativa, imediatamente associamos a mensagem do IBBY às crianças do mundo, por ocasião do Dia Internacional do Livro Infantil 2023. Uma mensagem de apelo, de solicitação de cuidado, de chamado explícito à leitura. Na narrativa, temos uma clara demonstração da relação que muitas pessoas têm com um livro, sobretudo no trecho “Quando caiu a tarde e último livro foi jogado na rua”. O jogar pode comunicar o desprezo tanto pelo livro, quanto por Maliq. Assim, como a desumanidade impressa na cena pode ser consequência exatamente da falta de leitura, por parte dos irmãos de Maliq, o que reafirma a importância da leitura e da literatura, no sentido de nos emocionar, indignar e humanizar. Como diz Todorov (2021, p. 86)

O objetivo da literatura é representar a existência humana, mas a humanidade inclui também o autor e o seu leitor. ‘Você não pode se abstrair dessa contemplação; pois o homem é você, e os homens são o leitor. Por mais que faça, sua narrativa sempre será uma conversa entre você e esse

leitor'. A narrativa está necessariamente inserida num diálogo do qual os homens não são apenas o objeto, mas também os protagonistas.

**Figura 44** - Caracterização de livros



Fonte: Livro “Os livros de Maliq”

Ao nos depararmos com esta página, após tantas outras de livros teóricos falando sobre o que é o livro, não conseguimos deixar de registrar a emoção, foi um grande momento de encantamento, ao encontrar num único lugar, por meio de duas artes - a literatura e a ilustração, uma definição tão completa sobre o livro, sobretudo o livro para crianças.

A alegoria da casa construída por livros estabelece uma super metáfora, de um poder simbólico maravilhoso. Não à toa, Fittipaldi (2008, p. 103) afirma que “toda imagem tem alguma história para contar. Essa é a natureza da narrativa da imagem. Suas figurações e até mesmo formas abstratas abrem espaço para o pensamento elaborar, fabular e fantasiar”.

Na literatura, um texto fictício, não poderia trazer tanta aproximação com o mundo real. Num só lugar, a autora e a ilustradora trazem o universo do livro em relação às temáticas, às finalidades, ao projeto editorial, com uma beleza estética encantadora e leve. Capaz de nos remeter enquanto adultos para um universo que ao mesmo tempo é imaginário, expressa muita realidade, no dialético mundo das infâncias, o que provoca emoção e reflexões. Isso ocorre da maneira como afirma Todorov (2021, p. 78)

[...] a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial.

**Figura 45** - Relação livros x homens



Fonte: Livro “Os livros de Maliq”

Em “Os livros de Maliq” identificamos um encontro mágico entre a ficção, a narrativa visual e o valor do livro na vida da escritora Lygia Bojunga (2008) em seu livro “Feito à mão”. Para a autora, assim como para Maliq, os livros foram usados para tudo, um diálogo não intencional, entre a arte e o real. Materializando esse encontro, o trecho de “Os Livros de Maliq”, belo em alegorias e metáforas “[...] e fez pilhas altas, altíssimas, e construiu uma casa com as paredes, o teto, as portas, as janelas, o sótão e o porão feitos apenas de livros, e foi morar nela” (Predicatory, 2021). Em Bojunga (2008), encontramos o sentido para a construção textual citada, retratado pela autora “[...] para aprender a usar a imaginação, pra enfeitar sala quarto a casa toda, pra ter companhia dia e noite, pra aprender a escrever, para sentar em cima, pra rir, pra gostar de pensar, [...]”.

A escritora chilena Maria José Ferrada emplaca três obras: “México: o nome do

navio” (2020), “Crianças” (2020) e “Meu bairro” (2020). Ilustrados por Ana Penyas (Espanhola) - os dois primeiros, Maria Helena Valdez (Venezuelana). Em concordância com Marilda Castanha (2022, p. 311), “São livros com temas, abordagens e concepções corajosas e ousadas. [...], se revelam como genuínas obras literárias e atemporais”. São livros potentes nas artes - literatura e ilustração, bem como em seu projeto gráfico. A autora dos livros convicta de que as crianças estão inseridas na mesma realidade violenta dos adultos, tenta por meio de sua arte promover a reflexão e o debate sobre temas do cotidiano, a saber: o refúgio da guerra, genocídio infantil e a velhice.

Em “Mexique: o nome do navio”, Ferrada (2020) e Penyas trazem a força da temática do exílio de 456 crianças, filhos de republicanos espanhóis, que os pais decidiram enviar para o México em decorrência da guerra civil, conforme o trecho “Zarpamos, e os adultos ficam na margem até ficarem minúsculos”.

A arte construída a partir de um fato histórico real ganha seu contorno artístico por meio de uma narrativa em primeira pessoa, cujos verbos garantem a leveza de uma temática tão devastadora - a guerra. Isso é possível perceber em toda a narrativa escrita, mas vamos evidenciar com os períodos “A noite, fecho os olhos e sinto como as ondas batem. Creio que elas dizem algo ao navio”.

Castanha (2022) afirma que o livro é atemporal. De fato, a maneira como constrói o texto, ora tecendo com o verbo no presente, assim como define “guerra”, além da sua arte visual, consolidamos com o trecho “A guerra é um ruído fortíssimo. A guerra é uma mão enorme que te sacode e te joga dentro de um navio” (Ferrada, 2020). Neste sentido, Eagleton (2021, p. 123) diz que um texto é literário quando não está ligado a um contexto específico. Embora “Mexique: o nome do navio” tenha sido feito a partir de um fato real, ele estabelece diálogo com o leitor a qualquer tempo. No momento desta escrita, por exemplo, muitas crianças sofrem com a guerra na faixa de Gaza e na Ucrânia e o livro, inevitavelmente, nos leva a associar ao momento presente da história.

“Mexique: o nome do navio” é aquela “obra literária que produz tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação”. (Todorov. 2021, p. 78). No trecho a seguir, por exemplo, não há como deixar de associar as crianças maiores do navio com aquelas que em muitas comunidades cuidam dos irmãos mais novos, enquanto seus pais trabalham, ou mesmo aquelas que perdem os pais muito cedo e cuidam dos irmãos órfãos.

Alguns choram. Sobretudo à noite. Dizem que sonham que a terra se desfaz.  
As casas se desfazem, e a memória deles é apagada.  
Clara, Sonia, Eulália, Maria nos despertam.  
Dizem que é só um sonho,  
um que vários sonhamos ao mesmo tempo.  
Clara, Sônia, Eulália, Maria, nossas irmãs, recolhem as lágrimas em lenços e  
pela manhã as devolvem. (Ferrada, 2020)

Em “Crianças” encontramos a intensidade do lamentável e triste fato histórico de extermínio de crianças na ditadura chilena, a execução e o desaparecimento de 34 delas. O livro estrutura-se por meio da linguagem textual, os poemas: curtos, que entrelaçam vários elementos - as crianças, principalmente por meio dos títulos dos poemas - O NOME DE CADA CRIANÇA, como por exemplo, Alicia, Marcela, Felipe; suas preferências e vontades associadas ao imaginário - “[...] prefere os balões com os quais se decora a casa para a festa”, “Ela gosta do barulho que as gotas de chuva fazem quando caem no telhado” (Ferrada, 2020).

Os elementos da natureza estão no livro estabelecendo lindas metáforas - “Virou amigo do pássaro que vive na árvore em frente a sua janela”; As estações do ano marcam uma gradação que permite ao leitor a emoção da intensidade dos momentos passageiros e evolutivos, dando “sentido aos ciclos de nascimento, maturação e morte que compartilhamos com os demais organismos vivos”. (Reyes, 2021, p. 121), conforme os versos - “Outono-folhas. Inverno, ramos. Primavera, folhas e brotos. Verão, frutos”; entrelaçado entre palavras e imagens.

Sendo a literatura uma encenação de voz e de palavras (Reyes, 2021, p. 125) é interessante observar o movimento de “buscar/produzir significado”, por meio de cada poema referente a uma das crianças executadas ou desaparecidas, bem como pela leveza com qual a autora constrói os poemas. Destacamos o poema “Luz”, que homenageia uma criança executada com um mês de vida.

Quando crescer, será colecionadora de sons:  
As folhas e o vento.  
Os passos de seu pai ao subir as escadas.  
O nascimento dos brotos nos vasos.  
O canto com que a avó a faz dormir.  
Deixará guardados em uma caixa de fósforos.  
Assim poderá tê-los sempre no bolso,  
e sacá-los cada vez que os queira escutar. (Ferrada, 2020)

Ao mesmo tempo que Ferrada provoca reflexões e debates com o tema duro e difícil como o genocídio de crianças, ela faz uma homenagem às 34 crianças e por meio da arte

realiza uma reparação histórica referente à execução e desaparecimento destas. Dentre os documentos que estudamos para esta análise, a partir do texto de Castanha (2022) direcionamos para a matéria do Correio Brasiliense (05/02/2021), texto de Adrian Izel, no qual Ferrada deixa muito claro sua preocupação com a maneira como o estado chileno trata um fato tão grave e tão cruel.

Percebi que era e ainda é uma homenagem pendente. Os nomes desses meninos e meninas aparecem nos relatórios oficiais elaborados pelo estado chileno, mas ao lado de outros três mil nomes. Não há separação que indique que, no momento em que foram executados ou desapareceram, eram crianças. Sua história, embora escrita nos livros oficiais, continua sendo marginal e desconhecida. (Ferrada, 05/02/2021, Correio Brasiliense)

No livro “Meu Bairro”, Ferrada e Penyas estabelecem um diálogo simples, bonito e rico do ponto de vista artístico entre literatura e ilustração, de modo que as linguagens escrita e visual se completam, dando força para a construção da narrativa. As imagens e o texto literário retratam um passeio diário de “dona Marta”, uma senhora que todos os dias repete sua rotina de forma independente. Isso estabelece o que Fittipaldi (2008, p. 105) retrata de modo consistente a relação texto x imagem. “A imagem narrativa, ao bem ilustrar um texto literário, não se perde na pretensão de superar o texto, mas se adere a ele com a intenção de colaborar na sua percepção, amplificar suas vozes, dispor da degustação de seus sabores”.

Os personagens da história aparecem nas imagens, mas permanecem na narrativa com a invisibilidade de seus nomes, assim como ocorre no realismo social das comunidades. O tempo da narrativa ocupa um lugar de destaque na construção do conto, uma vez que tudo ocorre ao longo do dia, presente em trechos como: “A primeira coisa que a Dona Marta faz pela manhã...”, “A luz da lua há pouco substituiu a do sol”. Embora a história ocorra durante um dia, há referência de um tempo muito maior, como por exemplo, “O mesmo que tomou nos últimos 50 anos”, “A Dona Marta diz que os anos se acomodam entre a pele...”.

A narrativa traz uma pessoa idosa como protagonista, uma idosa ativa, que faz sua locomoção sozinha, conhece a todos e todos a conhecem. O desfecho do texto escrito, a autora traz uma camada de significados por meio de pensamentos da personagem, registrado no livro de modo destacado, com letras em vermelho, fonte maior que o restante do texto “As vidas, assim como as meias, são elásticas”.

Ao construir o entrelaçar estético dos livros analisados, considerando as duas categorias que definimos como *Corpus* de nossa pesquisa - Categoria Criança e Categorias Tradução/Adaptação Criança, uma característica merece destaque ao compará-las. Os livros

produzidos nacionalmente, em linhas gerais, trazem belíssimos e diversificados projetos gráficos, ilustrações potentes, textos em sua maioria, marcados por ficção, metáforas, camadas significativas, presença de elementos culturais e históricos, porém são textos relativamente curtos. Este é o elemento que difere da produção que tivemos acesso da categoria tradução/adaptação para criança, os textos são de extensão muito maior.

O conjunto de livros analisados provoca “a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica”. (Vigotski, 2009, p. 14). As artes - literatura e ilustração nestas obras provocam reflexões, incômodos, emoções. Os projetos gráficos, por sua vez, estão como elemento estético dos livros, estes constituem um emaranhado rico e atrativo aos leitores.

## 6 ACABAMENTOS INACABADOS

Em relação à literatura infantil observamos sua evolução enquanto arte, uma vez que sua origem estava diretamente ligada às finalidades pedagógicas, associadas à nova concepção de criança que surge a partir do final do século XVIII, início do século XIX. Quando estas saem da corte e passam a ser escolarizadas, surge nesse universo o livro para criança, suporte de registro das narrativas infantis. Portanto, esse processo evolutivo não ocorreu de modo isolado, a literatura infantil nos dias de hoje vem desbravando um espaço significativo no universo da arte para a infância, que traz em seus diversos modos de narrativas escritas, histórias que podem favorecer aos leitores infantis sua formação humana.

De outra maneira, infelizmente, ainda há espaços no meio acadêmico, na educação formal para o entendimento equivocado de que a literatura infantil deva ser um instrumento pedagógico, sobretudo com a ampliação das políticas públicas de Educação Infantil e Alfabetização. No âmbito das universidades, a literatura infantil ainda ocupa um lugar marginalizado, periférico, como se fosse uma arte menor, exemplo claro disso, são os currículos de cursos de graduação de Letras e Pedagogia. Restrinjo a este a exemplificação por algumas razões: O primeiro, enquanto licenciatura tem a finalidade clara de formar professores que devem atuar, em tese, ministrando disciplinas de linguagem também para crianças, se considerarmos a questão da idade/série definida pelo Ministério da Educação (MEC). Isso já é motivo o bastante para que o currículo do curso tenha disciplinas na área de Literatura Infantil. O segundo, na mesma esfera de licenciatura, é responsável pelo ensino da Educação Infantil e Ensino Fundamental 1, logo, os pedagogos licenciados, em tese, são os professores de bebês, crianças pequenas e crianças maiores, considerando a etária, atuarão com crianças por bastante tempo da vida delas, o que compreendemos como fator de relevância suficiente para ter no currículo as disciplinas de Literatura para a infância.

A presença de literatura para as infâncias pode contribuir para que mais rapidamente os educadores utilizem não para ensinar, embora isso ocorra naturalmente, mas para proporcionar às crianças experiências leitoras, estéticas, artísticas. Muito se fala em relação à falta de criticidade dos leitores brasileiros, da falta de aprendizagem de leitura pelas crianças, adolescentes e jovens. Inúmeras são as estratégias apontadas por especialistas para que estes sujeitos aprendam a ler e escrever, mas o fato é que pouco se consegue fazer para desenvolver um leitor crítico, talvez pelo simples motivo de não favorecer aos estudantes a possibilidade

de leitura espontânea, de diálogos a partir da leitura de algum livro, por não possibilitar fruição estética, tanto em relação ao texto quanto em relação às imagens.

Um caminho para consolidar esta perspectiva é realizar atualizações nos currículos nos referidos cursos de graduação. Vale o registro, que a presença das literaturas para a infância em currículos de graduação de universidades de algumas regiões do país, já são uma realidade; não é o caso da Universidade Federal do Oeste do Pará, que mesmo tendo ao menos duas bibliotecas com acervos destinados prioritariamente ao público infantil e juvenil, ainda não é possível identificar a presença de tal conhecimento no currículo de Letras.

A responsabilidade de formar profissionais bem preparados para atuarem na Educação é da academia, se ela não favorece um currículo em que o conhecimento das diversas artes, dentre elas a literatura para a infância, pode estar contribuindo para que as crianças não tenham acesso aos aspectos culturais por falta de caminhos reais que os professores muitas vezes não têm para possibilitar a experiência estética com as artes presentes no livro para criança.

As discussões levantadas em nossa pesquisa em relação aos livros para criança com o selo “Altamente Recomendável” da FNLIJ vêm fortalecer esta necessidade urgente, pois os equívocos continuam sendo frequentes nas salas de aula. Entendemos que se faz necessário ampliar as discussões sobre literatura para o público infantil em nosso contexto local e regional, para que possamos promover o conhecimento literário e o acesso aos livros literários de melhor qualidade a todas as crianças matriculadas nas escolas, como direito delas aos mais variados bens culturais, dentre eles, o livro.

Não dá para garantir de que as crianças com acesso à literatura, à ilustração, desde pequenas sejam leitores literários quando adultos, mas não garantir essa possibilidade a eles caracteriza-se fatalmente como uma imprudência, uma irresponsabilidade com o direito da criança à leitura, à literatura, à ilustração e ao livro.

Em relação ao acesso aos livros, ditos de melhor qualidade, pela FNLIJ, ao longo da pesquisa, perseguiu-nos o pensamento – as crianças das escolas públicas de educação infantil e ensino fundamental, dos lugares de maior precariedade econômica, têm acesso a essa produção considerada de melhor qualidade? É sabido que a maioria das crianças, cujo contexto social é de baixo poder econômico, só tem oportunidade de acesso ao livro na escola, daí ser de fundamental importância que todas as escolas tenham biblioteca. Sendo esta uma discussão que perpassa por muitas instâncias da estrutura social de nosso país.

Alguns poucos avanços são percebidos, como a criação de leis, como por exemplo, a Lei nº 13.696/2018 que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), o Decreto nº 7.559/2011 e atualizações que dispõem do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), a Lei nº 12.244/10 que estabeleceu o prazo máximo de dez anos, para que todas as instituições de ensino contem com a biblioteca escolar, cujo prazo foi ampliado pela Lei nº 9.484/18, para 2024; embora na prática, pouco se observa em relação ao cumprimento destas.

A compra e distribuição de livros de literatura para o público infantil, certamente é uma política pública importante, porém precisa de aprimoramentos. Não basta comprar e distribuir livros, precisa garantir o direito ao acesso e a leitura deles pelas crianças. No momento desta produção, estavam ocorrendo as Conferências Municipais de Educação, preparação para a Conferência Nacional de Educação (CONAE) 2024, onde serão estabelecidas as metas para o Plano Nacional de Educação (PNE), decênio 2024 – 2034. Aqui deve ser restabelecida a meta definida pelas leis referentes ao prazo de implantação de bibliotecas escolares.

Porém, assim como não basta comprar e distribuir livros, não basta reestabelecer a meta no PNE, é primordial que estas sejam entrelaçadas com amarrações seguras, consistentes, cuja seriedade do processo perpassa pela garantia de orçamento público para a infraestrutura, mobília, acervo, manutenção de espaço; contratação de bibliotecários; formação continuada para todos os profissionais da escola.

A concepção de biblioteca exige dos profissionais das diversas áreas, que fazem educação, precisa dar conta de alinhar, sobretudo as divergências, por entendermos que um lugar de ler, de uma escola da educação básica, cujo público, em sua maioria, são crianças e adolescentes, deva ser um lugar confortável, harmonioso, acolhedor, ou seja, humanizado, respeitando a diversidade cultural presente na comunidade escolar, o lugar de ler precisa ser antes de tudo, acessível.

Para além do acesso ao livro, faz-se necessário o engajamento de luta para que os livros distribuídos por meio dos programas de governo tenham a mesma qualidade daqueles disponibilizados ao público por meio de sites especializados em vendas, bem como por meio das livrarias. Tal situação ocorre principalmente no que diz respeito às características materiais. Sobre este aspecto, observamos que embora leis, pesquisas, debates em eventos discutam sobre os livros voltados para o exercício da inclusão, no âmbito da premiação da FNLIJ não há nenhuma iniciativa voltada para essa criança, o máximo que encontramos são

as temáticas de inclusão e de afirmação, mas do ponto de vista de designer do livro, nada foi encontrado.

De um lado, tem-se a indústria editorial apegando-se ao argumento de que custa caro esse tipo de produção e não há mercado que justifique tal investimento. Do outro, temos crianças deficientes, sendo privadas do direito à leitura por meio do bem simbólico estruturado adequado, que propicie uma experiência leitora realmente significativa. Por meio do contexto pesquisado, talvez a fundação tenha em mãos, a oportunidade de estimular a produção de livros para criança, de perspectiva inclusiva, estabelecendo em seu regulamento do prêmio anual uma categoria para este fim. Fortalece esta iniciativa, se o estado, venha estimular e subsidiar financeiramente essa produção, ao menos para que os livros com estas características cheguem aos leitores, às crianças de modo acessível, com preço comprável por todos os públicos, quem sabe assim, inaugura-se no Brasil, um novo tempo, de experiências leitoras inclusivas.

Estabelecer as discussões referentes às tendências da produção editorial de livros para criança nos faz escolher para o acabamento de nosso tecido, as mais delicadas formas de tecer. Nelas estão nossas indicações.

A todos nós envolvidos na efetivação das políticas públicas de leitura e literatura infantil, maior engajamento na luta pela garantia de direito às crianças ao acesso à leitura dos livros com selo “Altamente Recomendável”, além dos premiados, e dos demais que embora não estejam nesta lista, tem em sua estética a arte, a cultura e a história a todas as escolas públicas de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Às editoras e aos bibliotecários, maior cuidado quanto ao uso adequado da palavra “literatura” na identificação dos livros para criança. Isso demonstrará maior responsabilidade com as crianças, com os consumidores adultos e com a própria arte literária.

À FNLIJ, que possa estabelecer no Prêmio Anual, maior representatividade de leitores-votantes de outras regiões do país.

Ao curso de Letras do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Oeste do Pará, a criação de disciplinas do campo de estudo Literatura Infantil no Curso de Licenciatura em Letras, possibilitando aos graduandos, experiências leitoras de livros de literatura para a infância, além de possibilitar um novo campo de pesquisa nesta universidade.

Ao Lelit, a formalização da parceria entre a FNLIJ e Lelit/Ufopa. Para nós, pesquisadores do campo de pesquisa de leitura, literatura infantil e bibliotecas, possamos continuar pesquisando, de modo mais integrado, nos fortalecendo, consolidando projetos em

rede como as bibliotecas oriundas dos projetos de pesquisas dos Lelitanos do PPGE, do PPGL, do Proletras e das graduações de Letras e Pedagogia.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Aline. **Achou?** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.
- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade.** São Paulo: Paz e terra, 2002.
- ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética.** Lisboa: Edições 70, 2011.
- ALAMBERT, Francisco. Arte como mercadoria: crítica materialista de Benjamin. *In:* MACHADO, Carlos E. J.; MACHADO Jr., Rubens; VEDDA, Miguel. (org.). **Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas.** São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- ALARCÃO, Renato. As diferentes técnicas de ilustração. *In:* OLIVEIRA, Ieda de. (org). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador.** São Paulo: DCL, 2008.
- ALFONSO, Emília Gallego. **Despalavra e moralidade na literatura infantil**, *in:* SERRA, Elizabeth (org.). *Ética, Estética e Afeto na Literatura para crianças e jovens.* São Paulo: Global, 2001.
- ALMEIDA, Maria do Socorro; SOUZA, Ayanne Larissa. Análise literária, uma aventura pelo labirinto do texto. **Revista Científica do UniRios**, 2021.1. Disponível em: [https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2021/30/analise\\_literaria\\_uma\\_aventura\\_pelos\\_labirintos\\_do\\_texto.pdf](https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2021/30/analise_literaria_uma_aventura_pelos_labirintos_do_texto.pdf). Acesso em: 12 abr. 2022.
- ALVES-MAZZOTTI. Relevância e Aplicabilidade de Pesquisa em Educação. **Scielo. Cad. Pesquisa**, Jul 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Ly5RGTH4Yj8zGKbfz6DQFtC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 04 jul. 2023.
- ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos.** Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- AZEVEDO, Flávia. **Gaspar e o Rio.** São Paulo: Aletria editora, 2021.
- BAGNO, Marcos. **O sopro do leão.** Porto alegre: Edições Olho de Vidro, 2021.
- BARCOW, Vera. Prefácio da Tradutora. *In:* GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos de fadas dos Irmãos Grimm.** (Trad. Vera Barkow). São Paulo: Paulinas, 2021.
- BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis:** sobre leitura e crítica. Tradução Carolina Tárreo, São Paulo: Livros da Matriz, 2014.
- BISSOLI, Michelle de Freitas. Desenvolvimento da Personalidade da Criança: o papel da educação infantil. **Psicologia em estudo.** Maringá: v. 19, n. 4 p. 587-597, out./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-73722163602>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- BOJUNGA, Lygia. **Livro – um encontro.** Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.
- BOJUNGA, Lygia. **Feito à mão.** – Rio de Janeiro, 4ª edição, 2008.

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2002. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. - São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. **Políticas públicas para a primeira infância: Lei federal nº 13.257, de 08 de março de 2016**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm). Acesso em: 26 julho 2023.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9099.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9099.htm). Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Resolução/CD/FNDE nº 42, de 28 de agosto de 2012. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para a educação básica**. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/legislacao-pnld/resolucao-cd-fnde-no-42-de-28-de-agosto-de-2012>. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Resolução nº 11, de 16 de agosto de 2023. Dispõe sobre as normas de conduta no âmbito do Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD**. Diário Oficial da União, publicado em 30 ago. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/legislacao-pnld/resolucao-n-11-16-8-2023-normas-e-condutas.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Dados Estatísticos PNLD Didático 2023 e PNLD Literário**. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>. Acesso em 25 nov. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2022: Resumo Técnico**. Brasília, 2023.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso: leitura e formação**. 1º Ed., - São Paulo: Pulo do gato, 2015.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da Leitura - Biblioteca e Formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Pesquisa em Educação e formação pela pesquisa: nada é tão simples quanto quer parecer. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 21, n. 3, p. 807-827, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3741/3497>. Acesso em: 01 abr. 2022.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Os incômodos com, da e pela literatura infantil. **YouTube**, 25 de março de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LekvDNnvu2Q&t=1717s>. Acesso em: 18 de ago. 2022.

BRITTO, Luiz Percival Leme; GIORGI, Cristiane Amaral. “**Leitura do mundo**” e Educação em Paulo Freire. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 43, e258577, 2022.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**, in: *Vários Escritos*, Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CANTON, Katia. **Palavras sapecas**. São Paulo: Carochina, 2019.

CARVALHO, Caroline. **Passarinhos**. São Paulo: Aletria editora, 2020.

CASTANHA, Marilda. Sobre memórias e limiars dos livros ilustrados: uma análise dos livros mexique:o nome do navio, crianças e coisas para deslembrar. **Miscelânea**, v. 32, p. 309-330, jul.- dez. 2022. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/2410/2081>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CAULOS. **O livro das Palavras**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean *et al* A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa**. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora UNB, 1998.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. **Revista Humanidades**, São Paulo: Estudos Avançados/USP, v. 24, n. 69, p. 7 - 30, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000200002>. Acesso em 30 out. 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**, Salvador: Secretaria de cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLETTI, Luiz Henrique; BARCELLOS, Marília de Araújo. Santa Maria: UFSM, 2016.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. (tradução Laura Sandroni). São Paulo: Global, 2017.

CONSTÂNCIO, Patrícia. Literatura e Teatro Infantil: um olhar a partir do texto literário. <https://cbtij.org.br/>. 2013. Disponível em: <https://cbtij.org.br/literatura-e-teatro-infantil-um-olhar-partir-texto-literario/>. Acesso em 14 jun. 2023.

CORSINO, Patrícia. **Infância, Práticas Culturais, Leitura e Literatura no Contexto da Democracia**. 38a Reunião Nacional da ANPED – 01 a 05 de outubro de 2017 – UFMA – São Luís/MA.

COSTA, Cristiane; SILVA, Bruna. A produção literária para crianças e jovens: Distribuição e pertinência em categorias da FNLIJ. *In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL*, 17, 2009. Disponível em: [https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/](https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/). Acesso em 12 jun. 2023.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. (Trad. Sandra Vasconcelos). - São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

CUNHA, Léo; MASSARANI, Mariana. **O livro maluco das porções mágicas**. São Paulo: Editora do Brasil.

DAHER, Julina; FARIAS, Fabíola. **O livro das perguntas**. Belo Horizonte, Ed. das autoras, 2023.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: Passado, presente e futuro**. (Trad. Daniel Pellizzari). SP: Companhia das Letras, 2010.

DUARTE, Newton; FONTE, Sandra Soares Della. **Arte, conhecimento e paixão na formação humana: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Porto Alegre, LPM Editora, 2021.

ECO, Umberto. **Sobre Literaruta – Livro vira vira**. (Trad. Eliana Aguiar). Rio de Janeiro, BestBolso, 2011.

ESTATUTO da criança e do adolescente. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

FARIAS, Fabíola; FERNANDES, Cleide. **Apontamentos sobre livros para crianças no Brasil: criação, edição e circulação**, PINHEIRO, Marta Passos; ANDRADE, Jéssica M. (org's.). Literatura Infantil e Juvenil: campo, materialidade e produção, Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019.

FARIAS, Fabíola Ribeiro; BRITTO, Luiz Percival Leme; SANTOS, Zair Henrique. O que faz de "Minsk" e "Luciana" livros para crianças: concepções de crianças e leitura em projetos editoriais. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 115 a 129. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n78p115-129>. Acesso em: 27 maio 2022.

FERRADA, Maria José. **Crianças**. Rio de Janeiro, RJ: Pallas mini, 2020.

FERRADA, Maria José. **Meu bairro**. Rio de Janeiro, RJ: Pallas mini, 2020.

FERRADA, Maria José. **Mexique: o nome do navio**. Rio de Janeiro: Pallas mini, 2020.

FERREIRA, Anália; SILVA, Márcia. Livro infantil na categoria criança da FNLIJ: design, ilustração e comunicação na primeira década de premiação. **Interletraas**, v. 6, Edição número 24, Outubro de 2016 - Abril de 2017. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/338337531\\_LIVRO\\_INFANTIL\\_NA\\_CATEGORIA\\_CRIANCA\\_DA\\_FNLIJ\\_design\\_ilustracao\\_e\\_comunicacao\\_na\\_primeira\\_decada\\_de\\_premiacao](https://www.researchgate.net/publication/338337531_LIVRO_INFANTIL_NA_CATEGORIA_CRIANCA_DA_FNLIJ_design_ilustracao_e_comunicacao_na_primeira_decada_de_premiacao). Acesso em: 13 jun. 2023.

FNLIJ. **Mensagem do IBBY às Crianças do mundo no Dia Internacional do Livro Infantil 2023**. Rio de Janeiro, 30 mar. 2023. *Facebook*: Fnlij - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Disponível em: [https://www.facebook.com/FNLIJ?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/FNLIJ?locale=pt_BR). Acesso em: 26 maio 2023.

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa? *In*: OLIVEIRA, Ieda de. (Org.) **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**, São Paulo: DCL, 2008.

FREITAS, Tino. **Os invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. **Contrapontos**, volume 3, n. 3, p. 393 - 405, Itajaí, set./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/735/586>. Acesso em 19 de jul. 2023.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, SP, v.26, n.2, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 jul. 2023.

GOMES, Cristiana. **O pai da mamãe**. São Paulo: Caixote, 2020.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos de fadas dos Irmãos Grimm**. (Trad. Vera Barkow). São Paulo: Paulinas, 2021.

HANSEN, João Adolfo. **O Que É Um Livro?** Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

IZEL, Adriana. Escritora chilena trata de genocídio infantil, refugiados e velhice em obras. **Correio Brasiliense: Literatura infantil**. Disponível em:

<https://www.correiobrasiliense.com.br/diversao-e-arte/2021/02/4904419-escritora-chilena-trata-de-genocidio-infantil-refugiados-e-velhice-em-obras.html>. Acesso em: 03 fev. 2024.

JELLA Lepman e a maior biblioteca infantojuvenil do mundo. **Ecofuturo**, 2023. Disponível em: <http://www.ecofuturo.org.br/blog/jella-lepman-e-a-maior-biblioteca-infanto-juvenil-do-mundo/>. Acesso em: 16 maio 2023.

JUNQUEIRA, Cecília Costa. Entrevista com Laura Sandroni e Elizabeth Serra. *In*: SANDRONI, Laura; MACHADO, Luiz Raul; SERRA, Elizabeth. **Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ**. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008.

KLEIN, Cristian. Leitura básica de professores é ‘best-seller’. **Jornal do Brasil**. 25 de abril de 1999. Sessão Bleitura. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_11&pagfis=274692](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pagfis=274692). Acesso em: 16 maio 1999.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. Atas CIAIQ 2015. **Investigação Qualitativa em Educação**, v. 2, p. 243-247, 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>. Acesso em: 03 jul. 2023.

LACERDA, Nilma. **Cartas do São Francisco - Conversas com Rilke à beira do rio**, 1999. *In*: SERRA, Elizabeth (Org.). **Ética, Estética e Afeto na Literatura para crianças e jovens**, São Paulo: Global, 2001.

LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira e estudos literários. **SciELO**. Estudos. Literatura Brasileira Contemporânea, jul-dec 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/4Jd4BDqVFQVQLzNykYnYPpQ/?lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2023.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: Histórias e Histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma nova outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.

LEITE, Márcia. A produção editorial do livro infantil. **YouTube**. 02 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NdUx3u0uRik&t=1480s>. Acesso em 11 abr. 2022.

LEE, Suzy. **Rio, o cão preto**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

LIMA, Telma Cristiane; MIOTO, Regina Célia. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jul. 2023.

LIMA, Lulu. **O menino baleia**. São Paulo: Mil Caraminholas, 2021.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: SESI-SP, 2018.

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. **SciELO, dossiê: literatura infantojuvenil**, Estudo Literatura Brasileira Contemporânea. 36, Jul-Dec 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/Frg9RcVgSq3Y3zvR3rHdgVB/?lang=pt>. Acesso em 14 jun. 2023.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista**: sobre a categoria da particularidade. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. **A criança e a leitura literária**: livros, espaços, mediações, Curitiba: Positivo; Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 2012.

MACHADO, Regina. Reconto da Tradição Popular. *In: Catálogo de Bolonha Literatura 2018: Ficção, informativos, artes - Educação Infantil, Fundamental 1*. Editora moderna, 2018. Disponível em: [https://www.santillanaespanol.com.br/data/ArquivoDigital/Literatura/Fund1/Moderna\\_Literatura\\_Catalogo\\_EF1.pdf](https://www.santillanaespanol.com.br/data/ArquivoDigital/Literatura/Fund1/Moderna_Literatura_Catalogo_EF1.pdf). Acesso em: 14 jun. 2023.

MAINARDES, Jefferson. Grupos de pesquisa em educação como objeto de estudo. **Caderno Pesquisa**, São Paulo, v.52, e 08532, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/6cNpjBBjGGcLcQSzMwK56jg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2023.

MATTOS, Margareth; SOUZA, Raquel Cristina. O livro (ilustrado) informativo na produção editorial brasileira: uma análise dos livros premiados na categoria informativo do prêmio FNLIJ 2020 – Produção 2019. **Revista Leia Escola**, v. 21, n. 1, abril 2021. Disponível em: [https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/31121/1/Revista%20Leia%20Escola\\_V21.pdf](https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/31121/1/Revista%20Leia%20Escola_V21.pdf). Acesso em: 12 jun 2023.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1630/1371>. Acesso em: 05 de maio 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

MICELI, Sérgio. Introdução: a força do sentido. *In: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas*. - São Paulo: Perspectiva, 2007.

MOLLIER, Jean-Yves. A história do livro e da edição. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 25, nº 42: p.521-537, jul/dez 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/jBVwd3SnhDW6jf47KzS68mt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2023.

MORAES, Odilon. **O projeto gráfico do livro infantil e juvenil**. *In: OLIVEIRA, Ieda. (Org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil*. São Paulo: DCL, 2008.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. **Itinerários**, Araraquara, 17: 179 - 187, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/3458/3222>. Acesso em: 27 de maio 2022.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Métodos de Alfabetização no Brasil: uma história concisa**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Abre! Abre! A história do primeiro livro de Arthur. **Literatura & Educação**. 02.01.2023. Disponível em: <https://www.mariamortatti.com.br/2023/01/abre-abre-historia-do-primeiro-livro-de.html?m=1>. Acesso em 25 out. 2023.

MUNDIT, Renata. A adaptação na tradução de literatura infanto-juvenil: necessidade ou manipulação? *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências, XI, 2008, São Paulo: USP, **Anais online**, 2008. Disponível em: [https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/073/RENATA\\_MUNDT.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/073/RENATA_MUNDT.pdf). Acesso em 13 jun. 2023.

MUNIZ JR, José de Souza. O editor como (mediador) intelectual e o espaço editorial como ilusão de óptica: apontamentos teórico-metodológicos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – 2 a 7/09/2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0068-1.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2022.

NEVES, André; MONTEIRO, Fábio; PONTES, Luciano. **Lua noite e dia**. São Paulo: Paulinas, 2019.

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo, Ática, 1999.

PAINEL do Varejo de Livros no Brasil: Resultado 2023 x 2022. Sindicato Nacional dos Editores. Disponível em: [https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2024/01/SNEL\\_13\\_2023\\_-\\_13T\\_2023.pdf](https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2024/01/SNEL_13_2023_-_13T_2023.pdf). Acesso em 15. jun. 2022.

PACHECO, Maria Clara de Oliveira; PETRY, Arlete dos Santos. O processo criativo do livro ilustrado: uma experiência em artes visuais. **Revista Apotheke**, v. 6, n. 2, p. 175-190, agosto 2020. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18331>. Acesso em: 15 dez. 2022.

PAIVA, Flávio. Literatura de instrução infantil. **Jornal O povo**, Fortaleza, 08 de junho de 2021, Caderno Vida & Arte, p. 1-2. Disponível em: <http://www.flaviopaiva.com.br/artigos/literatura-de-instrucao-infantil/>. Acesso em 24 mar. 2023.

PARREIRAS, Ninfa. Por uma poesia para a infância. *In*: SILVA, Márcia; BERTOLETTI, Estela. (Orgs). **Literatura, Leitura e Educação**, Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/5gg44/pdf/silva-9788575114971.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PAIXÃO, Lorena Cecília. **Minha história de leitora, a pedagogia e o Lelit.** (TCC). Santarém - Pa: Ufopa/Iced/Pedagogia, 2016.

PIQUEIRA, Gustavo. **Nanão.** São Paulo: Pulo do gato, 2020.

PORTELLA, Oswaldo. Vocabulário etimológico básico do acadêmico de Letras. **Revista Letras**, Curitiba: UFPR, v. 33, p. 103 - 119, 1984. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewArticle/19320>. Acesso em: 09 jan. 2023.

PREDICATORI, Paola; FORLATI, Anna. **Os livros de Maliq.** Tradução: Izabella Marcatti. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2021.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual.** 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RAMOS, Flávia; FURTADO, Maria Izabel; Valentin, CARLA. Paratextos em livros literários infantis: entre textos, paratextos e leitor. **Interfaces**, Vol. 12 n. 1, 2021. Disponível em: [https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces). Acesso em 05 nov. 2023.

RAMPAZO, Alexandre. A materialidade do livro como elemento da narrativa. **Youtube.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5OszIuYYw00>. Acesso em 22 jan. 2024.

RAMPAZO, Alexandre. **Pinóquio: o livro de pequenas verdades.** São Paulo: Boitatá, 2019.

RETRATOS da Leitura no Brasil - 4ª edição Março/ 2016. Instituto Pró-Livro. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em 30 nov. 2023.

REVISTA DA PALAVRA. Rio de Janeiro: SESC Departamento Nacional, v. 1, n. 3, jul 2012. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/13434942/revista-palavra-2012-sesc>. Acesso em 15 dez. 2022.

REYES, Yolanda. **A substância oculta dos contos: as vozes e narrativas que nos constituem.** São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. Livro e multimodalidade: concepções em trânsito na obra de Gunther Kress. **Revista Dispositiva**, Belo Horizonte: PUC Minas/UFMG, v. 11, n. 20, p. 158 - 172 - ago/dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2022v11n20p158-172>. Acesso em: 09 jan. 2023.

ROMEU, Gabriela. **Irmãs da chuva.** São Paulo: Peirópolis, 2021.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Infâncias e Literatura: alguns aspectos sobre leituras e pesquisas com crianças. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 8 n. 34: Infância, Artes e Patrimônios Educativos III, 2021. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3098>. Acesso em 21 abr. 2022.

ROGERIO, Cristiane. Qual a vantagem de um livro-brinquedo? **Revista Crescer**, 2013. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI149565-17926,00.html>. Acesso em 16 jun. 2023.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n. 1, Jul, 2009.

SANDRONI, Laura. Três décadas do livro para crianças e jovens no Brasil. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1999, Seção Ideias/Livros. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_11&pesq=%22Altamente%20recomend%C3%A1veis%22&pasta=ano%201999\edicao%2000121&pagfis=311707](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pesq=%22Altamente%20recomend%C3%A1veis%22&pasta=ano%201999\edicao%2000121&pagfis=311707). Acesso em: 16 maio 2023.

SANDRONI, Laura. **A estética na literatura para crianças e jovens**, In: SERRA, Elizabeth (org.). *Ética, Estética e Afeto na Literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Global, 2001.

SANDRONI, Laura; MACHADO, Luiz Raul; In: SERRA, Elizabeth. **Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ**. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade**: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará. Campinas, SP: UNICAMP, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a subjetividade?** [tradução Estela dos Santos Abreu]. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2015.

SHERA, Jesse H.; EGAN, Margaret E. **Catálogos sistemáticos**: princípios básicos e utilização. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1969.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre livros e leituras**. Tradução Philippe Humblé e Walter Carlos Costa, 1851.

SERRA, Elizabeth. 1985 a 2008: Apresentação. In: SANDRONI, Laura; MACHADO, Luiz Raul; SERRA, Elizabeth. **Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ**. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008.

SILVA, Márcia; SOARES, Josiane. Prêmio FNLIJ “O Melhor Projeto Editorial”: elementos da materialidade no livro de literatura para crianças. **FonteiraZ**, – no 24 – julho de 2020, p. 138 - 152, São Paulo: PUC, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/view/46983>. Acesso em 14 jun. 2023.

SOBRE nós. **fnlij**, 2023. Disponível em: <https://fnlij.org.br/sobre-nos/>. Acesso em: 10 maio 2023.

SOUSA, Ruth, In: SANDRONI; MACHADO, p. 42. In: SERRA, Elizabeth. **Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ**. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

PAIVA, Flávio. Literatura de instrução infantil. **Jornal O POVO**. Caderno Vida & Arte, pág. 2, 08 de junho de 2021, Fortaleza.

VALDEMARIM, Vera Teresa. A construção do objeto de pesquisa. *In*: SILVA, Marilda da; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs). Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer [online]. São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/8w6rd/pdf/silva-9788579831294.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. (Trad. Caio Meira), 13ª ed. - Rio de Janeiro: DIFEL, 2021.

VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico - livro para professores**. Trad. Zoia Prestes, São Paulo: Ática, 2009.

VILELA, Fernando. **Abrapracabra no mundo**. São Paulo: Brinque-Book, 2021.

YVESMOLLIER, Jean. A história do livro e da edição: um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 25, no 42: p.521-537, jul/dez 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752009000200008>. Acesso em: 20 jul. 2022.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. (Tradução Waltesir Dutra). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ª ed. rev. atual e ampl. São Paulo: 2003.